



Biblioteca Breve

SÉRIE LITERATURA

A SÁTIRA
NA LITERATURA
MEDIEVAL PORTUGUESA
(SÉCULOS XIII E XIV)

COMISSÃO CONSULTIVA

JOSÉ V. DE PINA MARTINS
Prof. da Universidade de Lisboa

JOÃO DE FREITAS BRANCO
Historiador e crítico musical

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA
Prof. da Universidade Nova de Lisboa

JOSÉ BLANC DE PORTUGAL
Escritor e Cientista

HUMBERTO BAQUERO MORENO
Prof. da Universidade do Porto

JUSTINO MENDES DE ALMEIDA
Doutor em Filologia Clássica pela Univ. de Lisboa

DIRECTOR DA PUBLICAÇÃO
ÁLVARO SALEMA

MÁRIO MARTINS

A sátira
na literatura medieval
portuguesa



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Titulo

**A Sátira na Literatura Medieval Portuguesa
(Séculos XIII e XIV)**

Biblioteca Breve / Volume 8

1.^a edição — 1977
2.^a edição — 1986

Instituto de Cultura e Língua Portuguesa
Ministério da Educação

© *Instituto de Cultura e Língua Portuguesa*
Divisão de Publicações
Praça do Príncipe Real, 14-1.º, 1200 Lisboa
Direitos de tradução, reprodução e adaptação
reservados para todos os países

Tiragem
3 500 exemplares

Coordenação geral
Beja Madeira

Orientação gráfica
Luís Correia

Distribuição comercial
Livraria Bertrand, SARL
Apartado 37, Amadora — Portugal

Composição e impressão
Oficinas Gráficas da Minerva do Comércio
de Veiga & Antunes, Lda.
Trav. da Oliveira à Estrela, 10 - Lisboa

Janeiro 1986

ÍNDICE

	Pág.
INTRODUÇÃO.....	7
I. A SÁTIRA NA PREGAÇÃO DO SÉCULO XIII.....	11
1 — Sermões de Sto. António.....	11
2 — Frei Paio de Coimbra.....	16
II. A SÁTIRA NAS «CANTIGAS DE SANTA MARIA».....	21
III. CANTIGAS DE ESCÁRNIO E MALDIZER.....	25
1 — Sátiras dos tempos maus.....	27
2 — D. Afonso X e os soldados.....	32
3 — Sátiras contra os favoritos e magnates.....	37
4 — Sátiras a trovadores e jograis.....	41
5 — Paródias do amor cortês, dos prantos e das canções de gesta.....	50
6 — O ciclo das amas-de-leite.....	61
7 — Sátiras de viagens, pousadas e peregrinações.....	65
8 — O fidalgo pelíntra.....	71
9 — Sátiras ao clero, aos mosteiros e a Deus.....	76
10 — Médicos, juizes e advogados.....	86
11 — Judeus.....	90
12 — Arrivistas.....	93
13 — Contra ladrões, lingüareiros e sovinas.....	96
14 — Sátiras contra mulheres.....	100
15 — Soldadeiras e mulheres da vida.....	105
16 — Sátiras coprónimas.....	110
17 — Sodoma e Gomorra.....	113
18 — Casos e acasos da vida corrente.....	115

	Pág.
IV. LIVROS DE LINHAGENS	117
V. «CORTE IMPERIAL».....	121
VI. O «PRANTO DA IGREJA» POR FREI ÁLVARO PAIS, BISPO DE SILVES.....	124
VII. A SÁTIRA NO «HORTO DO ESPOSO»	129
1 — Sátira das mulheres	130
2 — Sátira da falsa sabedoria	131
3 — Sátira da cavalaria e da nobreza.....	132
4 — Sátira da glória mundanal e das riquezas	132
5 — Sátira da Igreja	134
NOTAS.....	136
BIBLIOGRAFIA	142

INTRODUÇÃO

É um género amplo e fugidio, a sátira. Nem sempre faz rir (*ridendo castigat mores...*) e até provoca, em certos casos, um arrepio de repugnância, como o humor negro de Evelyn Waugh, em *The Loved One*, ou um grito de horror, à maneira de Swift, quando este propunha, num sarcasmo sanguinolento, que os irlandeses pobres engordassem as criancinhas e depois as comessem. Às vezes, a sátira assume forma dramática, como nas farsas de Gil Vicente. Noutros casos, não passa duma frase espirituosa, à francesa, ou duma piada, à lisboeta. Em Rabelais, toma as proporções dum poema de graça gaulesa, quase um romance goliardo, cheio de proezas tabernárias. Com efeito, logo ao nascer, o gigantesco Gargântua berrou: «À boire! à boire! à boire!». *D. Quixote de la Mancha* e a sua ironia enquadram-se nos moldes do romance de cavalaria. É «o mais triste de todos os livros», como afirma Dostoievski. Faz sorrir uns e sofrer outros. E porque não recordar o humor negro e a sátira social da Dança Macabra, desde as gravurinhas dos Livros de Horas até às *Barvas* de Gil Vicente?

Temos ainda os epitáfios, a encerrar uma sátira breve da vida breve: «Aqui jaz Pero Grou / Que como os

outros acabou.» Há sátiras que chegam a passar despercebidas, como as *Viagens de Gulliver*, de Swift. Outras, claríssimas, como uma pedrada num charco ou uma gargalhada sonora. Algumas trazem punhos de renda. Outras são grosseiras. Mas tudo é riso, sorriso e invectiva.

A sátira é um ataque (íamos a dizer uma agressão), no pensar de K. H. Scholberg. Ataque por vezes fictício, acrescentamos nós, a *façon de conta*, e até simpatizante. Isto salta aos olhos nalgumas das tenções das cantigas de escárnio e maldizer, meras brincadeiras no tom das cantigas ao desafio.

Na invectiva, sim, há ataque, muitas vezes sem riso nem sorriso. Na paródia, com frequência veremos que falta qualquer agressão psicológica. A gente sorri do contraste, por exemplo, entre a pequenez da aventura e a grandiloquência do estilo. Ataque? Nem sempre. Contudo, Scholberg mete-a dentro da sátira burlesca ¹. Põe-se de lado a admiração e o escritor, em mangas de camisa, utiliza, por exemplo, o estilo grandioso dos *Lusiadas*, numa paródia estudantil de 1589:

Borrachas, borrachões assignalados,
Que de Alcochete junto a Villa Franca,
Por mares nunca d'antes navegados
Passaram inda além de Peramanca,
Em pagodes e ceias esforçados,
Mais do que se permite a gente branca,
Em Évora cidade se alojaram,
Onde pipas e quartos despejaram.

Ninguém agride Camões ou o seu poema. É um alegre poema báquico, com o itinerário tabernal de estudantes e almocreves a caminho de Évora, uma

espécie de via-sacra de goliardos. Atacava-se o estilo épico? Também não. Serviam-se dele como, no Carnaval, um pobre diabo, de botas cambadas, enverga uma sobrecasaca ou põe uma cartola.

Claro que, mesmo na paródia, detectamos também ataques. Não pertencem, porém, à sua essência. Basta abrir o *Palito Métrico* e ler estes versos magníficos: «Filius ille putae, qui primus carmina fecit, / fronte mereciat reverendam ferre capellam / Cornorum»... Ele não agride a poesia nem os poetas. É tudo para rir e sorrir. E digamos o mesmo da paródia do sagrado, muitas vezes irreverente mas nem sempre blasfema, longe disso: «Ave color vini clari, / Ave sapor sine pari, / Tua nos inebriari / Digneris potencia.»

Que a ironia é a forma suprema da sátira, parece-nos difícil decidir, depois de lermos Rabelais. Cada género tem a sua expressão perfeita. Que vale mais, o belo *esprit* francês ou o *humour* tão perigosamente sério dos anglosaxões? Tudo varia com os homens, os países e as épocas. Por exemplo, muita gente de hoje não acha graça ao Zé-Povinho, de Bordalo Pinheiro, tão ultrapassado como os magalas que antigamente chegavam ao quartel, com a sua boçalidade e o seu saco de chita.

Neste pequeno volume, temos de pôr de lado um mar de subtilezas interessantes, como a ironia verbal, a ironia de inversão, a ironia socrática ou por absurdo, a ironia cósmica, etc.

Todas elas aparecem, mais ou menos, nas cantigas de escárnio e de maldizer. Só notaremos que, na ironia *cósmica*, chamamos a juízo a própria justiça de Deus. Sátira emocional, nada a obriga a sair para fora da ortodoxia e descobrimo-la no audacioso sermão do P.^e

António Vieira, contra os holandeses: Fazei o que fordes servido! Entregai aos holandeses o Brasil, entregai-lhes as Índias, entregai-lhes as Espanhas! A Holanda enviará missionários que preguem aos gentios a doutrina católica. Holanda vos edificará templos, vos levantará altares, consagrará sacerdotes e oferecerá o sacrifício do vosso Santíssimo Corpo. Ela defenderá a Igreja Romana!

Blasfémia, esta ironia magnífica e ousada? De modo nenhum. Tem modelos bíblicos e, se alguns historiadores soubessem disto, compreenderiam Gil Vicente muito melhor, a ele e à sua sátira.

Neste volume, para aquém e para além das cantigas de escárnio e de maldizer, percorreremos a oratória medieval e a sátira social e religiosa, chamaremos a atenção para algumas das *Cantigas de Santa Maria*, entraremos na *Corte Imperial*, para vermos a forma sorridente como ela descreve os judeus, analisaremos os livros de linhagens, havemos de escutar o *Pranto da Igreja*, de Frei Álvaro Pais, um dos maiores fundibulários da Idade Média, procuraremos detectar a sátira do *Horto do Esposo* — e aí nos quedaremos. Noutro livrinho, percorreremos todo o século XV, sem escaparmos às graças dos caçadores e da tropa, à sátira petrarquiana do *Boosco Deleitoso* e ao riso e à ironia pluriforme do *Cancioneiro Geral*, com poesias entre o cão e o lobo, na hora incerta em que a gente não sabe se já é Renascença ou se ainda estamos na Idade Média. Não escrevemos a história da sátira medieval, introduzimos nela o leitor. E amanhã também é dia.

I / A SÁTIRA

NA PREGAÇÃO DO SÉCULO XIII

1. *SERMÕES DE SANTO ANTÓNIO*

Em certas ocasiões, era um fundibulário terrível, Santo António de Lisboa. Morreu em 1236. Doutro pregador seu contemporâneo, Frei Paio de Coimbra, da Ordem de S. Domingos, ficaram-nos mais de quatrocentos esquemas de panegíricos, em letra de 1250. Entre eles, figuram dois sermões em louvor de Santo António, ou Fernando, diz ele.

Apesar da violência da sua crítica, Santo António não atacava às cegas. Por exemplo, não chamou «cão danado» a Ezzelino. Em paga, é histórica a apóstrofe contra o arcebispo Simon de Sully, pouco amigo dos franciscanos: «Tibi loquar, cornute»... Eis que me vou dirigir a ti, *mitrado*. Em rigor, nenhuma injúria pessoal e *cornute* foi mal traduzido por alguns. Defendia as ordens religiosas e nada mais ². Um santo procura ter em conta «o homem e a sua circunstância», como diria Ortega y Gasset.

Porém, condena os erros e fustiga a Cristandade, implacavelmente, de alto a baixo. Cafarnaum quer dizer campo de fartura e quinta de recreio, explica ele. E aqui

se representam as quatro abominações da Cristandade: clérigos soberbos; religiosos mandriões como um «fruto gordo», roídos pelo verme da concupiscência; seculares postos na miséria, como pobres camponeses; finalmente, ricos gozadores que, por conseguinte, se esquecem de Deus. Neste *por conseguinte* está a condenação da riqueza transformada em prazer, condenação mais actual, agora, pela sua universalidade, do que no século XIII. Os prelados orgulhosos adoram o «ídolo do interesse», violam o corpo de Cristo e espezinham a Igreja. Os religiosos enfatuados são idólatras da soberba, da gula e da luxúria, colocando acima de tudo os amigos, sobrinhos e parentes. E estes rastejam, como répteis, a lamuriar-se. Que fazem os abades e priores das rendas dos conventos? O que lhes sobra não pertence aos pobres? A terceira abominação é a riqueza mundanal, amiga da luxúria. Quantos se lamentam hoje da prosperidade antiga! Chegam mesmo a perder a fé, portando-se como vilões. Alegrem-se! Antes isso do que gozar das riquezas. Outros andam atrás da glória e, para a conquistar, chegam a «adorar o homem»³. São estes os demagogos, diríamos hoje.

Poucos fazem ideia da força espiritual destes adversários do luxo estéril, da gloriola e da vida fácil. Força espiritual e verbal. Quase todos mamam, diz o pregador, nos úberes da gula, da luxúria e da Grande Meretriz que embriaga os homens com o vinho da sua prostituição. O Menino Jesus, no presépio, jaz envolto em paninhos e não em vestes luxuosas de peles! Vestem-se com luxo pecadores e meretrizes! E até certos prelados efeminados parecem mulheres que vão casar-se! Selas pintadas, arreios e esporas de grande

valia, tudo isto tem a cor do sangue de Cristo ⁴, do sangue espremido dos pobres.

Que moleza! Nas igrejas, só gostam de frases cantantes e aduladoras. No coro, «requebram a voz». Outros engrossam-na no púlpito, multiplicam as citações, torcem a Bíblia, tudo por vaidade. Acreditem-me! São mercenários, vendem-se como as prostitutas, pregam-se a si mesmos e não a Cristo. Resultado: não pescam nenhum peixe mas, sim, qualquer «rã palradora» para os gabar. E a maledicência? Ela anda pelas praças, gárrula e vagabunda, perturbando a todos sem descanso. Que porcaria de língua e quanta imundície! As palavras não voltam à boca e temos de responder por elas. Por outro lado, temos o hipócrita, figurado pelo avestruz. Os falsos religiosos, como o avestruz, têm asas e não voam. O falcão, sim, que paira nas alturas da contemplação. Vaidosos como um pavão de penas vistosas, fazem a roda com a cauda e mostram o rabo vergonhoso. Gabam-se disto, gabam-se daquilo — e lá vão fazendo a roda e figura de parvo. A hipocrisia penetra nas casas, seduz as mulheres, engana com palavras bonitas e gemidos falsos, a ponto de ninguém a poder acusar, pois logo a defendem! ⁵

Agora, temos a gula comilona. Não espera pela hora, excita o apetite com vários molhos, mete no estômago alimento a mais, toda ela é barriga e malga. Os glutões cercam a malga como se estivessem a sitiá-lo um castelo! E o comilão «todo ele» come, à mesa, à maneira dum cão, na cozinha, que não quer outro ao pé dele ⁶.

Passemos aos gozadores luxuriosos. Embebedam-se na taça de ouro de Babilónia, quer dizer, na riqueza. Em tais almas não entra a palavra de Deus e lembram-nos as esterqueiras apodrecidas onde nascem os quatro vermes

da fornicção, do adultério, do incesto e do pecado. Quanto à ambição, tem por figura o cavaleiro do Apocalipse, montado no cavalo vermelho. Não se aquieta, aspira a ser bispo, vai subindo sempre, até dar no Inferno. Anda em torno, simula, dissimula e rasteja de pés e mãos, para se apoderar do património de Cristo. Atrás, segue a discórdia, nascem os prelados simoníacos e matam-se uns aos outros, como se fossem ladrões. Matam-se dizendo mal uns dos outros, murmurando baixinho ou ladrando alto. Um acusa o outro e passam o tempo em demandas, em clamores e em vexações ⁷.

Também os leigos percorrem o mesmo caminho amaldiçoado. Avarentos e usurários, não passam de feras que assaltam e devoram. Adoram o bezerro do ouro e andam pela estrada da morte. São eles que se apoderam de tudo no mundo, empobrecem as igrejas e desnudam os mosteiros. Malditos sejam, pois digeram os bens dos pobres, dos órfãos e das viúvas, e deixam à fome os monges e cónegos regantes. Se dão esmolas, está nelas o sangue dos pobres. Contudo, o avarento é pobre. Não possui, é possuído. Não é mal ter dinheiro. O mal está em servi-lo. Ai, a quantos religiosos cegou a avareza, a quantos claustrais ela enfatuou, a quantos seculares ela mandou para o Inferno! ⁸

Hoje em dia, reza-se. Porém, tal oração anda muitas vezes adulterada com a «goma do dinheiro». E com o dinheiro, nasce a soberba. Ambicionam cargos e esquecem-se de que pouca foi a sua educação. Em termos do século XX, são eles os novos-ricos, os arrivistas de sempre, que da vida antiga trazem o que é mau e deixam o que é bom. E o pregador continua: «Quantos suportariam a pobreza, se depois lhes dessem

a Espanha ou a França! Mas, por amor do reino dos Céus, nada fazem!»⁹

Os religiosos pululam nos mercados, litigam nos tribunais, compram, vendem, levantam, deitam abaixo, fazem dum quadrado uma roda, convocam homens de leis, trazem testemunhas e estão dispostos a fazer juras por uma coisa que não vale nada. Dizei-me, religiosos, vistes essas demandas nos profetas ou nos evangelhos? Clérigos e bispos ligam mais às decretais dos papas do que aos evangelhos. E se alguém comete um pecado mortal em público, ninguém o corrige, ninguém o acusa¹⁰.

A onipotência do dinheiro marcou toda a sátira da Idade Média, no púlpito, nos goliardos ou nos trovadores. Dom Dinheiro mandava no mundo e uma poesia de expansão europeia, *De Nummo*, chegou ao mosteiro de Alcobaça¹¹ e foi adaptada, em Castela, pelo génio do Arcipreste de Hita, no *Libro de Buen Amor*.

A Igreja não é só o clero. Abrange também o povo. Ora, todos espremem os fracos e tiram dele o último ceítel. O manto de púrpura, de que fala a Bíblia, simboliza os bens dos pobres, ganhos «com muito suor e sangue». Vêm, depois, os soldados e os usurários das cidades (*burgenses*) e tiram-lhes o que têm e que tanto sabe a sangue. Chamam-lhes vilões, «mas eles é que são diabos vilões.»¹² E o clero, aí de quem não lhe dá! Excomungam-no!¹³

Lembramo-nos dos versos de Gil Vicente, na *Barça do Purgatório*, quando o camponês diz que «bradão co'elle / porque assoviou a hum cam / e logo a escomunham na pelle». Erasmo não entra aqui para coisa nenhuma. Era uma torrente que vinha de longe e troava nos púlpitos da Idade Média.

Bispos, abades e priores andam atrás da vanglória, como ursos à volta dum cortiço, para lhe chupar o mel ¹⁴. O auditório, pensamos nós, havia de rir-se com esta comparação, como se ria das sátiras de Gil Vicente, o maior herdeiro da nossa Idade Média. Sátira para rir, nos sermões de Santo António? Não bem isso. Uma espécie de amor e de humor furioso.

Monges e frades, esses homens abstinentes comem a carne dos seus irmãos, dilaceram-na com os dentes da maledicência ¹⁵. Enfim, a sátira abrange todas as classes, entram nela todos os vícios, faz rir, faz sorrir e faz doer, sobretudo ao falar do sangue dos pobres.

Num sermão, Santo António utiliza a fábula da raposa, do lobo e da lua no poço. Há religiosos, diz ele, que imitam o lobo e caem no poço da ambição dos bens deste mundo, julgando que são eternos. E têm a sorte do lobo ¹⁶. Era um conto engraçado e devia correr de boca em boca, mais desenvolvido, já se vê, mil vezes repetido e mil vezes escutado atentamente.

2. FREI PAIO DE COIMBRA

Temos de apresentar este pregador, embora de leve. Dele fala Gerardo de Frachet, já no século XIII, ao compilar as *Vitae Fratrum*, e daí tirou Frei Luís de Sousa as suas informações. Outras, porém, descobrimos nos sermões, em letra de 1250 e ainda inéditos, do cód. alcobacence n.º 5, agora na Biblioteca Nacional de Lisboa. Dos caminhos europeus percorridos por este português do século XIII e dos sermões que nos deixou, pode o leitor ver num trabalhoso estudo, publicado em 1973: *O Sermonário de Frei Paio de Coimbra do Cód. Alc. 5 /*

CXXX ¹⁷. São mais de quatrocentos esquemas, cuja imagética já analisámos ao longo de trinta e tal páginas ¹⁸.

Ora, nestes panegíricos distribuídos pelas festas do ciclo litúrgico, fala-nos ele dos homens do seu tempo. E a sátira achou ali o seu campo de manobra, embora mais restrito do que em Santo António. É que Frei Paio falava também de moral e até as vidas dalguns santos encerravam passagens irónicas, como esta frase de S. Lourenço, na grelha: «O assado está pronto dum lado. Vira-me para o outro lado e come!»

Num sermão de S. Lucas, fala-nos Frei Paio das quadrigas do diabo: Há a quadriga da Malícia, com quatro rodas (crueldade, impaciência, atrevimento e imprudência). Temos a quadriga da Luxúria, a rodar sobre a glotonaria, o ardor do coito, as vestes efeminadas e o relaxamento da preguiça, quadriga essa puxada por dois corcéis: vida próspera e abundância de tudo. Dois são os cocheiros: o torpor da moleza, com o véu da dissimulação, e a segurança temerária, com o flabelo da adulação. Segue-se a quadriga da Avareza e as suas quatro rodas: timidez, desumanidade, desprezo de Deus e esquecimento da morte. Os cavalos são a cupidez e a teimosia, ambos a arder na febre de ter. É o diabo quem vai nestas quadrigas ¹⁹.

O mal deixa de parecer belo e a sensualidade une-se à crueldade, consoante uma das constantes da História. Por isso, ao pregar sobre S. Dionísio Areopagita, compara as feras às meretrizes e proxenetas da Babilónia deste mundo. E feras são também os maledicentes, os homens ladravazes, os comilões insaciáveis e os hereges ²⁰. A Dama das Camélias não tem lugar nestes sermões.

Na feira do mundo, cada um entesoura o que entende. Os avaros, dinheiro. Nas encruzilhadas, mostram-se os hipócritas e vaidosos, mas em breve lhes roubarão a sua gloriola. Os glutões ficam na esterqueira e ali deixam o que antes comeram. Só os esmoleres «todos os dias levam os seus bens para o Céu, nas mãos dos pobres»²¹. E chegamos ao grande paradoxo: não se perde o que se dá!

A sátira social volta aos lábios de Frei Paio. São estas as mesas do diabo: a mesa da fraude, a mesa da rapina, a mesa da usura e a mesa das velhas proxenetas ou alcoviteiras²². Delas se alimenta o pecado.

Boa descrição, a dos males da inveja e seus reflexos na fisionomia do homem! Ela fez cair Lúcifer do Céu, levou-o a tentar Adão e Eva, convenceu Caim a matar Abel e vendeu José do Egito. Atormenta os sentidos, incendeia o coração, enfraquece-o e, à maneira da peste, devora-o com raiva. No seu rosto, há secura; na boca, ranger de dentes. A inveja transforma em suplício os bens alheios, mirra-se toda e transforma-nos em membros do diabo. Por ela, entrou a morte no mundo e foi ela que pôs a Cristo na cruz²³.

Os pregadores tiveram isto de bom, ao longo de quase dois mil anos: impuseram a tabela dos valores espirituais e, mesmo quando satirizavam, era por amor. Os bobos, na corte, e eles, no púlpito, enfrentavam os problemas individuais e comunitários, detectavam a lepra das almas e falavam alto, sem ninguém lhes ir à mão. Duros? Por vezes. Não, porém, sempre. Nas desarmonias conjugais, Frei Paio fala docemente e aconselha o homem a deixar os modos ásperos e a tratar a mulher carinhosamente. «És marido e não dono. Não te coube em sorte uma escrava mas, sim, uma esposa. Deu-te Deus a governar

o sexo inferior, não a tiranizá-lo. Dá lugar à dedicação, abre-te ao amor.»²⁴ Contudo, aproveita a morte de S. João Baptista para atacar as cantilenas eróticas, as dançarinas e os jograis. Fala-nos mesmo da «eficiência duma dançarina» e afirma: «Onde se dança, aí está o diabo.» Deus fez-nos as pernas para outra coisa, não para bailar ao som de cantares de amor. Não dizia mal das mulheres boas. Sabia que podemos lutar contra os vícios todos. Não, porém, com uma mulher²⁵. Tinha a consciência da força enorme do sexo fraco e «inferior». Alegria? Sim, mas espiritual, não a dos jograis, que até profanam as festas do casamento²⁶.

Onde sorrimos com mais vontade é num sermão de S. Tomás de Cantuária, quando Frei Paio nos fala dum epiléptico que deitou onze rãs pela boca fora. Que significavam elas? Os poetas a contar fantasias, com voz de inchada modulação, e os jograis loquazes, habituados a viver em casa dos prelados.

Boa ironia, sim senhor! O clero também leva a sua conta, embora pequena, por se tratar de panegíricos.

Eles abrem coroa só por amor das prebendas e das riquezas. E dizem: vamos abrir coroa aos nossos parentes, a fim de eles herdarem o património e os rebanhos do Crucificado, isto é, as paróquias! Ficaremos com as dízimas, oblações e primícias²⁷.

Como este dominicano e Santo António, centenas doutros pregadores criticavam as fraquezas e crimes dos homens, a ferro em brasa ou com o chicote da sátira. Perdeu-se quase tudo, mas sabemos que eles gostavam de contar histórias e exemplos, ora engraçados ora a dar a impressão de que o mundo estava perdido. A preguiça humana resistia a tudo, mas não de todo. E foi esta enorme força verbal que fez rir e chorar a Idade Média,

em torno dos púlpitos, muitas vezes ao ar livre. Tais sermões não equivaliam a cantigas de escárnio e maldizer. Mas participavam, às vezes, da sua graça desbocada.

II / A SÁTIRA

NAS «CANTIGAS DE SANTA MARIA»

Conforme escreve José Guerrero Lovillo, os iluminadores e miniaturistas das *Cantigas de Santa Maria*, «al enfrentarse con las representaciones demoníacas, lo hacen con cierto tono burlón, presagio del carácter cómico que iba a tomar en el siglo, XIV». E acrescenta, pouco depois: «En el siglo XIII, el artista se atreve a entablar coloquios con el espíritu maligno, como aquel maestro pintor de la Cantiga LXXIV, con quien el diablo hubo de reñir y le *menaço muy mal por que o pintava feo.*»²⁸

Em paga, pintava ele muito formosa a Virgem Maria — e era este contraste que punha o diabo fora de si. Se ao menos o pintasse regularmente! Não. Punha-o mais feio do que «outra ren». Verdade seja que nós sorrimos, acima de tudo, porque não acreditamos nesta questão entre o diabo e o pintor. Os leitores de então e os que escutavam o canto destes «milagres» também sorririam, mas por verem o diabo «mais negro» do que o pez e danado contra quem o assim representava. Era vaidoso, o maroto.

Muitas das *Cantigas de Santa Maria* assumem atitude polémica contra hereges, pecadores e judeus incréus. E revelam, no tom geral e no refrém, um sorriso vitorioso

pela derrota dos maus, como se o autor exclamasse: Ora vejam e tenham cuidado. Meteram-se com a Gloriosa, caiu-lhes o castigo em cima e foi bem feito.

Há, nelas, uma sátira implícita da maldade e da estupidez dos inimigos da Virgem Maria e um sorriso largo de como pagaram caro o atrevimento. O imperador Juliano, falso e «felon», desrespeitou S. Basílio e saiu-lhe da boca este insulto: «Na volta, hei-de obrigar-te a comer palha!» Pois bem, montado num cavalo branco, veio depois S. Mercúrio, por ordem de Santa Maria, e atravessou-lhe a «pança» duma lançada. Assim morreu Juliano, o «chufador»²⁹. Até os vocábulos são, por vezes, escarninhos.

Certa mulher da Gasconha ria-se da criada e dizia-lhe que dali não iria em peregrinação a Rocamador, a não ser que a Virgem Maria a levasse na cadeira em que ela, a mulher da Gasconha, estava sentada. Meu dito, meu feito. Voa a cadeira e vai depô-la diante do altar da «mui Graciosa»! Arrependida, exclamou: Astrosa fui e o mesmo acontecerá a quem fizer como eu³⁰.

Já se vê que, neste caso, aumenta o sorriso e a troça com vermos a mulherzinha assustada a ir pelos ares, um pouco à maneira das bruxas montadas num pau de vassoura. Deixemos um taful que blasfemou de Santa Maria e logo morreu. Há histórias melhores. Jogava um catalão em frente da igreja, perdeu e atirou uma seta para o céu, contra Deus e Nossa Senhora. A seta voltou e caiu precisamente no tabuleiro de jogo, tinta de sangue³¹. Que fez o jogador? Entrou para religioso, em ordem «forte» e Santa Maria lhe perdoou.

Talvez o auditório pensasse, ao findar a cantiga: Escapou de boa! O que nos espanta é o enorme poder de aceitação, implícito nestas cantigas. Mas como eram a

favor de Nossa Senhora, os ouvintes escutavam-nas com ternura e punham-se a favor da Gloriosa e contra os blasfemos, indignando-se contra os pecadores e rindo-se, por vezes, dos castigos. Ou melhor, com os castigos.

Nalgumas ocasiões, a sátira partia do pecador. Do pecador ou do que passava por tal. Por exemplo, ria-se um de venerarem um sapato da Virgem Maria. Se o sapato fosse verdadeiro, já devia estar podre! Pois bem: o homem caiu no chão, com um ataque, e foi «a çapata» que o curou ³².

Martim Alvites, morador em Alenquer, mais fazia cantigas de escárnio do que de amor. Também ele andou mal, mas teve de se arrepender, só trovando a Santa Maria, no resto da vida. Um jogral «remedador» imitava tudo à perfeição. Imitou Nossa Senhora, com o Menino ao colo — e o Menino pô-lo de pescoço torcido, para aprender ³³. Nestes casos, o riso está mais nos ouvintes. É o riso e a sátira contra os incrêus. Levam castigo? Bem feito!

Temos, ainda, o mundo ambíguo dos judeus e das judiarias. Vemos alguns deles a ferir um crucifixo. Escutamos algumas judias a troçar doutra, que invocava a Mãe de Deus nas dores do parto. Porém, o cómico mais burlesco vem dum bom homem a rezar a Santa Maria, no portal da igreja. Eis senão quando, vem um grande cão, chega-se a ele «e atal o adobou / que ouv'a leixar sas prezes», com gáudio e troça de dois judeus ³⁴. Claro, queixou-se o homenzinho à Mãe de Deus, por assim troçarem dele os judeus, e caiu-lhes o portal em cima. Mas, desta feita, nós rimos mas é da cena do cão, a alçar a perna e a fazer o que não devera a tão fiel cristão.

Para acabar, vamos escutar uma série de imprecações ou pragas contra os inimigos da Virgem Maria.

Estamos no reino bravio da invectiva, um ramo da sátira que não é para rir: *Maldito seja quen non loará / a que en si todas bondades á*. É este o refrém e o «maldito» alterna com a bênção para quem a louvar. Vamos resumir: Maldito seja quem não disser bem daquela a quem nada falta de bom e digno! Maldito seja quem não disser bem da melhor das «donas» e não quiser o seu amor ³⁵.

No manuscrito das *Cantigas de Santa Maria*, temos ainda as gravuras: a mulher pelos ares, agarrada à cadeira..., a seta espetada no tabuleiro e o espanto dos que ali estão..., o homem da boca torcida a beijar a «çapata» maravilhosa... Mas isto são águas doutra vertente. Se um dia pudermos, delas trataremos.

III / CANTIGAS DE ESCÁRNIO E MALDIZER

Jean-Marie d'Heur, num estudo sobre a *Arte de Trovar* do *Cancioneiro Colocci-Brancuti*, distribui as poesias deste cancionero por grupos distintos e de tamanho desigual: 725 cantigas de amor; 504 cantigas de amigo; 212 cantigas de escárnio; 183 cantigas de maldizer; 32 tenções; e 23 cantigas sob o título de *Varia* ³⁶.

O Prof. M. Rodrigues Lapa alargou a sua análise a vários cancioneros, limitando-se às cantigas de escárnio e maldizer, a fim de reunir a vasta colectânea das *Cantigas d'Escarnho e de Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses*, com nada menos de 431 poesias deste género, na segunda edição. Porém, ao contrário de Jean-Marie d'Heur, não isola as tenções, aqui, num todo à parte. Outro era o seu fim e sabia que algumas delas são temperamentalmente iguais a outras cantigas de escárnio e maldizer, só que vêm estruturadas em diálogo mais ou menos agressivo, à maneira de certas cantigas ao desafio dos nossos dias, nas feiras e arraiais do Norte.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos, em quinze artigos modestamente intitulados *Randglossen zum altportugiesischen Liederbuch*, publicados entre 1896 e 1905, estudou muitas cantigas de escárnio e maldizer, por vezes obscenas e grosseiras. Nestas *Notas à margem do*

antigo Cancioneiro Português interpreta, sobretudo, as cantigas satíricas, recorrendo às fontes históricas para esclarecer certos pontos dessas poesias e dos seus autores. E, ao publicar em Halle o *Cancioneiro da Ajuda*, aponta os nomes dos poetas satíricos mais antigos: Joan Soares de Paiva, Fernan Rodrigues de Calheiros, D. Fernan Paes de Talamancos e Martin Soárez, sendo este o fidalgo-trovador mais velho de quantos conhecemos, diz ela ³⁷. E ajunta, pouco depois: «foi na côrte de Alfonso X que se geraram as principaes cantigas de escarnho e maldizer, algumas das quaes se guardavam de certo bem fechadas, e foram a custo arrancadas aos esconderijos» ³⁸.

Ao tratar da época medieval, em *Lições de Literatura Portuguesa*, Rodrigues Lapa dedica páginas sugestivas, não só em torno das cantigas de escárnio e maldizer, em geral, mas também em torno das suas relações com a Provença e alguns temas principais que as agrupam. Mais perto dos nossos dias, Manuel de Aguiar oferece ao leitor «uma galeria de caricaturas»: *O nobre ou «ricome»*; *Papa, bispos e clérigos*; *O trovador*; *A soldadeira*; *Os supersticiosos*; *Os maus juizes*; *Os perdidos de amor*; *O mentiroso*; *Os defeitos físicos*; *Os tipos miúdos* ³⁹.

Enfim, dentre os estrangeiros, isolamos Kenneth R. Scholberg e a sua distribuição das cantigas de escárnio e maldizer ⁴⁰.

Como agrupar toda a bicharia da Arca de Noé? Em muitos ou poucos grupos? Num livro breve, temos de optar por uma coisa e, quando muito, insinuar o que fica na sombra – e é mais do que pensamos. Manuel de Aguiar, em nota final, aponta uma enorme litania de tipos caricaturais, que um dia poderão sair do limbo em que os deixou: o esfomeado, o miserável, o pedinchão,

o parasita, o medroso, o traidor, o fanfarrão, o pretensioso, o clérigo comilão e metido em brigas, as freiras mundanas, o coxo, o careca, a mulher gorducha, a mulher feia, a coscuvilheira, o tímido diante da sua dama, o plagiador de versos, o mau trovador, o supersticioso, o agoirento, o astrólogo, o mau médico, o juiz peitável, o amoroso lamechas, o interesseiro em casar rico, o avarento, o caloteiro, etc. Tudo, porém, tem os seus limites — e é bom que os vindouros tenham que fazer.

Ao agruparmos cantigas de escárnio e maldizer, não procurámos saber, antes, como os outros tinham feito. Só depois. E assim, ora coincidimos pela força dos textos, ora nos metemos por caminhos diferentes, devido a critérios e gostos diversos. Abrimos pelas sátiras de alcance ecuménico e que podem cifrar-se nesta frase dos velhos de agora: Os tempos vão maus!

1. *SÁTIRAS DOS TEMPOS MAUS*

Joan Soárez Coelho troça cruelmente de João Fernandes, com feições de mouro, por a mulher ser amiga dum escravo. Na cantiga seguinte, insiste neste caso, mas alarga a sátira à história daquele tempo: Anda perturbado o mundo, João Fernandes. O Imperador levantou-se contra Roma, vieram os Tártaros e, agora, vemos-te com intenção de abalar para a Terra Santa. Ora, nas profecias do fim do mundo, é este um dos quinze sinais: andar o mundo baralhado e o mouro fazer-se cruzado. João Fernandes, acredita em mim, que sou bom letrado! É sinal de já ter nascido o Anticristo

⁴¹.

Martin Moxa, por seu lado, também fala, dos tempos do Anticristo. Há guerras, injustiças, ambições e falta o juízo, e a *mesura*. Hospital ou igreja, romeiro, fidalgo ou religioso, tudo é desrespeitado, por bom que seja. Forçam as mulheres, roubam nos caminhos, não temem alcaides nem meirinhos, antes acham sempre quem os proteja. Ninguém defende os agricultores, as vinhas e as herdades ficam por cultivar, não há com que pagar as rendas e perdem-se as honras ⁴².

É um serventês moral bem digno do visionarismo de Martin Moxa, sério e pensativo, embora mordaz e sarcástico. Segundo Lang, compôs ele estas poesias em tempo del-rei D. Sancho II.

Para ele, anda o mundo cada vez pior. Descem os bons e os maus levantam-se poderosamente acima deles. Por mim, diz o poeta, «non ei da mia morte pavor». O mundo caminha às avessas e tudo nele anda trocado! Por isso, não deve fugir da morte quem viu o bem que dantes era e vê o mal de hoje. Bem-aventurados os que «morrerom mentr' era melhor»! Que eles dêem graças a Deus. Os que ficarem verão coisas ainda piores: «e poren tenh'eu que faz sen-razon / quen deste mundo á mui gran sabor» ⁴³.

A este queixume, segue-se outra sátira amarga, quase uma invectiva em forma de *descordo*: Fico-me a olhar e tudo me dá coita e pesar. Reina a mesquinheza acima da grandeza de alma. Reinam manhosamente neste mundo a maldade e a mentira.

mentira e maldade
non lhis dá logar;
estas son nadas
e criadas
e aventuradas

e queren reinar.
As nossas fadas
iradas
foron,...

As louvaminhas e cantares de galhofa recebem honras e poder. Nos lugares onde nobres ditos se ouviam, vejo eu expulsar gente honrada. Os que dizem mal, a esses acolhem-nos e louvam-nos com muito amor. Dantes dominava o saber, tinham formoso lugar a paz e a cortesia, quando a alegria morava no mundo. Mas ela foi-se embora, dizendo: dia a dia, hei-de ir faltando! Chegara a sua hora, fugia para se esconder ⁴⁴.

Bem mereceu este descordo as honras de H. R. Lang, em *The descort in old portuguese and spanish Poetry*, e não menos de Luciana Stegagno Picchio, em *Martin Moya. Poesie*. É a revolta contra a decadência cultural e contra o triunfo mesquinho dos vícios, à sombra de mecenas estúpidos.

Adiante, num serventês, conta-nos o poeta uma «estória» que serve de parábola: Depois de muito andar, entrei num sítio onde nem a lealdade, nem a boa manha, nem o juízo nem o saber tinham apreço de ninguém. Aí só prosperava quem gabava tudo o que o senhor da terra fazia, quem o lisonjeava, mesmo que o visse andar a semear sal. Quem ali chegar, sem mentir nem trocar o mal pelo bem, livre-se como eu me livre. Ora, quando eu lá estava, sonhei muitas vezes que uma cerceta agarrava a poupa pelo penacho da cabeça. A cerceta, que significa ela? E como foi capaz de prender a poupa? Quem poderá interpretar-me este sonho?

Rodrigues Lapa faz deste sonho um símbolo de como os grandes poderiam ser dominados pelos pequenos: «a cerceta, mais forte, começou por arrancar a crista à

pôpa, que acabou por vencê-la». Teríamos um incentivo à luta dos fracos contra os fortes opressores. Propomos outra hipótese. A cerceta (ave palmípede, mais pequena do que o pato vulgar, mas, ainda assim, mais forte do que a poupa) segurou bem firme a «cresta» da poupa e dominou-a. E esta última simboliza, talvez, os que se tiram porcamente das dificuldades. Com efeito, ajeitam-se ao querer dos fortes e estes prendem-nos pela gloriola da amizade e dos interesses, representados no lindo penacho de plumas. Por isso aconselha Martin Moxa a que não se desquitem como «eu vi quitar alguen» ⁴⁵. Em qualquer hipótese, temos, neste serventês, a apologia de dignidade humana.

Pero Gómez Barroso, amigo de Afonso X e português ⁴⁶, compôs outro serventês a dizer mal dos tempos de agora e bem dos tempos de outrora: «ca vej'agora o que nunca vi / e ouço cousas que nunca oí». Que nele haja ou não objectividade externa, isso parece-nos secundário. É na objectividade interna desse estado de alma que enraíza a beleza triste deste pranto dos tempos de agora: Nunca vi andar assim o mundo. O outro era diferente e é desse que gosta o meu coração! Nada me importa morrer, pois em nada acho gosto «nen sei amigo de que diga ben». E no fim de cada estrofe, ouve-se o mesmo protesto de inadaptação à vida, na velhice: «ca vej'agora o que nunca vi / e ouço cousas que nunca oí» ⁴⁷.

É a angústia dum homem que ficou sozinho no meio da nova multidão anónima e sem rosto. Esta sátira aos tempos novos, repetem-na, em prosa, os velhos de todas as gerações, mesmo simples camponeses. Os amigos morreram e os costumes são outros.

Pero Mafaldo vivia no século XIII e deve ser «contado entre os trovadores alfonsinos da cõrte castelhana». Escreveu um serventês a despedir-se da verdade e poetou contra Pero de Ambroa e a famigerada Balteira⁴⁸. Pero Mafaldo, ironicamente, declara que irá mudando e mentindo. Toda a gente faz o mesmo. Falar verdade ao amigo? Não! Quem mente ganha com isso. Juro, pois, e digo que vou separar-me da verdade e querer mal a quem bem quero. Hei-de prosperar assim, como cavaleiro que sou. Que hei-de eu fazer, se a verdade para nada me serve nem aumenta a minha honra? Dai-me um conselho, por caridade. Assim vai a minha vida: Se minto ao meu amigo e ao meu senhor, medra o meu proveito e cresço em importância⁴⁹. Sempre a eterna ironia: só medram os malandros e os hipócritas.

Um trovador desconhecido, mas de elevada categoria técnica e boa inspiração, deixou-nos uma poesia híbrida, de cantar de amor e de maldizer, contra o mundo e os homens. Também ele se lembra dos bons velhos tempos: Quem viu o mundo de antigamente e o vê agora, que há-de querer, senão desterrar-se algures? Mas o mundo é só um e este é falso. Para onde foram a *mesura* e a grandeza? Onde pára a verdade? Quem é leal ao seu amigo? Que se fez do amor e do trovar? Porque anda a gente triste e sem cantar? Ainda assim, vivo por amor duma senhora a quem muito quero, dos tempos em que amor havia. Fiquem, pois, a saber porque não me «vou algur esterrar, / se poderia melhor mund'achar». E este pensamento vai batendo no final de cada estrofe, como condenação inapelável dos tempos que já não são nossos.

Até aqui, temos a impressão dum cortejo poético de velhos pranteadores. Contudo, esse cortejo não pára na

Idade Média e salta aos olhos, por exemplo, na França do século XIX, mesmo entre escritores audazes e criadores. Alfred de Musset condenava a geração nova por ser inculta, «sans gaitê et sans amour». Chateaubriand escrevia, em 1831: «Tout paraît usé, art, littérature, mœurs, passion; tout se détériore.» Lamartine afinava pelo mesmo diapasão e declarava que a França apodrecia numa esterqueira e tudo se desgastava e morria. Eles não pressentiam, entre tantos outros escritores, o advento de Baudelaire e do «frisson nouveau» que depois faria estremecer Victor Hugo.

2. D. AFONSO X E OS SOLDADOS

D. Afonso X, o Sábio, está no centro dum ciclo satírico, onde a poesia é meio de ataque e de defesa, como os panfletos de hoje em dia. Atacou, atacaram-no. E cada um tinha, em geral, as suas razões e os seus pontos fracos. Às vezes, nada tão lúcido como o ódio.

Ainda infante, D. Afonso X troça dos maus conselhos do mordomo D. Rodrigo e dos peões «todos calvos e sen lanças e con grandes çapatões». Os versos do rei valiam mais do que esta peonagem. E a sua indignação desafoga-se contra os que recusaram acompanhá-lo na guerra, ao sul, contra os muçulmanos: Nunca eu cinja espada em boa bainha, se Pero de Espanha, ou Pero Galinha, ou Pero Galego forem comigo! Outrem me acompanhará. D. Mendo de Candarei pretextara também qualquer dificuldade e não fora com ele. D. Fuão deixou-o sozinho na guerra da Andaluzia e o rei sentia vontade de mandar ao demo a honra deste mundo, as armas e o batalhar. O que faz

chorar um homem não é brincadeira nenhuma! Chorar e rir, por exemplo nesta sátira contra os guerreiros de menor categoria (coteifes), alguns deles a tremer no meio do Verão, diante dos cavaleiros mouros de Azamor:

O genete
pois remete
seu alfaraz corredor:
estremece
e esmorece
o coteife con pavor.
[.....]
Vi coteifes de gran brio
eno meio do estio
estar tremendo sen frio
ant'os mouros d'Azamor;
e ia-se deles rio
que Auguadalquivir maior ⁵⁰.

Tem agilidade e graça, esta cantiga. Mas a que segue tem fúria: Quem passou a serra e não quis servir a terra, maldito seja! O que levou dinheiros e não trouxe cavaleiros, maldito seja! O que recebeu grande soldada «e nunca fez cavalgada», se é rico-homem ou há mesnada, maldito seja! Não se trata de cantiga para rir. Temos, aqui, uma invectiva, algo da maldição dum profeta atraído e sozinho. Invetiva cheia de troça, como aliás noutra cantiga quase logo a seguir: Quem da guerra levou cavaleiros e foi guardar dinheiros à sua terra; quem não dava pão a comer aos soldados; quem, por medo, foi para casa beber vinho; quem fugiu da fronteira ou andou a roubar os mouros e foi para a sua terra roubar cabritos, esse «non ven al maio». Quer

dizer, não vem à revista da tropa, ao *alardo*. Iam para a guerra a fingir. E alguns levavam pendão, mas não levavam caldeira. Nunca pensaram numa campanha a sério, com soldados para alimentar.

Porém, a obra-prima do mundo satírico do rei Afonso X nasceu quando este andava pelos 60 anos de idade: uma poesia fresca e ágil, embalada pelo sonho duma vida livre das obrigações do governo. Com tintas «que parecem dum poeta moderno», diz Rodrigues Lapa, Afonso X põe-se no estado psicológico de quem despiu o manto real e quer ser *outro*, um negociante, por exemplo, a navegar livremente no mar livre, longe da terra, da política e da guerra: Estou farto do canto das aves, do amor e das armas. Antes um bom galeão que me afaste depressa deste diabo de terra cheia de lacraus, cujo agulhão senti na alma! Juro por Deus que não andarei de capa, nem com barbas, armas ou razões de amor! Tudo isso me cansa e, volta e meia, me faz chorar. Antes um pequeno barco e ir ao longo da costa, a vender azeite e farinha, para evitar o veneno dos lacraus! Não me alegro de atirar lanças ao tabulado nem de *bajfordar*! De noite andar armado e fazer rondas, vontade não tenho. Gosto mais do mar, pois já fui marinheiro. E por causa dos lacraus, prefiro tornar ao que fui antigamente! Não me falem de guerras! Antes andar sozinho e ir, como um mercador, em busca dalguma terra onde não haja lacraus negros nem pintalgados!

Há outras cantigas de troça, contra vassalos sovinas, poetas plagiários ou de expressão menos ortodoxa, pedinchas, maus cantores, fidalgos ridículos no trajar, manhosos, etc. Algumas dessas cantigas de escárnio têm

graça. Contudo, afastam-se do núcleo central da guerra andaluza.

Neste ciclo da guerra andaluza, entram ainda outros poetas, por exemplo Gil Pérez Conde: Aos cavaleiros e à tropa dos concelhos, ordenou o rei que não comessem galinha, durante a campanha, mas, sim, vacas e carneiros, porcos frescos, cabritos e gansos. Com efeito diziam os adivinhos que, se comessem galinha, seria «perdimento da terra».

Lembra-nos isto a frase dum poltrão, em Tirso de Molina, na sua comédia *Dona Beatriz da Silva*: «soy una galina», isto é, sou um covarde. E por cada um ser aquilo que come, proibira el-rei que os soldados comessem galinha! Gil Pérez ajunta, ironicamente, que muitos a comeram. Por seu lado, Pero Gómez Barroso volta-se também contra um rico-homem que faltou na guerra e só veio na paz. E questiona com o rei, por não lhe ter dado ocasião de o servir!

Fica-nos a impressão de que poetas e fidalgos pouco temiam D. Afonso X, o Sábio. Este e García Pérez disputam, entre si, acerca duma peliça de cor, já um pouco velha. Que a atirasse à estrumeira, aconselha García Pérez. E o rei não se zanga. Responde até com mesura.

As cantigas de escárnio e maldizer também tinham o seu quê de literatura panfletária, aqui e além. Afonso Fernández Cubel queixa-se do rei e da sua mão fechada. Não lhe pagava os serviços nem o recompensava dos prejuízos:

el do seu aver non me quer dar
nen er quer que eu viva no alheo;
e eu non ei erdade de meu padre.

Era, pois, um cavaleiro pobre. E ainda pior, o rei prejudicara-o nos haveres que herdara da mãe. Passava fome e em mau dia nascera. Nem mercê, nem soldada! Não sabemos de que rei se trata aqui. Contudo, Gil Pérez Conde, cavaleiro e poeta, esse queixava-se claramente do rei Afonso X. Não pagavam depressa aos que entravam na campanha da Andaluzia. Que lhe dessem um fiador, nem que fosse judeu. E noutra cantiga, lembra como brilhara na guerra mas que, na paz, a sua fortuna se pusera a andar a «pé de boi». Na terceira, reclama ao rei os «vossos meus maravedis», a «vossa mia soldada, senhor Rei!» Expressão maliciosa e bem achada: vossa, porque a tendes na mão; minha, porque me pertence. Na quarta cantiga, em forma de alegoria, conta-nos que andara em busca do Amor, primeiro no paço do rei e depois nas casas dos privados. Ninguém sabia onde ele estava. Partira e não voltara. Nas tendas dos infanções e nas dos que os serviam, todos diziam: «Non sei!» Só o encontrou entre os freires do Templo.

Era português este Gil Pérez Conde, e exilara-se para Castela após a subida ao trono do conde de Bolonha. Em má hora se exilara: «non fui vosco en ora bõa!» Tornara-se vassalo de Afonso X, servira-o em várias cidades e sempre lhe mingudara a generosidade real. Podemos resumir esta polémica num provérbio: Casa onde não há pão todos ralham e ninguém tem razão. O rei vivia, de facto, em permanentes dificuldades económicas e quem mandava no mundo era o dinheiro: *Nummus honoratur, sine nummis nullus amatur.*

3. *SÁTIRAS CONTRA OS FAVORITOS E MAGNATES*

Favoritos do rei, ricos-homens e outros magnates levavam também a sua conta por tabela. Martin Moxa, numa tenção, pergunta a um cortesão-poeta se os privados duram muito na privança. É que só tomam para si. Quem não lhes dá, escusa de esperar favor do rei. O outro observa que não sabe *novelar* e só diz: estão cada vez mais poderosos, as suas rendas aumentam e o povo empobrece. Empobrece e emigra: «e, con proveza, da terra sair». Parecem os tempos de hoje. Martin Moxa zanga-se ironicamente. Morais na corte e nada sabeis! Quem lá vai, algo deve levar. Caso contrário, passa por tolo. Que ele dê, porque os privados, sem isso, nada fazem.

O conde D. Pedro de Portugal insistia no mesmo ponto: «seu saber é juntar aver». Servir o rei nada vale. Peitas, isso sim! E se el-rei, por boa inclinação, procura fazer bem, levam-no a mal.

Um dos grandes privados, na corte del-rei D. Afonso III, era o chanceler D. Estêvão Anes. Que miopia a dele! Mas caiu bem no goto do rei, nota Joan Soárez Coelho, jogando com o duplo significado de cair. Bendita miopia que o fazia cair!

Míope?, pergunta Roí Queimado. Talvez. Mas ouve bem. Cuidado! E erguem-se agora, contra o favorito, três cantigas violentas de Airas Pérez Vuitoron, insinuando vícios homossexuais, desfazendo-lhe na miopia e insistindo na sua crueldade: não há homem nem mulher «que non queirades trager come can». A melhor destas sátiras baseia-se na miopia: Comi ontem em casa do rei. Nunca os vossos olhos viram tal pão

nem vinho como eu lá bebi! De dez anos para cá, nunca vistes um capão como aquele, nem melhor cabrito nem tal lombo «de vinh'e d'alhos e de sal». Não, nunca vistes um homem comer como eu comi. Não me faltou nada: «non vistes nen avedes de veer». Chega a ser cruel. Porém Vuitoron era partidário del-rei D. Sancho II. Daqui nasce parte do seu ódio a D. Estêvão. E tem, ou parece ter, o gosto equívoco de insinuações homossexuais.

D. Estêvão da Guarda era de Aragão. Isso não o impedia de atirar remosques ao seu patrício D. Miguel Vivas, chanceler-mor del-rei D. Afonso IV e bispo eleito de Viseu, a partir de 1330. Ironicamente, jogueta com o verbo *privar*: conforme o proveito que me vier da vossa privança, «rogo eu a Deus que sejades privado».

O favor real fazia perder a cabeça a muita gente e o monarca tinha de os pôr no seu lugar: Pois D. Fulano mais vale sendo pobre e sem poder, então que volte ao que era e torne a ganhar juízo. Pertence ainda a D. Estêvan da Guarda esta graça posta na boca do rei.

Voltando, porém, a D. Miguel Vivas, temos contra ele um serventês a descrever-nos a fisionomia do bispo, como dum grande beerrão, de penca vermelha:

Eu convidei un prelado a jantar, se ben me venha.
Diz el en est': — E meus narizes de color de bereguenha?
Vós avede-los alhos verdes, e matar-m'-íades con eles!

— O jantar está guisado e, por Deus, amigos, trei-nos.
Diz el en est': — E meus narizes color de figos çofeiros?
Vós avedes os alhos verdes, e matar-m'-íades con eles!

Albos e não *olhos*. Quem matava não eram uns lindos olhos verdes, mas esses alhos que levavam um homem a

comer de mais. E o bispo vai-se preocupando com as cores do nariz: E o meu nariz cor de escarlata roxa? E o meu nariz cor de rosa bastarda? E o meu nariz cor de púrpura escura? E o meu nariz cor de amoras maduras?

51

No conflito entre D. Sancho II e o conde de Bolonha, alguns alcaides hesitavam e vendiam os castelos, sob qualquer pretexto. Assim fez D. Fuão, que tinha mantimentos e entregou o castelo «con minguas que avia». Não atacam um homem de tal coragem. À falta de jornais, estes poetas exprimiam a consciência do povo. Faziam troça dos arranjistas, como faziam troça dos adiantados novatos ou traidores, encarregados de governar e defender as comarcas fronteiriças.

Os ricos-homens andavam também na boca do mundo trovadoresco. Gil Pérez Conde troça dum «ricome», que em tudo mudou. Até de valente se tornou cobarde, sem aguentar as «lazeiras» dos tempos idos, quando nada lhe metia medo. Noutro lugar, investe contra um magnate que tira e não dá. Nuno Fernandez Torneol cita um rico-homem «mentireiro» a quem falara no caminho de Valhadolide para Toledo. Até à tropa dava ele mentiras «por sa soldada».

Entra certo rico-homem em Segóvia e logo baixa o preço das coisas, de dez soldos para cinco, resmunga Pero da Ponte. Que remédio, pois era o rico-homem a comprar! Outros eram ignorantes, mandriões, avarentos e ninguém os queria para nada. Só pensavam em ajuntar, como certo rico-homem que o mesmo Pero da Ponte imagina pôr à venda, sem ninguém lhe pegar. E porquê? «Ricom', que sabedes fazer?» E ele respondia: Coisa nenhuma (*ren*), a não ser comprar herdades, se alguém mas vende. E aqui temos nós um protesto contra certos

latifundiários, para quem toda a terra era pouca, por muita que fosse.

Longo e de grande significado social é este género de cantigas contra os homens do poder e do dinheiro, luta de raízes bem medievais, a partir da pregação nos púlpitos. E o estendal alargava-se. Certo rico-homem não pagava os serviços duma pessoa de família. Outro contrariava o casamento da filha, D. Urraca Abril. Outro ainda não conseguiu ter filhos. Seria melhor casar com uma tendeira de nome Coelha, para ter um filho cada mês. E não falamos dos comendadores. A um deles acusavam-no de ter feito perder a terra a um escudeiro. Outro andava metido com a mulher confiada à sua protecção.

Seria falsificar a história generalizar tais factos. As sátiras, as caricaturas e os panfletos ajudam a fazer a história. Mas não bastam, só por si. Concluimos, no entanto, haver naqueles tempos uma grande liberdade verbal e que os trovadores gozavam, em certa maneira, dos privilégios dos bobos da corte. Talvez os ameaçassem com um chicote, mas eles iam falando. Nestas cantigas contra os grandes, uma das mais bonitas e ágeis é a que Fernan Soárez de Quinhones compôs contra o fidalgo Lopo Anaia, femeeiro e ladravaz. Que o rei o conserve junto de si, em Sevilha, e não se vá embora. Porquê? Porque, «Se el algur acha freiras, / ou casadas ou solteiras, / filha-xas pelas carreiras». E se gritam, ficam com nódoas negras na cara. Fique em Sevilha, porque, onde passa, toma tudo para si. E o mesmo fazia o pai dele!

4. *SÁTIRAS A TROVADORES E JOGRAIS*

Os poetas dos cancioneiros desavinhavam-se entre si, em pequenas escaramuças verbais, donde a sinceridade às vezes batia as asas. Transformavam-se, então, em mero ludismo, aliás útil para os divertir a si e ao público. Havia ataques de costumes menos limpos, debatiam-se questões de estética, verificavam-se choques de ordem social e diziam-se graças. E já não falamos de questões meramente pessoais.

Começemos por simples graças e disputas para divertir. A tenção entre D. Afonso Sánchez e Vasco de Resende é um tanto sibilina. O tema é este: A «senhora» cantada pelo segundo poeta morreu de facto ou isto não passou de simples metáfora? Porque fazia ele versos de amor a quem já morrerá? Afonso Gómez, jogral galego, fala claro e diz a Martin Moxa: Tão velho sois que, decerto, comestes alguma erva «que vos faz viver / tan gran tempo, que podedes saber / mui ben quando naceu Adan e Eva»! Os vossos filhos barbados vêm de tempos antigos. Ora dizei-me, de que idade éreis vós, quando Almançor andou por aí a fazer estragos? Assim Deus me perdoe, quando nascestes vós? Antes do tempo em «que encarnou Deus en Santa Maria»?

Quanto a Pero da Ponte, Soeiro Eanes pode-se gabar, não das cantigas que faz mas, sim, das boas cantigas que lhe fazem. Diz ele que não entende de trovas. Mas escreveu contra ele cantares de escárnio e ele entendeu tudo.

Atacavam-se entre si, por vezes em razão do seu ofício, em geral a brincar. Jogral era menos do que trovador. Joan Garcia de Guilhade dirige-se ao jogral Lourenço e repreende-o: Gostas muito de tocar cítola.

Agora pretendes cantar e julgas que já és trovador. Não sei qual «d'estes mesteres» fazes pior!

O jogral responde que o parceiro quer desfazer nele. Diga o que disser, falta-lhe competência para julgar. — Não te zangues! acode Joan Garcia, nem digas que não percebo do ofício. Perdes tempo! Lourenço replica habilmente que emende antes as trovas dele, pois bem precisam. Por sua vez, Joan Garcia de Guilhade finge zangar-se, ameaça partir-lhe o citolão na cabeça, mas o jogral fica na sua.

Era isto a sério? Não. Puro divertimento para rir e sorrir, tanto mais que ambos, juntos, cooperavam na mesma cantiga. Eram como mestre e aprendiz, cego cantor e guia de cego, aprendiz de cantador. Noutra cantiga, queixa-se Lourenço da má paga que recebe e o outro responde que lhe fará dar cacetadas por um vilão. Afinal, tudo se arranja (cala-te e calar-me-ei, diz o patrão-poeta) e o jogral exclama: João Garcia, nada receberei de vós e «mui ben vos citolarei», pois sei do ofício! E o último verso explica o tom alegre desta disputa: «A mofar, Don Lourenço, a chufar!»

O tom de brincadeira ressalta noutras cantigas, como na tenção entre Joan Soárez Coelho e Picandon, antigo companheiro do trovador provençal Sordello. Estamos na primeira metade do século XIII. Ando pasmado, Picandon, «pois non sabedes jograria fazer, / por que vos fez per corte guarecer?» Responde o italiano que tem o direito de, também ele, ganhar à grande e ser estimado na corte, pois era entendido em canções, coplas e serventeses. E o outro: É isto o que vos perde, a vossa gabarolice! E Picandon: Podeis fazer pouco de mim, que não perco a minha «jograria»! Sei muitas canções e canto-as bem. Evito errar e cantarei quando

quiserdes! Ora, conheço-vos bem, Picandon, e peço desculpa do que disse!, exclama por fim Soárez Coelho. E o italiano responde: João Soares, perdoo-vos de todo o coração. Dai-me uma recompensa e protegei-me onde estiverdes. Por generoso que fosse o magnate D. João Soárez Coelho, não discutiria a sério com um pobre jogral, para no fim lhe pedir que o desculpasse. Eram discussões à maneira de quem jogueta, para empregar um vocábulo arcaico.

Pero de Ambroa troça burlescamente do seu colega Pedro Amigo de Sevilha: Imaginem, retirou-se do mundo para uma ermida velha e ali faz penitência rigorosa! E desta maneira tira desforra do que Pedro Amigo afirmou acerca da sua ida à Terra Santa.

Neste caso, talvez fosse uma disputa a sério. Mas dá-se o contrário na tenção entre o trovador Mem Rodríguez Tenório e o jogral Juião Bolseiro, onde entram punhadas, pontapés, insultos, ameaças de arrastar pelos cabelos, abrindo tudo por estas palavras: «Juião, quero tigo fazer, / se tu quizeres, ùa entençon.» E para começar, vou dar-te um grande soco na cara «e chamar-te rapaz». Tal mistura de versos, insultos e pancadaria de-fazer-de-conta, faz-nos sorrir, sobretudo na resposta final do jogral: Se me arrastardes pelos cabelos e me aleijardes, ai trovador!, nesse caso deixar-vos-ei em paz!

Concedemos, porém, que certas cantigas podiam ser levadas a sério, sobretudo no caso de Martín Soárez e do jogral Lopo. Ódio? Não. Um certo desprezo profissional, talvez reforçado por antipatia pessoal. Havia quem pagasse ao jogral para ele deixar de citar e de cantar. Que suplício! Comilão, «braadador», basta-lhe rascar no instrumento, ou cantar, para todos fugirem.

Certo dia, um infanção mandou que lhe dessem três pontapés na garganta. E foi pouco. Damos a primeira estrofe da cantiga 293:

Foi a cítola temperar
Lopo, que citolasse;
e mandaron-lh'algo dar,
en tal que a leixasse;
e el cantou logu'enton,
e ar deron-lh' outro don,
en tal que se calasse.

Afonso Eanes de Coton ria-se de Soeiro Eanes por desconhecer as regras de bem trovar. Insinua até que o jogral, para cantar os versos dele, corrigia alguns. Vuitoron chama desagradecido ao jogral D. Martin Galo e afirma ser preciso dar-lhe alguma coisa, para ele se calar: «Ben mereç'algo Don Martin Galo, / quando quiser cantar, por leixá-lo.» Dois magnates portugueses, de alta estirpe, Joan Pérez de Aboim e Joan Soárez Coelho, notam que certo jogral, de condição inferior, não entende a arte de tocar cítola e canta mal. Por beber de mais? Por causa de mulheres? Por falta de jeito? Certo é que não passa dum jogralão (*jograrom*). Ainda assim, João Soárez defende-o um pouco — mas de graça.

Numa arbitragem poética entre Rui Gonçalves e Joan Eanes, D. Estêvan da Guarda distingue bem entre a cantiga de maldizer, onde o ataque é directo e claro, e a de escárnio, que tem forma velada, às vezes com jogos subtis de palavras ambíguas. Questões de técnica, de tipo quase bizantino e com raízes antigas.

Entre os poetas vigoravam (mas não muito) as diferenças de ordem social, sendo o trovador mais

unido à fidalguia do que o jogral. Daqui nasciam discussões, como a tenção de Joan Pérez de Aboim e João Soárez Coelho, acerca do jogral Lourenço. Esse jogral não se mete comigo porque sou um trovador de primeira, declara Pérez de Aboim. Soárez Coelho responde que, de trovar, pouco entendia João de Aboim. O que ele tinha eram riquezas: «é vosso Toled'e Orgaz, / e todo quanto se no mundo faz».

Por seu lado Lourenço e João de Aboim já tinham discutido, directamente, sobre ambições poéticas: Lourenço, bem ou mal, tocavas no citolão. Agora, vejo-te metido a trovador, mas quero-te desenganar: «ben tanto sabes tu que é trobar / ben quanto sab'o asno de leer». — João de Aboim, o certo é que, em várias tenções, venci alguns que diziam mal da minha arte. E neste pleito, também vencerei. — Lourenço, era preciso muito saber, para me vencer a trovar, ou noutra coisa qualquer. Ninguém sabe, como eu, o que é um trovador. Por isso te desenganei e direi: «quita-te sempre do que teu non for».

Como nós diríamos hoje: mete o nariz no teu ofício. Lourenço, no entanto, fica na sua, e com razão: — Porque deixarei de fazer o que mui bem faço e de tanto me serve? E faço-o também pela minha dama. Não, «o trovar nunca o eu leixarei, / poi-lo ben faç'e ei i gran sabor».

Quase sempre, o valor pessoal acaba por vencer as diferenças de classe, ao menos em literatura, apesar do serventês de Pero Mafaldo contra o talentoso jogral Pero de Ambroa. Contudo, os motivos alegados eram geralmente a incompetência:

Pero d'Ambroa, averedes pesar
do que nós ora queremos fazer:
os trovadores queremos poer
que se non faça tanto mal cantar,
nen ar chamemos, per nen un amor
que lh'ajamos, nulh'ome trovador
se non aquele que souber trobar ⁵².

Também Pedro Amigo de Sevilha põe em dúvida, ou finge pôr, o saber trovadoresco do jogral Lourenço e chama-lhe teimoso, por não lhe aceitar os conselhos. Se o ouvissem cantar, muito se ririam Pero Sen e Pero Bodin «e quantos cantadores son»! O jogral, porém, ri-se de tais soberbias e afirma, em duas tenções, ser inútil fazer chacota das suas trovas. Melhor do que Rodrigo Eanes, sabe ele fazer um cantar de amor. Onde ele estiver, sempre os seus cantares terão boa acolhida, mesmo no paço do rei ou do imperador. Quanto a Pero Garcia, não diga mal da sua arte de trovar, tanto mais que «vós ben non sabedes julgar» com imparcialidade. Enfim, temos ainda a refrega com Joan Vásquez. Perguntava-lhe este se fugira de Portugal por ter matado alguém ou roubado. — Não matei nem roubei, vim para cá, a fim de ganhar a vida.

A crítica literária foi sempre difícil nem pode traduzir-se com precisão matemática. Por isso João Soárez Coelho não se conforma com o parecer de Pérez Vuitoron. Seja mas é juiz das cantigas de maldizer que lhe fez. E muitas foram elas, à volta dumas nove.

Vem agora a talho de foice lembrar a escala hierárquica dos poetas dos cancioneiros: em baixo, estava o simples jogral; depois, vinha o segrel; e, no topo da classificação, dominava o trovador. Por isso diz Afonso Eanes do Coton a Pero da Ponte: «en nossa

terra, se Deus me perdon, / a todo escudeiro que pede don / as mais das gentes lhe chaman segrel». E o outro responde que tal é o seu «mester». Abaixo do segrel, servia o jogral. E assim, Pero de Ambroa, em disputa com Joan Baveca, censura-o por não querer «os meus cantares dizer ant’alguen», divulgando outros de quem desconhecia o bem trovar em coitas de amor. E censurava-o, apesar de não ser trovador, embora estando «em situação superior, de segrel, naturalmente», nota Rodrigues Lapa, mas sem rigidez, pois eram vocábulos flexíveis.

Verbalmente, encaixavam coisas duras, os jograis. Ao famoso jogral Lourenço, atira João Soárez Coelho esta frechada venenosa: essas tuas tenções devem ser de João de Guilhade, pois não rimam bem, nem acertam nas sílabas. No mesmo sentido, temos uma cantiga de Gil Pérez Conde, português na corte de Castela: Jogral!, diz ele, três coisas são precisas para cantar agradavelmente: donaire, voz e saber. Sem isto, «nunca bon segrel / vimos en Espanha» nem alhures. Se isto não tendes, remédio não há. São coisas que se não compram nem vendem. E se teimais em trovar, furtai as cantigas a outro.

Salta à vista, neste caso, que segrel e jogral muitas vezes se confundiam, pois Gil Pérez Conde diz ora jogral ora segrel, a propósito da mesma pessoa. E que função era a deles? A de músicos *ex-officio*, diz C. M. de Vasconcelos, executantes e propagadores de versos alheios. Às vezes, compunham versos e cantares novos, em geral para o povo e excepcionalmente para a corte, passando, neste caso, por cima das barreiras sociais ⁵³. Em termos de vida provinciana e algo caricatural, eram eles que estendiam o boné, a pedir alguma coisa no final

das cantigas. Aos jograis e segréis davam os ouvintes alimentos ou dinheiro. E eles também faziam de escudeiros ou criados, junto dos trovadores mais endinheirados, quando andavam juntos. Com efeito, Joan Soárez Coelho, numa das suas cantigas, entrega dinheiro ao jogral, para lhe arranjar peixe. Sumiu-se o jogral e Soárez Coelho, homem de posses, teve de mandar outro.

Nas cantigas de escárnio e maldizer, trovadores, segréis e jograis maldavam de tudo, e não poupavam os seus confrades. Fernan Redondo, mais tarde mordomo-mor de D. Pedro de Aragão, queixa-se de o rei ter querido agredi-lo com o espeto de assar leitões. Mau era o rei, que lançou mão do espeto «en son d'esgremir». E o vassalo-senhor, que el-rei se gabava de ter, seria o seu cunhado el-rei D. Dinis. Ficção poética, exagero ou verdade histórica? Talvez ficção. Uma coisa ficou: esta sátira graciosa da cólera do rei, por ocasião de ele cantar «seus lais». Joan Soárez Coelho surge novamente, desta vez com um *descordo* satírico dirigido a Martin Alvelo, também ele trovador. O desgraçado (já naquele tempo!) pintava os cabelos brancos e vestia-se garridamente, para agradar às mulheres:

Martin Alvelo,
desse teu cabelo
te falarei já:
cata capelo
que ponhas sobr'elo,
ca mui mester ch'á;
ca o topete
pois mete
cãos mais de sete,
e mais, u mais á,

muitos che vejo
sobejo:
e que grand'entejo
toda molher á ⁵⁴.

Gracejavam uns dos outros e dão às vezes a impressão de se insultar, os homens do mundo trovadoresco. Mas, como nos desacordos poéticos, digamos assim, entre Bocage e J. Agostinho de Macedo, temos de atender ao tom, ao sorriso e a mil pormenores humanos que envolviam a letra. Quando Afonso Eanes de Coton, numa frechada ao seu colega Pero da Ponte, afirma que ele é feio e mal talhado, sobretudo em trajes menores, está longe de lhe querer mal. Estêvan da Guarda afirma que o novato galego Fernan Chacon era incapaz de aguentar uma tenção (uma espécie de duelo poético), por nem sequer entender o que o outro lhe dizia. Mas, aqui, notamos já o desprezo, algo benévolo e capaz de perdoar, dum veterano das pugnas trovadorescas por um noviço da arte poética. Eram infinitos os cambiantes satíricos nos cancioneiros.

O que nos parece de mau gosto é a gabarolice algo tabernária de feitos sexuais ou o escárnio da desgraça alheia. Tabernária porque nos lembra certas conversas ordinárias e gabarolas em torno de meia dúzia de copos, quando o vinho traz a verdade dos instintos primários à boca dos homens. Que o jogral Saco, além de pedincha, seja mal feito e homossexual, que a mulher do segrel Pedro Agudo, o burgalês, o enganasse e fizesse do marido o rei dos cornudos, que Joan Garcia de Guilhade se gabe de fazer filhos na mulher dum infanção, que o segrel Bernardo de Bonaval, apesar de velho, andasse com mulheres de muitos, e tanto Vuitoron como Pero da Ponte se rissem dele, tais

rebolarias sexuais pouco nos importam. Estas cantigas, aliás, só provam que o mundo, neste ponto, continua a ser o mesmo e que a luxúria é monótona. Ela e a maioria dos versos em seu torno.

Pedro Amigo de Sevilha avisa Pero de Ambroa que a sua amante, julgando-se abandonada, anda já morta por dormir com ele, Pedro Amigo. Joan Garcia de Guilhade volta a insistir neste género erótico-maníaco, declarando ao jogral Martin que andava deserto por dormir com D. Maria, mulher dele! Esperamos que não lho tenha dito na cara. Pero Garcia Burgalês ao menos aconselha o jogral Fernando Escalho a deixar-se de mulheres, para melhorar de saúde. Em novo, que bela voz a sua! Mas depois, não «se guardou de foder» e perdeu a voz. E acabou na degradação final, dando em homossexual e andando metido com infanções. Temos de contar com exageros. Ainda assim causa impressão esta descida aos infernos de Sodoma por tantos jograis. Chegamos a ter simpatia por Joan Airas de Santiago e pelos seus versos de amor cortês, que estiveram vai-não-vai para lhe valer uma sova, ou ainda pior.

5. *PARÓDIAS DO AMOR CORTÊS,
DOS PRANTOS
E DAS CANÇÕES DE GESTA*

A cantiga de Fernan Garcia Esgaravunha, a entoar as grandezas duma boa ama-de-leite, capaz de talhar bragas e camisas, entra no ciclo das amas e tecedeiras. Entre uma ama de formas repolhudas e as heroínas ideais do amor cortês ia, no entanto, uma distância notável pelo contraste dos tipos e condições humanas.

Ora, é precisamente esse amor cortês e os seus opostos que vão servir de eixo parodístico em várias cantigas de escárnio e maldizer. Sorrimos quando o aristocrata D. Abril Pérez de Lumiares e o jogral ou segrel Bernardo de Bonaval disputam sobre o valor das respectivas *donas*. Ambos morrem de amor. Porém, Bernardo de Bonaval afirma ser maior a sua «coita» e D. Abril Pérez ergue-se furioso: D. Bernardo, como «ousastes tal cousa cometer / qual cometestes en vosso trobar, / que vossa coita quisestes» comparar à minha? Quanto a minha senhora é melhor do que a vossa, «tanto me faz maior coita sofrer»!

É a sério ou só a imitar a paixão implacável (só verbalmente implacável) dos poetas pelas suas «donas»? Talvez a imitar e a parodiar — ao menos em parte. D. Quixote, nesta «demanda», apelaria para a força da sua lança, em favor da sem-par Dulcineia del Toboso. Aqui, não entram lanças nem espadas. Bernardo de Bonaval exige o nome da dona amada, para nesta demanda saber de quem se trata «e vença quen tiver melhor razon»! Mas D. Abril Pérez recusa dizer o nome da sua amada, por ela talvez não gostar. Quando, mais tarde, souberem quem é, ninguém duvidará ser melhor de «quantas no mundo son».

Bernardo de Bonaval responde que os olhos enganam a quem bem ama. A «dona» melhor de todas é a minha, não outra mulher! Mas Abril Pérez dirige-se ao rival, um pouco de alto para baixo: Não me digais «que ides amar / bõa dona». Bem sabemos, D. Bernardo, que espécie de senhora costuma «sempr'a servir segrel»! Tenção parodística? Sim, nas primeiras estrofes, pois lembramos dos desafios de D. Quixote. Mas os dois poetas fingiam talvez que andavam apaixonados e não estamos

certos de eles tencionarem parodiar as tenções de amor. Havia, porém, quem motejasse do amor à antiga, fino, doloroso (ao menos em palavras) e de pouca dura, pela sua artificialidade:

Ai, amor, amore de Pero Cantone,
que amor tan saboroso e sen tapone!

Que amor tan viçoso e tan são,
queno podesse teer até o verão!
Mais valria que amor de Chorrichão
nen de Martín González Zorzelhóne.
Ai, amor, amore de Pero Cantone,
que amor tan saboroso e sen tapone!

Que amor tan delgado e tan frio,
mais non creo que dure até o estio ⁵⁵

O resto da cantiga de Fernán Soárez vai indo por igual caminho: Que amor tão «astroso» e tão delgado, quem o tivesse um ano «soterrado»! Parece-nos, contudo, que ninguém o soterrou de vez, pois vemo-lo florir nos cancioneros, ora aqui, ora ali, pois o romantismo é de todos os tempos.

Mais perto da terra, embora dizendo à sua dona que vai finir-se de amor, Gil Pérez Conde queixa-se de não lhe ficar, de tanto amor, «un filho vosso natural, / que achasse conselh'en vós». Um filho a quem ele deixasse o que tinha e a quem ela criasse! O interesse fundamental desta composição, nota Rodrigues Lapa, «reside na intenção parodística em face do conteúdo da cantiga d'amor e na menção daquele filho, que devia resultar de suas relações com a senhora». Tanto amor, tanta paixão para nada! Ao menos um filho!

Gostava da literatura parodiante, este Gil Pérez Conde, e revela ironia subtil num escárnio de amor, como então se dizia. O amor cortês manda que se ame quem nos desama. E vice-versa. Mas o poeta defende-se: A minha «dona» quer-me mal, como se eu lhe quisesse bem. Zangada? Ora! Não lhe quero bem nem mal. Não a amo nem desamo. Nesse caso, para quê tanto desamor? Em síntese, uma baralhada subtil e uma paródia de tais subtilezas.

Joan Airas de Santiago parodia dois homens cheios de medo, só de pensarem que se vão encontrar com a sua senhora. O amor cortês impunha adoração e medo perante a mulher amada. Por isso, grita ele ao outro, no refrém:

Ai, Pero Garcia,
gran med'ei de Dona Maria,
que nos mataria ⁵⁶.

Puro e tão refinado, tal amor acha uma resposta parodial numa cantiga de Pedro Amigo de Sevilha. Finge amar uma senhora velha, feia e maluca: Eu a morrer de amor por «esta dona puta» e ela a dormir com outros, sem fazer caso de mim! Noutro lugar temos uma graciosa poesia de Joan Garcia de Guilhade, a imitar o amor cortês e as suas exigências:

Ai, dona fea, fostes-vos queixar
que vos nunca louvo en meu cantar;
mais ora quero fazer un cantar
en que vos loarei toda via:
e vedes como vos quero loar:
dona fea, velha e sandia!

Dona fea, se Deus me pardon,
pois avedes atan gran coraçon
que vos eu loe, en esta razon
vos quero já loar toda via;
e vedes qual será a loaçom:
dona fea, velha e sandia!

Dona fea, nunca vos eu loei
en meu trobar, pero muito trobei;
mais ora já un bon cantar farei,
en que vos loarei toda via;
e direi-vos como vos loarei:
dona fea, velha e sandia! ⁵⁷

Por seu lado, Pero Garcia Buralês troça do enfadonho «morrer de amor», em que os trovadores morrem e ficam vivos — ou ressuscitam, como Roí Queimado: «feze-s' el en seus cantares morrer; / mais resurgiu depois, ao tercer dia». Umas vezes, gosta de morrer. Depois, gosta de viver! Só ele é capaz disto! Tanto se acostumou que nem já teme a morte, pois «sabe que viverá, des quando morto for». Tudo pelo poder divino, quem tal diria? Paródia, porque ele conserva o tom sério de Roí Queimado e finge acreditar, exagerando o estilo do amor cortês.

Pero Gómez Barroso, esse grita que morre de fome e não de amor. Quer mas é comer. — E os que andam para aí a dizer que perdi o apetite e «non posso comer d'amor», dê-lhes Deus tão grande fome como a que eu tenho. Hão-de ver que tem «gran coita de comer» quem não tem dinheiro e ninguém lhe dá nada. Paródia, mas no sentido lato da palavra, com momentos de paródia estrita do amor cortês.

Antes de sairmos deste reino do amor cortês, lembramos a cantiga pornográfica de Afonso Eanes de Coton: A mulher a quem amo anda «prenhe» e nem quero acreditar. Ora, eu sou leal e sensato! Pesa-me bastante de quem tal lhe fez, estais a ver? Nada sei destes foros de Leão, pois cheguei há pouco. Mas, na minha terra, logo diriam: «ten baron».

E lá vai ele insinuando-se habilmente como autor da façanha. Passemos, agora, à paródia dos prantos. A cantiga de Martin Soárez contra Roí Gómez de Briteiros, que «roussou» (raptou) a neta do conde Mendo, é mais uma invectiva sarcástica do que paródia, apesar do seu ar de lamentação: Ninguém quer defender as boas donas desamparadas! Pois então vou eu buscar à força umas três ou quatro netas de conde. Ninguém me castigará por isso! Netas de conde, viúvas, donzelas, vai tudo raso e escusam de carpir-se ou chorar! Assim, terei grande linhagem e meu filho andarà «con condes miscrado».

Uma grande paródia de pranto fê-la Pero da Ponte, acerca da morte (verdadeira ou fingida) de Martin Marcos, tudo em verso heróico de 13 sílabas:

Mort' é Don Martin Marcos, ai Deus, se é verdade?
Sei ca se el é morto, morta é torpidade,
morta é bavequia e morta neicidade,
morta é covardia e morta é maldade.
Se Don Martinh é morto, sen prez e sen bondade,
ôi-mais, maos costumes, outro senhor catade. ⁵⁸

Morreu D. Martim Marcos! Ai, meu Deus, e se fosse verdade? Sei que, se ele morreu, então morreu a torpeza, morreu a parvoíce, morreu a estupidez, morreu a cobardia e a maldade. Se D. Martim morreu, sem brio e

sem bondade, daqui em diante, maus costumes, ide em busca doutro patrão! E o pranto alonga-se em torno do grande maroto: Não achareis outro igual até à cidade de Roma. Procurai-o alhures! Contudo, sei de certo cavaleiro que dele vos tiraria as saudades, ó maus costumes! Não é rei nem conde. É duma categoria que não direi...

Em Airas Nunes, vamos encontrar a paródia dum facto histórico, o desafio dos infantes de Lacerda ao seu tio D. Sancho IV de Castela, em 1289, por intermédio do rei de Aragão. A resposta entregou-a D. Vela Ladrón de Guevara, o mais qualificado cavaleiro del-rei D. Sancho IV: — Ide lá, Dom Vela, e mostrai, por mim, esta razão: Se quiserem, tomem a Navarra ou o reino de Aragão, em troca do reino de Leão. Ainda mais: dar-lhes-ei, em troca, quanto é meu na Lombardia, e faço isto para evitar desavenças.

Enfim, D. Sancho IV dava terras que não tinha e ficava com as que tinha, pois as suas pretensões ao Sacro Império Romano e à Lombardia ninguém as tomaria a sério.

No cantar de Airas Nunes, estamos já no campo da literatura épica, mais ou menos parodiada. São pequenos cantares de gesta para rir. Agora, passamos a Fernan Soárez de Quinhones, na paródia a um cavalo de guerra, antecessor do Rocinante de D. Quixote: «Contar-vos-ei costumes e feitura» dum cavalo que trouxe um infanção. Tem os cascos moles e o trote duro, caminha torto se lhe picam as esporas e não alcançaria um leitão a andar. Come antes do dia, custa a levantar-se e só corre quando as moscas lhe picam nas feridas. Se lhe deitam «as armaduras», põe cara de furão e tremem-lhe as crinas duras, como se estivesse com sezões. Traz

feridas nos joelhos e julgo que se alguém, na guerra, se meter em loucuras, fiado neste cavalo, enganar-se-á. E na paz, nenhum cavaleiro vilão o quereria trazer nas Astúrias.

Eis-nos, enfim, diante duma obra-prima de Afonso Lopes de Baião, da alta nobreza de Portugal, a imitar as canções de gesta francesas, sem omitir sequer a exclamação *Eoi!* A pessoa parodiada é D. Mendo Rodrigues de Briteiros, a quem D. Afonso III elevara à categoria de rico-homem. Na paródia, chama-se ele Dom Belpelho. Em português dos nossos dias, o Raposo. Deve andar na história qualquer conflito com o mosteiro de Longos, de que os Briteiros eram defensores. E antes de tudo, uma pequena digressão.

Na *Chanson de Roland*, logo no final da primeira estrofe e depois, de vez em quando, ouve-se a exclamação *Aoi!* É um grito de guerra germânico, pensa Ramón Menéndez Pidal⁵⁹. Grito basco e não germânico, afirma Daniel Devoto⁶⁰. E conta mais de quarenta explicações, reduzíveis a duas categorias. «Celles de la première s'appliquent à dévoiler le sens de l'*aoi* sans trop se soucier de ce que leur explication puisse ou non s'accorder avec le sens de la *Chanson*: “en route!” (Génin), “allons!” (Lehuteur), onomatopée “comme le *lon là!* des cordonniers” (Sepet), “amen” (Mandach), lettres gnostiques (Kahane). Ou bien — et c'est la deuxième catégorie — on se demande, d'après sa place tout au long de la *Chanson*, quel peut être le rôle de l'*aoi*, tout en renonçant à expliquer sa signification propre: c'est le cas de l'article bien connu de Grace Frank et de ceux qui s'en inspirent»⁶¹.

Seja como for, AOI aparece depois no *Roman de la Violette*, na *Farce de Pathelin* e em *De S. Pierre et du Jongleur*:

«Avoil, dit S. Pierres, avoil!» ⁶² O *v* desapareceu em certas regiões e pronúncias, e daí *aoi*. Na Inglaterra, *avoi* transformou-se em *away!*, insiste F. Génin. E em Portugal, ficou *Eoi!*, decerto a imitar o francês:

Sedia-xi Don Belpelho en ùa sa maison
que chaman Longos, onde eles todos son.
Per porta lh'entra Martin de Farazon,
escud'a colo en que sev' un capon,
que foi poleir' en outra sazon,
caval' agudo, que semelha foron;
en cima del un velho selegon,
sen estrebeiras e con roto bardon;
nen porta loriga nen porta lorigon
nen geolheiras, quaes de ferro son,
mais trax per ponto roto sen algodón
e corberturas dun velho zarelhon;
lança de pinh' e de bragal o pendon,
chapel de ferro, que xi lhi mui mal pon,
e sobarcad' un velh' espadarron,
cuitel cachado, cinta sen farcilhon,
duas esporas destrás, ca seestras non son,
maça de fuste, que lhi pende do arçon.
A Don Belpelho moveu esta rason:
— Ai, meu senhor, assi Deus vos perdon,
u é Joan Aranha, o vosso companhon
e voss' alférez, que vos ten o pendon?
Se é aqui, saia desta maison,
ca já os outros todos en Basto son.
Eoi!

Estas oras chega Joan de Froian,
cavalo velho, caçurr' e alazan,
sinaes porta eno arçon d' avan:
«campo verde, u inquire o can»
e no escudo ataes lh' acharan;

ceram' e cint' e calças de roan.
Sa catadura semelh' a d'un jaian.
Ante Don Bepelho se vai aparelhan
e diz: — Senhor, non valredes un pan,
se os que son en Basto se xi vos assi van;
mas id' a eles, ca xe vos non iran,
achá-los-edes e escarmentaran.
Vingad' a casa en que vos mesa dan,
que digan todos quantos pós nós verran
que tal conselho deu Joan de Froian.
Eoi!

Esto per dito, chegou Pero Ferreira,
cavalo branco, vermelho na peteira,
escud' a colo, que foi dũa masseira,
e a lança torta dun ramo de cerdeira;
[.....]
e achou Bepelho estando en ùa eira
e diz: — Aquí estades, aí, velho de matreira.
Venha Pachacho e Don Roí Cabreira,
pera daren a min a deanteira,
ca já vos tarda essa gente da Beira,
o moordom' e o sobrinho de Cheira,
e Meen Sapo e Don Martin de Meira
e Lopo Gato, esse filho da freira,
que non á antre nós melhor lança ponteira.
Eoi!

Vamos resumir um pouco esta paródia ⁶³, para não cansar o leitor: Estava Dom Bepelho sentado na sua casa em Longos Vales e eis que lhe entra pela porta Martin de Farazom, trazendo um escudo com sinais de ter pousado nele um capão e de ter sido poleiro. O cavalo, esquelético e de ossos salientes, lembra um furão. Traz uma velha almofada em vez de sela, faltam-

lhe as estribeiras, a albarda está rota. Dom Belpelho não traz loriga (saio de malha), nem lorigão, nem joelheiras de ferro. Veste, porém, gibão roto de pano grosseiro, a lança é de pinho e o pendão feito de bragal. O capelo de ferro ajeita-se-lhe mal. Sobraça um velho espadalhão, cutelo, cinto sem fivela, leva esporas à direita (por não existirem as da esquerda) e maça de pau presa ao arção. E Martim fala a Dom Belpelho: — Ai, meu senhor, assim Deus me perdoe, onde está João Aranha, vosso companheiro e alferes do vosso pendão? Se aqui está, saia da casa, porque já todos os outros em Basto são. *Eo!* Chega entretanto João de Froiã, montado em cavalo velho, manhoso e alazão, com estes sinais heráldicos no arção da frente: campo verde e um cão a farejar. E no escudo, os mesmos sinais. Veste capa larga e cinto e calças de Ruão e a sua catadura assemelha-se à dum jaião (gigante). Vai-se pôr ante Dom Belpelho e diz: — Senhor, não valeis um pão, se os que estão em Basto assim vos levam a melhor. Ide ao encontro deles, que não vos escaparão. Haveis de achá-los e hão-de arrepender-se. Vingai a casa (o mosteiro de Longos Vales), onde tendes mesa vossa! E digam todos os que depois de nós vierem que foi João de Froiã quem deu tal conselho. *Eo!* Dito isto, chegou Pero Ferreira, em cavalo branco e com um escudo feito duma masseira. A lança, dum ramo de cerdeira, era torta... Encontrou Dom Belpelho na eira e disse: — Ai, estais aqui, velho matreiro! Venham Pachacho e Dom Roí Cabreira para me darem lugar à frente, pois já vos tarda essa gente da Beira, o mordomo e o sobrinho de Cheira, Mem Sapo e Dom Martim de Meira e Lopo Gato, filho de freira, que não há, entre nós, melhor lança. *Eo!*

Em suma, gesta parodial para uma guerrazinha comarcã, com o novo rico-homem, Dom Belpelho a reunir as tropas. É «a primeira paródia da literatura portuguesa que, neste campo ameno, ostenta tantas riquezas, e ao mesmo tempo imitação directa das *Chansons de Geste* da França do Norte. É a única que comprova conhecimento um tanto íntimo da poesia épica francesa em Portugal, no século XIII. O rico-homem de velha estirpe ridiculariza o infanção, a quem a mercê do soberano concedera recentemente *pendão e caldeira*, e vassalos para criar e armar. Mas não é nesta ironia que consiste a novidade. Com este fim mostra-o, não no seu solar, mas na casa de Ordem de Longos onde tinha *pousadia*, como natural e padroeiro»⁶⁴.

Na cantiga seguinte, trata-se dum alardo, pois começa: «Deu ora el-Rei seus dinheiros / a Belpelho, que mostrasse / en alardo cavaleiros / e por ricomen ficasse.» E acaba rindo-se do rico-homem e dos seus vassalos: «qual ricomen tal vassalo, / qual concelho, tal campana». Porém, no *cantar dos eóis*, se nos permitem o título, trata-se de vingar a «casa en que vos mesa dan», quer dizer o mosteiro de Longos Vales.

6. O CICLO DAS AMAS-DE-LEITE

Talentoso segrel, Joan Garcia de Guilhade era de menor condição que Soárez Coelho. Este, no ardor da refrega poética, finge que o meirinho vai proibir Garcia de trovar «por ricas donas nen por infançoas». Disto se queixavam as mulheres de menor condição ou do povo, e o tal meirinho prometera-lhes que cada qual trovaria a gente da sua condição. Desta forma, as tais «coteifas e

outras cochôas» seriam cantadas por Garcia de Guilhade. E os trovadores de gente grada, esses cantariam as «mais altas donas e melhores». O trovador que for vilão chame senhora à sua mulher. E a cada um o que é seu! Quer dizer, a cada poeta pertencia o público da camada donde vinha.

Não era bem uma luta de classes, mas sim uma tendência egoísta de confinar os pequenos na pobreza social (e também temática) do seu mundo. Tendência, dissemos nós, e quase um pretexto para uma guerra trovadoresca.

Airas Pérez Vuitoron, por seu lado, carrega sobre Soárez Coelho: Sabeis trovas, mas nós ainda melhor. Trovar aqui e não para os lados de Santarém, «con esses juizes que vós queredes!» Aliás, Soárez Coelho tratava-o no mesmo tom e convidava-o ironicamente a ser juiz nas cantigas de escárnio que dele fizera, umas seis ou sete. E que deixasse o resto.

João Soárez Coelho estaria em maus lençóis, se não vivesse num mundo *de fazer de conta*. Na verdade, pertence-lhe a cantiga 166 do Canc. da Ajuda: «Atal vej'eu aqui ama chamada»... Ama, por sinal, formosa e bem talhada, do mundo a mais amada. E joga com as palavras *ama* e *amar*, em louvor desta ama «tan pastorinha», quer dizer, tão senhorita.

D. Fernan Garcia Esgaravunha, na celeuma trovadoresca levantada por este cantar, escreve uma paródia da ama e das suas qualidades — e estamos a ver uma simpática aldeã. Que boa ama, esta de Soárez Coelho! Sabe fiar e tecer, talha bem umas calças ou uma camisa e nunca vistes pessoa da sua condição «que mais limpa vida» saiba ter. É mulher de respeito, lava bem e faz boas queijadas, sabe moer e amassar e tem muito de

boa leiteira. O marido castra porcos e não tem igual entre Burgos e Carrión. Ela capa franganotes, que é uma limpeza! E sabe fazer encantamentos. Em toda a Castela, graças a Deus, não há melhor enchido nem melhor morcela «do que a ama con sa mão faz». Faz chouriço gostoso, lava bem um morto e sabe deitar uma galinha choca ⁶⁵.

Dentro do amor cortês e da sua mundividência, o louvor de tal ama tinha muito de escândalo, para a gente fina de então. No entanto, parece-nos ouvir algo de parecido ao elogio da mulher forte, no *Livro dos Provérbios*. Garcia Esgaravunha, se lesse mais vezes a Bíblia, talvez hesitasse em desfazer ironicamente nas amas e no mundo que as cercava, afora, claro está, as bruxarias e benzeduras.

Juíão Bolseiro, pobre jogral, mete-se também com o ilustre D. Joan Soárez Coelho: que pelas terras por onde andara, nunca vira senhoras de categoria a tecer ou criar filhos, com o berço diante da lareira: «u fostes achar / d'irdes por entendedores filhar / sempre quand' amas, quando tecedoras»? Outros já me perguntaram o mesmo, responde João Soárez, por sinal maiores trovadores do que tu. Porém, dir-te-ei o que vi:

vi boas donas tecer e lavrar
cordas e cintas, e vi-lhes criar,
per boa fé, mui fremosas pastores.

Que vira senhoras de qualidade não só a tecer e bordar cordões e cintas mas também a criar lindas crianças. Porém, Juíão Bolseiro replica nunca ter visto o que se chama «molher ama», a não ser que amamentasse

ao menos durante um mês, por soldada ou privilégio de ofício. Só estas eram amas.

Soárez Coelho, no entanto, insiste em alargar o conceito de ama às boas donas que teciam e bordavam cordas e cintas e criavam lindas crianças (pastores) em casa. Em vão teimava o seu adversário que as senhoras não tecem, nem as vira nunca embalar o menino em frente da lareira: «nen ar vi teer / berç' ant' o fog' a dona muit' onrada». Era ele quem tinha razão e, por isso, acaba assim a tenção: Juião, ficas a saber «que o mal vilan non pode saber / de fazenda de bõa dona nada». De facto, Juião Bolseiro nada sabia do que era uma senhora a embalar uma criança, ao fogo da lareira. Haveria contradição em Soárez Coelho, que empurrara Joan Garcia de Guilhade para o meio das mulheres do povo? Não tanta como a princípio nos parece. As senhoras que ele descreve eram verdadeiras senhoras — que ninguém lhes tocasse. Não confundir!

Mas Garcia de Guilhade era teimoso e exclama, num cantar dirigido ao jogral Lourenço: Por Deus, Lourenço, dize a João Soárez Coelho que louvo senhoras (donas). Mas nunca por mim «seran amas loadas». Nem elas nem criadas. Às *donas* dei eu, muitas vezes, cintas e cordões e elas a mim. Nunca, porém, trovei «por amas onradas». Às que me criaram, dar-lhes-ei sempre com que vivam e de vestir. Só farei trovas às boas *donas* «e sempr' estranhei / os que trobavan por amas mamadas». Foi então que D. João Soárez Coelho o mandou trovar para as mulheres do povo e que deixasse em paz as «ricas donas» e as «infançoas». O vilão que trovar souber, chame senhora à sua mulher e não suba mais alto, pois manda el-rei «que troben os melhores trobadores /

polas mais altas donas e melhores»! Aqui está um decreto poético bem forjado.

7. *SÁTIRAS DE VIAGENS, POUSADAS E PEREGRINAÇÕES*

A Idade Média era mais andarilha do que nós pensamos. Os reis também viajavam pelas terras do país, e para disso nos convenceremos basta ler a *Crónica del-rei D. Pedro I*, por Fernão Lopes.

Em Espanha, o almirante Pai Gómez Charinho, do século XIII, queixa-se de o rei comer muito — e com que gosto, santo Deus! Tranquilamente, o monarca responde que outros reis foram maiores em ganhar terras. Porém, com «maior prazer / em comer», isso não! Aliás, há muito que não jantara em Carrión, nem noutros lugares. Gonçalo Eanes do Vinhal fala-nos de infanções que se arruinavam, ou quase, pela grandeza com que recebiam o monarca de passagem. Alguns deles, por bondade; outros, por interesse. A gente pobre encontrava dificuldade nas viagens e peregrinações. Pero da Ponte, num gracioso serventês, perguntou pela distância até à casa de D. Xemen de Ayvar. E responderam-lhe: «un dia mui grand' á i, e un jantar mui pequeno». Um dia longo a caminhar e um pequeno jantar no fim, eis o destino de muitos viageiros.

Às vezes, um infanção qualquer soltava-lhe o cão, como sucedeu a Gonçalo Eanes do Vinhal, ao passar por Campos. Não tinha dinheiro, o trovador, e tencionava albergar-se em casa do tal cavaleiro. E o «mastin» mordeu-lhe o sendeiro. Fraca sorte! Roí Queimado batera à porta dum cavaleiro, para ter

notícias dele. O porteiro foi dizer-lhe que ele queria jantar e o maroto açulou-lhe dois grandes cães, um preto e outro malhado. Quase o iam matando, a ele e ao cavalo. Por acaso, não soltaram o «gran fareleiro», outro cão de alto lá com ele.

Como se vê, jograis e trovadores nem sempre tinham a vida fácil. Pero Garcia Buralês, esse bateu à porta de Martim Fernandes, juiz de Lagares. Chovia água, se Deus a dava, e o juiz foi bom: Disse-lhe onde estava o «albergue», ali perto, e que lá vendiam pão, vinho e carne. Tudo com muita delicadeza. E assim o pôs a andar, se bem que Pero Garcia «nen un dinheiro non tragia».

As soldadeiras andavam pelas pousadas, entre elas a manhosa Maior Garcia que, «de noite, nunca dorme nada». Desaparece da vista, mas nenhum homem lhe escapa. Pior do que Maritornes. Essa, ao menos, trabalhava. Grande peregrina das pousadas era também a famosa Maria Balteira, tão cantada pelos trovadores e jograis. Dava importância aos agouros, se tinha espirrado ou não e quantas vezes, consultava o voo das aves: Ver uma «ferivelha sempr' ao sair», era bom sinal ou havia perigo? E Pedro Amigo de Sevilha responde-lhe que sim, mas «nunca tornades». Os poetas sentiam gosto em rir e sorrir desta mulher fácil e dos seus caprichos. Lembramos, no entanto, que Picasso, antes duma viagem, era tão supersticioso como a Balteira. E como esta, outros faziam o mesmo. Um corvo à esquerda, no começo da viagem, bom sinal! Ao que Joan Airas de Santiago respondia que preferia uma perdiz ou um capão a um corvo. Noutra cantiga, era uma senhora a sair para ouvir missa, «polas oitavas de Natal». Nisto, aparece-lhe «un corvo carnaçal, / e non quis da casa

sair». O padre ia zangar-se, mas o corvo crocitava por cima dela e a boa dona «non quis da casa sair». Com um sorriso, declara o poeta nunca ter visto agoiros tais, desde o dia em que nascera. E não eram só a Balteira e a boa dona que assim pensavam. D. Pero Núñez ia sair, com intenção de chegar a Santiago. Um corvo teimava em voar baixinho, sobre a casa dele, e já não partiu. Era sinal de morte: «Do nout' a crás terrás finado.» Desta noite até amanhã, serás finado!

Nas pousadas, às vezes armavam-se desordens e Gil Pérez Conde fala-nos dum castelhano brigão que esteve quase a bater-lhe, só por lhe falar de Portugal. Fugir? Ora, tinha a «besta cansada» e o castelhano alcançá-lo-ia em breve. Matar não seria bom para ele. Ser morto era outra «ventura minguada». E Gil Pérez exagera talvez o perigo e o ar brigão do espanhol, para melhor sorrir.

Havia ainda os que abalavam em peregrinação à Terra Santa, alguns para combater. Assim dizia Estêvan da Guarda acerca de Álvaro Rodrigues, que pouco entendia da vinha e da sua poda. Tudo lhe corria mal, na terra onde se criara. Resultado, quis abalar para o Ultramar, onde já estivera. Má sorte a sua! A mulher recusa entregar-se a ele, sem primeiro lhe jurar que nunca mais a deixará. Temos, assim, um pobre homem, incapaz de governar a vida na terra e sem licença para sair dela.

Cruzados e peregrinos da Terra Santa contavam maravilhas de guerras e cidades longínquas. Havia até os que nunca lá tinham ido, mas gabavam-se disso. Em ambos os casos, temos o ciclo do Ultramar. Abrangia não só a Terra Santa, mas também outras regiões em torno, algumas delas dominadas pelos cristãos. Para começar, temos «Paai Rengel e outros dous romeus / de gran ventura». Grande sorte a destes cruzados e que

grandes reboarias as suas! Não morreram, por graça de Deus, numa «lide que foi en Josafás». Aportaram em Alcor, estiveram em Mormoion e noutros lugares de nomes impossíveis de entender. Tiveram até uma «lide» em Belém e chegaram ao porto de Tamariz. Esta sátira de Afonso Eanes do Coton é uma de muitas. Martin Soárez confessa que nunca foi à Terra Santa. Porém, conhece-a bem, por Soeiro Eanes. Contou-lhe ele que Marselha está para lá do mar e Acre jaz aquém:

E as jornadas sei eu ben,
como lhi eiri oí falar:
diz que pod' ir quen ben andar
de Belfurad' a Santarém,
se noutro dia madrugar,
e ir a Nogueirol jantar
e maer a Jerusalen.

E diz que veio uñ judeu,
que vio prender Nostro Senhor ⁶⁶.

O judeu que viu prender Nosso Senhor era um pastor, natural de Rocamador e de nome «Don Andreu». O sepulcro estava a três léguas de Santarém e a umas quatro ou cinco de Loulé. Belfurado fica aí, e por lá andou Nosso Senhor. Por lá passou também Soeiro Eanes, em romaria. Mas, depois de o sultão lhe perdoar, sentiu muito gosto em voltar para cá, pelo caminho de Coira e Galisteu (na região de Ciudad Rodrigo), acompanhado por turcos: «com torquis do Emperador».

Parece-nos estar a ouvir certas passagens de Gil Vicente. Eis-nos, porém, na presença do ciclo de Pero de Ambroa e o Ultramar. Que lá fosse ou não fosse,

pouco nos interessa. Estamos a historiar a troça em torno deste acontecimento e a vasta gargalhada poética que o envolveu. Era homem que tinha de viajar e Joan Baveca recomenda-lhe, por sinal, que derranque o rabo de certo albergueiro de má vontade — com uma narigada «desses vossos narizes».

Gostava de peregrinações, Pero de Ambroa, dizia Baveca. Com a condição de não serem longe. Prometeu ir ao rio Jordão e deu tudo em nada, porque não passou de Mompilher. Depois, resolveu «que fosse romeu de Santa Maria», talvez Nossa Senhora de Rocamador, parou em Roncesvales e ficou no «poio de Roldan», nos Pirenéus. E Joan Baveca continua a chufar dele e recorda, por fim, o «corno de Roldan». Lembramo-nos do verso de *La Chanson de Roland*: «Halt sunt li pui e mult halt les arbres.»

A este monte (*pui*) iam os romeiros da Idade Média, ao passar por Roncesvales, e a ele chama João Baveca o *poio de Roldan*. Lá chegou Pero de Ambroa e de lá voltou, pois muito já fizera.

Tornando à romaria da Terra Santa, Gonçalo Eanes do Vinhal duvida que Pero de Ambroa a fizesse. Não por receio da travessia do Mediterrâneo, pois tanto se lhe dava o mau tempo como a bonança. Ninguém, como tu, para não fazer caso do mau tempo no mar, insiste ironicamente João Baveca. Pensa muita gente que nasceste da tua mãe e dum cação ou dum lavagante. E julgamos isto, por não ligares importância à «tormenta do mar»!

Pedro Amigo de Sevilha intervém no cerco a Pero de Ambroa e à sua peregrinação aos Lugares Santos. Se eu agora me «quisesse cruzar», bem poderia ir ao Ultramar, como lá foi Pero de Ambroa. E como? Morando «na

melhor rua que achou / e dizer: — Venho d’Ultramar». Calculou o tempo de ir e vir a Jerusalém, foi meter-se numa «vila» e de lá não saiu antes do prazo. Ora, isso também eu posso fazer e ficar em Mompilher, como ele fez. E volto antes de entrar no mar e nas suas tormentas. Oh Deus! Posso até fazer tudo aqui, em Burgos, e escutar as notícias (dos Lugares Santos), tal qual em Mompilher, e contá-las depois a quem me perguntar, à maneira dum «gran palmeiro» que veio de Jerusalém.

A esta cantiga de Pedro Amigo sucedem-se outras duas do mesmo poeta. Na primeira, mete à bulha João Baveca e Pero de Ambroa, por causa da tal peregrinação aos Lugares Santos. Ambos conheciam a Terra Santa de Jerusalém, passaram depois a falar do «Gran Can» — e lá os deixei a discutir! Na segunda, finge tomar a defesa do Pero de Ambroa, contra a soldadeira Marinha, a qual apregoava que ele «nunca foi na terra d’Ultramar». Ora essa! Pero de Ambroa foi de facto a Jerusalém e, mais tarde, «come romeu / que ven cansado», o vi eu tornar. Cuidado, Marinha, tu andas aí pelas pousadas. Se ele te apanha, receio que te aconteça alguma coisa. Estamos nos meados do século XIII e os mongóis devastavam as terras da Polónia e da Hungria. Nada tão natural como falar do Grão-Cã, tanto mais que tais invasões se tinham ramificado na direcção da Terra Santa, dando assim pretexto às gabarolices de Pedro Amigo de Sevilha.

Enfim, temos a cantiga de Pero Gómez Barroso: Pero de Ambroa, não trovei sobre a vossa peregrinação ao Ultramar e vereis porquê. É que vós não estivestes lá. Se tivésseis ido, trovaria eu sobre Acre e a Terra Santa. Quantos aqui moram, porém, viram «que nunca vós

passastes alen mar». Contudo, hei-de cantar as vossas manhas, pois as tendes.

Faziam-se viagens comerciais, como a de D. Bento a Mompilher. Também elas serviam para fazer rir um trovador atento. Há fiascos e ridículos em todas as profissões. Contudo, para fim deste capítulo, preferimos um serventês de sabor alegórico, com um refrém neste sentido: Ó Rei dos Judeus, Jesus Nazareno, em que grã coita andamos pelo mar desta vida!

Nunca paramos, andamos pelos caminhos, tudo «por erdar comendas e benfeitorias». Se nos convidam por alguns dias, dão-nos só leite e pão de centeio! Nunca vemos senhoras nem olhamos para elas, antes falamos aos alcaides e entramos em demandas, sem pensar «quan pouco sa riqueza logr' o romeo».

Bela poesia, na verdade. Quantas inquietações, quantas viagens dum lado para o outro, quantas questões por amor das honrarias e do dinheiro! E não reparamos na beleza do mundo, nem pensamos que bem pouco nós todos, peregrinos da vida, gozaremos essa glória e esse dinheiro amassado com dores! Sátira profunda, esta, e de sabor filosófico.

8. O FIDALGO PELINTRA

Fidalgo pobre (com a mania das grandezas ou sem ela) e fidalgo pelintra nem sempre coincidem. Porém, reunimo-los aqui para melhor arrumar os assuntos. E quase pediríamos ao leitor para ler, antes deste capítulo, a *Farsa dos Almocreves*, de Gil Vicente. Ou, então, as misérias do Lazarilho de Tormes, quando ele, em Toledo, entrou para o serviço dum destes fidalgotes que

a gente não sabe donde vêm, mas são capazes de rebentar de fome para salvar as aparências: bem penteados, graves nas palavras e, na rua, de andar compassado e cheio de modesta importância.

De Afonso X, o Sábio, temos o fidalgo de meia tigela, Ansur Moniz, a quem os porteiros punham fora, a ele que descendia «dos de Vilanansur de Ferreiros»! Deles e dos de Escobar e Campos, com antepassados de Lavradores e Carvoeiros. Comprou Fouce em terra de Cabreiros — e diz que não se importa «de viver pobre».

Noutro caso, temos um rico-homem que mandou cozer meio rabo de carneiro e a outra metade pendurou-a ao pescoço, bem penteada, para não lhe deitarem mau olhado. Estendeu-se, bocejou e mandou buscar uma bruxa para o esconjurar. A velha, porém, disse-lhe que o mal dele era fome e largou-se a rir. Também este fidalgo não sofria de fartura. A outro recomenda el-rei que, na quinta, pise ele mesmo as azeitonas, numa pia. E todos o terão por «astroso», besuntado e sujo. Aqui temos, pois, outro rico-homem de pequena estatura, descrito por Afonso X.

D. Fagundo, para jantar com dois cavaleiros, cortou um pedaço da vaca e ela morreu. Em má hora encetou ele a vaca e «Don Fagundo quer ora morrer». A este cantar de Afonso Eanes do Coton, segue-se, mais longe, uma sátira de Airas Nunes à pelintrice dos infanções. — Louvado seja este jantar honrado!, disse o infanção ao poeta. — Louvá-lo-ia de bom grado, respondeu Airas Nunes, mas em Jaén, quando andava na guerra, jurei nunca dizer mal nem bem. O jantar não devia ter sido grande coisa, mas o poeta descartou-se da situação, alegando a sua promessa.

Dom Fuão e a mulher vendem barato panos ricos, pela precisão que têm de dinheiro — e há uma certa alegria cruel nas palavras do «corretor». Coitados, que hão-de eles fazer? Certo rico-homem vai-se embora de Lisboa, anuncia outra cantiga. Pois que se vá «en ora boa». Vai a caminho de Seia para Entre Doiro e Minho, mas eu fico na Estremadura. Aqui, ao menos, como e não faço contas. Se o senhor vai para Entre Doiro e Minho, vá-se em boa hora! Que alívio para ambos, fugir da miséria dourada da corte! É a fábula do rato da aldeia e do rato da cidade. Neste caso, eram dois ratos aldeões que se escapavam.

Deixemos Estêvan da Guarda, pois o cantar do galego Martin Anes Marinho vale mais e põe-nos em contacto com escudeiros na situação do Lazarilho de Tormes. O amo-fidalgo prometeu muito, nada cumpriu e os criados riem-se: Na primeira rua onde chegarmos, diz um deles, Dom Fuão nos vestirá dum «pan' estranho» e duma gualdrapa. As calças serão feitas «de névoa» de antanho e ver-nos-emos enfeitados com chufas. Prometeu-me ele uma capa das boas, cintada, e uma peliça de chufas. Daqui não sairei sem capa! Vistes o «potro coor de mentira», que ele me prometeu em Janeiro? Criou-se em Castro Mentireiro. Prometeu-me armas bem lavradas, loriga — e tudo eram cantigas. A loriga, cravejada com patranhas, tão leve era que uma formiga podia-a trazer da Corunha! Prometeu-me uma espada moura e não sei onde a perderam. Mas dele recebi um gibão «de nevoeiro». Tudo burla, tudo mentira.

Certo cavaleiro resgatou-se por quase nada, mas valia ainda menos. A mulher zangou-se com o negócio, conta-nos Martin Soárez. Um infanção pelintra veste-se com roupa de Joan Servando e vai-se desculpando, até

acabar por uma negativa: «non vos darei os panos a meu grado». Alguns infanções andam pelas feiras, a deitar figura e a curtir a miséria. Comem pouco, o vinho sobelhes à cabeça e não se aguentam nas pernas, insiste o poeta.

Não se tratava sempre de pobreza envergonhada mas, sim, de pelintrismo psicológico. Por Deus, infanção, quereis vós que el-rei vos tire as terras? É que desobedeceis ao seu decreto! Mandou ele trazer a capa dois anos. Ora, já a trazeis há três! Mandou-vos comer carne duas vezes. E não a quereis cozer ao menos uma!

Noutras casos, está o cavaleiro arruinado, mas ainda fala como nos tempos antigos: «Ajudar quero senhor e amigo!» Antes este cavaleiro de Joan Garcia de Guilhade do que o infanção de Pero da Ponte. Levou-o a jantar, entre Burgos e Carrión. Tão mau foi o jantar que o poeta jurou que nunca mais! Igual a este era certo infanção. Na cozinha dele, nem moscas nem fogo aceso. Tudo gelado. É beber o frio!

Claro, havia infanções que comiam bem. Uns, porque o tinham e não receavam gastos. Outros porque levavam e não pagavam. Por exemplo, o infanção de Carrión, citado por Pero da Ponte. Que grande salmão à venda, quase tão grande como uma baleia! E ele e a mulher que morriam por aquele peixe! Mandou um dos seus homens comprar o «salmon fresco» e, depois, «quite quen poder». Ou melhor, pague quem estiver para isso.

Pero Lourenço andou à procura de casa e comprou uma sem quarto, sem cozinha e sem quintal, só paredes e tecto — e Pero Gómez Barroso ri-se do pobre homem. Por seu lado, Soeiro Fernández é um peralvilho de «çapato dourado», no Verão e no Inverno. Veste-se

bem, nunca lhe vejo faltar nada e não olha a despesas.
Mas, em calçar e vestir, gasta ele mais do que tem.
Contudo, não há que duvidar:

El se veste sempre ben como quer,
e des i, custe o que custar poder,
e non creades quen vos al disser;
e desto mi faço maravilhado:
ca, en inverno e per qual tempo quer,
sempre lhe vejo capato dourado ⁶⁷.

Este janota descrito por Rodrigo Eanes Redondo ainda não morreu. Anda um pouco por toda a parte, sem dinheiro mas sempre à moda. Aliás, pobreza não é vergonha e pode até servir para encobrir defeitos. Assim julga Pero da Ponte. Por outro lado há ainda outras misérias, entre elas a de um cavalo abandonado e sem ferraduras. Veio a chuva, cresceu a erva e o cavalo arribou:

Un cavalo non comeu
á seis meses, nen s'ergeu;
mais prougu' a Deus que choveu,
e creceu a erva,
e per cabo si paceu,
e já se leva! ⁶⁸

Teve sorte, este cavalo, a quem o dono não dava «cevada neno ferrou». E quase nos lembramos do soneto de Nicolau Tolentino: «Vai, mísero cavalo lazarento»...

Os que sorriam da pobreza nem sempre viviam melhor. Um deles foi Afonso Eanes do Coton, a quem Martin Soárez dirige uma sátira pungente: Putanheiro,

amigo de jogar aos dados, a viver sozinho e a vagabundear «por estas ruas», bem podia o desgraçado trovador ser um homem de consideração. Mas as mulheres e o vinho davam cabo dele: «pago-m' eu deste foder astroso / e destas tavernas e deste beber». Nada valho, peguei-me a isto e não quero por «outras fronteiras andar». Na minha angústia, refugio-me «na putaria», e assim vou indo. E deixo as «putas de mi ben dizer, / e de mias manhas e de mia folia».

Aqui está um goliardo que escrevia na língua materna. Um goliardo temperamental e talvez sem grandes estudos. E ao lermos este retrato, escrito a frio por Martin Soárez, pensamos em Villon, sem eira nem beira, escutamos os seus versos tabernários, a balada às mulheres de Paris e, sobretudo, a *Ballade de la grosse Margot*.

9. SÁTIRAS AO CLERO, AOS MOSTEIROS E A DEUS

No clero metemos a igreja hierárquica, desde as ordens menores ao papado. As línguas destravam-se, a começar pela de Afonso X, o Sábio. Hereges? Não. Homens que sofriam pelos males da Igreja ou trovadores que estendiam a sátira aos imitadores de Frei Tomás, que bem o diz e mal o faz. Sentiam-se nesse direito, o concílio tridentino ainda não domesticara os fiéis e estes não receavam dar pasto ao mal-querer dos protestantes e dos incréus. Eram simples questões de família, tratadas à maneira livre de Gil Vicente, herdeiro do espírito medieval.

Feiticeiro e devasso, o deão de Cádiz lia por livros de amor e bruxaria, dando volta à cabeça das mulheres: com os «livros que ten, non á molher / a que non faça que semelhan grous os corvos». Nem lhe escapavam as mouras. Mais adiante, outra vez um deão, talvez o mesmo. Roubara um podengo ao rei. Que fazer a tal homem? Penhorar-lhe a «cadela». E a cadela era a amante. Nem o Papa escapou, desta vez por motivos políticos. Afonso X julgava-se com direitos ao Sacro Império Romano e não foram amistosas as suas relações com a cúria romana: «se me graça fizesse este Papa de Roma»!, exclama ele. Mas nem o Papa nem os cardeais lhe pareciam equânimes e intrometiam-se no que pertencia ao rei:

Se con os cardeaes, con que faz seus conselhos,
posesse que guardasse nós de maos trebelhos,
fezera gran mercee, ca non furtar con elhos
e os panos dos cristãos meter sô sa capa.
Quisera eu assi ora deste nosso Papa
que me talhasse melhor aquesta capa ⁶⁹.

Ainda no campo da política, há sátiras contra o alto clero, pois excomungava quem não entregasse os castelos ao conde de Bolonha. Ora, eles tinham jurado lealdade a D. Sancho II. Por isso, escreve o jogral Diogo Pezelho, num sarcasmo cheio de ironia:

Meu senhor arcebispo, and' eu excomungado,
por que fiz lealdade: enganou-mi o pecado,
soltade-m', ai, senhor,
e jurarei, mandado, que seja traedor.

Fui leal e, por minha desventura, tive um castelo em Sousa e dei-o a seu dono — e julgo que procedi bem. Por meus negros pecados, tive um castelo forte e dei-o a seu dono. Tenho medo da morte, absolvi-me da excomunhão «e jurarei, mandado, que seja traedor»⁷⁰.

Airas Pérez Vuitoron defende o alcaide de Celorico, leal ao rei, e ataca a hierarquia eclesiástica, num libelo magnífico e com bastante latinório a fazer paródia:

A lealdade da Bezerra pela Beira muito anda:
ben é que a nostra vendamos, pois que no-lo Papa manda.
Non ten Sueiro Bezerra que tort' é en vender Monsanto,
ca diz que nunca Deus diss' a San Pedro mais de tanto:
— *Quen tu legares en terra erit ligatum in celo*;
poren diz que non é torto de vender om' o castelo.

E poren diz que non fez torto o que vendeu Marialva,
ca lhe diss' o arcebispo un vesso per que se salva:
— *Estote fortes in bello et pugnate cum serpente*;
poren diz que non é torto quen faz traçon e mente.

O que vendeu Leirea muito ten que fez dereito,
ca fez mandado do Papa e confirmou-lh' o Esleito:
— *Super istud caput meum et super ista mea capa*,
dade o castelo ao Conde, pois vo-lo manda o Papa.

O alcaide de Faria vendeu o castelo para remir «seus pecados». E se mais tivesse, mais daria. Bem esmolou o que deu Santarém. Martim Dias entregou a Covilhã e Pero Dias a Sortelha. Trancoso e Sintra levaram o mesmo caminho. Porém, quando o Conde chegou a Celorico, Fernão Rodrigues Pacheco puxou do cutelo. E disse-lhe um bispo: — *Mitte gladium in vagina!* Mete a espada na bainha e não nos estorves com ela! Mas Pacheco respondeu: — Daqui para fora, Conde! E

«peede» (espeidorraí-vos) com medo, onde vos digam para atacar:

Salvos son os traedores quantos os castelos deron;
mostraron-lhi en escrito que foi ben quanto fezeron,
super ignem eternum et ad unitatis opem:
salvo é quen trae castelo, a preito que o isopen! ⁷¹

Os que entregaram os castelos mostraram, em escrito, que fora bem quanto fizeram. Ficam a salvo os traidores, pois lhes deitam água benta.

Airas Nunes era clérigo. Fala-nos ele dum bispo que passou pelo Eleito e não deu por ele. O Eleito zangou-se: Que bispo sois vós que passais por mim e não me cumprimentais? — Não vos conhecia, assim Deus me perdoe. É que nunca vos vi e, por isso, não vos podia reconhecer. Não tendes isso por falta de educação. — Mas todos, aqui, têm de me conhecer e quem assim não fizer não é bispo nem coisa nenhuma! Sois um bispo que não sabeis quem sou, nem por mim dais o valor duma palha, replica o Eleito. — Tendes razão, sem dúvida, desculpa-se o bispo. Mas não quero baralhas convosco.

Será isto unicamente uma briga de campanário, satirizada por Airas Pérez Vuitoron? Não nos parece. O «eleito», de que fala a cantiga, talvez não seja qualquer bispo, mas, sim, o Papa. Um simples bispo eleito não trataria mal um bispo mais antigo e já sagrado. Além disso, o «eleito» mora num lugar onde todos os bispos têm obrigação de o conhecer e de lhe falar. Isto só na Cúria Romana. Neste caso, a ironia vem da ignorância do pobre bispo que vai a Roma e não sabe quem é o Papa. A não ser que se trate dum bispo eleito há pouco e cheio de prosápia, todo zangado por um bispo

simplório não dar pela sua nova dignidade. Porém, não nos parece...

Havia o proletariado eclesiástico, digamos assim, em busca duma freguesia ou dum benefício, às vezes para não morrer de fome. Na primeira metade do século XIV, Estêvan da Guarda fala-nos de Martin Vásquez, jogral, astrólogo e com estudos.

Pouco lhe valia, porém, a sua astrologia e resolveu entrar nas ordens sacras, com esperança duma igreja. A igreja, contudo, não vinha depressa e lá ficou ele ainda pior.

Com efeito, os clérigos não podiam ser astrólogos e D. Afonso IV proibia-lhes que fossem jograis. Merlim revelou quanto sabia a Viviana e foi isso que o matou, pois ela o encerrou por magia. Também uma mulher aprendeu a ciência astrológica de Martin Vásquez e o encerrou na prisão do seu amor, fazendo-o sofrer «no coração». E há-de morrer, dando brados como fez Merlim. Mais tarde, sempre arranjou uma freguesia, mas pobre. Tudo isto por causa «das planetas que tragia erradas» o infeliz Martin Vásquez!

Neste cerco ao pobre Martin Vásquez e às suas ilusões, entrou o conde D. Pedro de Portugal:

Martin Vásquez, noutro dia,
u estava en Lisboa,
mandou fazer gran coroa:
ca vio per astrologia
que averia igreja
grande, qual a el deseja,
de mil libras en valia.

E diz que vio na estrela,
pero que a non demande,

d'aver igreja mui grande,
ca non igreja mesela;
ca da pequena non cura,
ca lhe seria loucura
d'el aver a curar dela.

Diz também que viu, na Lua, a certeza duma igreja de grande renda — e está a zangar-se pela tardança ! ⁷²

Dentre os clérigos, temos um que escreve uma cantiga, a defender-se do mal que dizem dele. Que é casado, afirmam alguns, por ele ter qualquer amante. Mas vêem tudo ao revés, pois todos os dias entra no coro, de capa e sobrepeliz. Quanto aos «que lhe mal buscan», por ter mulher, esses não jejuam para apagar tal pecado!

Fernando Ésquio satiriza um frade metido com saias, entre elas a soldadeira Marinha. E da Balteira, conta-nos que meteu um clérigo em casa, com cama e mesa. Que havia ela de fazer? A morte metia-lhe medo, foi-se confessar e, desde então, pôs o clérigo entre ela «e o Demo maior». Não havia outra solução. Ficamos a pensar que há certa malícia na solução.

Basta ler as obscenidades cruas de Afonso X, numa das suas cantigas de escárnio, para sabermos que a Idade Média nada tinha de uma donzela educada em redoma. O tabernário Afonso Eanes do Coton pede a uma abadessa que lhe ensine o que há-de fazer à mulher, pois deve saber disso a fundo. E de cada vez, rezará um pai-nosso pela abadessa. Assim, poderá ganhar «o reino de Deus»!

Às vezes, estamos ainda no amor cortês, duma cinta que se dá. Noutras, entramos na insinuação duma abadessa de inocência perdida. Há sátiras mais ou menos obscenas às abadessas de Arouca (e não só às

abadessas). Enfim, Gonçalo Eanes do Vinhal agradece a certa superiora a hospedagem amiga do mosteiro, onde ele era comendador.

Nesta carta de agradecimento, digamos assim, o trovador fala de si em terceira pessoa e diz à abadessa que, se ela o comendador «ben non albergou / non foi por vosso coração». Quererá isto insinuar que a abadessa pusera tudo à sua disposição, até as suas graças corporais, e que, por isso, ele não descansara como devia? Julgamos que não. A carta tem a sua ironia, mas as palavras citadas equivalem, mais ou menos, a esta expressão: Se mais não fizestes para nos agasalhar melhor, não foi por falta de boa vontade.

Nalgumas sátiras contra as freiras, volta-se o feitiço contra o feiticeiro, pois quem fica mal parado é o poeta, rebaixando-se a uma sublitteratura de viela. Basta ouvir a primeira estrofe duma composição de Fernando Ésquio, em belo ritmo de redondilha, em torno de certos objectos de autoconsolação sexual:

A vós, Dona abadessa,
de min, Don Fernand' Ésquio,
estas doas vos envio,
por que sei que sodes essa
dona que as merecedes:
quatro caralhos franceses,
e dous aa prioressa ⁷³.

Segue o resto pelo mesmo estilo, de baixa temática e boa estrutura verbal. Tais versos, no entanto, caem sobre quem os escreveu, fosse a abadessa boa ou má. No entanto, valem como documento. Hoje em dia, há uma vasta indústria erótica e as *sex-shops*. Pensamos que Fernando Ésquio viria agora em melhor ocasião, ele e os

seus versos desbocados. Mas enfim, a Idade Média gostava de se rir à custa de toda a gente e é inútil armar ao trágico.

Também as ordens militares são passadas ao crivo. Numa tenção entre D. Vasco e Pero Martinz, afirma este que, na Ordem do Hospital, alguma coisa cheira a podre, ou mais explicitamente, que D. Roí Gil tem fama de grande fornicador e Roí Martinz fama de falso. Quanto ao prior, é um avarento. E assim por diante — com vocábulos de fazer corar um macaco.

O conde D. Pedro de Portugal troça dum mestre de ordem militar, com barregã e tenda ou loja para negócio, em Lisboa. Joga o poeta com a palavra *estee* ou *estaca* da tenda, em que ficou a «Meestra» metida. Será preciso explicar? Se o leitor não entender, tanto melhor.

Nem tudo, porém, vai mal. Gil Pérez Conde recorda-nos que em vão buscara Amor em casa do rei, às horas da ceia e do jantar. Nas casas dos privados, o mesmo desamparo. Amor partiu e não voltou! E nas tendas dos infanções ninguém sabia onde ele parava. Gil Pérez foi então procurá-lo entre os templários e lá o achou. Quanto aos freires do Hospital, nem sequer lhes perguntou onde Amor parava.

Por vezes, a sátira atingia o próprio Cristo, em invectivas blasfemas, se as tomássemos à letra. É o caso de Pero Garcia Burgalês, por Deus lhe ter roubado «quanto ben» ele tinha no mundo, decerto a mulher amada: Nunca Deus quis nada de bom nem se doeu do coitado, apesar de dizerem que ele (Cristo) viveu sofrendo. Se assim fosse, teria pena de mim. Enquanto viver, nunca hei-de acreditar «que o Judas vendeu», nem que morresse crucificado, nem que seja filho de Santa Maria. Ainda mais: Não acredito que «foi coitado»,

porque senão teria pena de quem sofre. E «pois quanto ben avia me tolheu», por isso não tenho fé nele e foi loucura quando nele acreditei. E se ele ainda vivesse neste mundo e lhe pudesse «mal fazer», por boa fé que lho faria! Infelizmente, não está em meu poder a ele «guerra fazer». Mas por «torpe tenh' eu quen por el fia»!

Temos de confessar que há, nestas invectivas, enormes irreverências e até descrença verbal, nalguns pontos. São palavras dum homem que perdeu (ou fingiu perder) a cabeça. Mas a descrença verdadeira tem de ser a frio. Em qualquer caso, prestemos homenagem às amplas liberdades medievais.

O cavaleiro Pero Gotérrez não se afasta muito de Pero Garcia Buralês: «Todos dizem que Deus nunca pecou / mais mortalmente o vej' eu pecar.» E porquê? Porque o vejo desamparar os seus «vassalos», comprados com o seu sangue. Deixa-os morrer pelo grande amor que têm à sua senhora e dela são desamparados. E o poeta continua:

E maior pecado mortal non sei
ca o que eu vejo fazer a Deus,
ca desampara os vassalos seus
en mui gran coita d' amor qual eu sei;
o senhor que acorrer non quer
a seus vassalos, quando lh' é mester,
peca mortal, pois é tan alto Rei.

É dizer muito. Mas aqui, há mais subtileza e menos violência do que no Buralês. Qualquer senhor, explica ele, deve afastar os seus vassalos da morte e socorrê-los nas aflições. Deus, porém, não faz assim. Deixa-os morrer de amor, apesar de poder salvá-los. Por isso, «faz gran pecado mortal» ⁷⁴. Quanto a nós, dos poetas dos

cancioneiros talvez nenhum tenha morrido de amor. Por isso falavam tanto.

Por seu lado, Gil Pérez Conde não quer trovar mais, pois Deus lhe levara a sua amada. Que o «Demo maior» lhe tire também tudo! E porque me roubou Deus a minha senhora? Diz ele que não tem mulher. Se a não tem, «pera que quer / pois tant' a bõa Maria?». Nunca Deus me deu nada e tirou-me a minha boa senhora. Não creio nele, nem me tenho por pecador, pois fez-me perder a «mia senhora». E eu a confiar no amor dele!

Nada mais nos diz a cantiga acerca da senhora, em especial da sua perda, pois são obscuros alguns versos e há lacunas. Mas Gil Pérez Conde esclarece-nos noutra cantiga: Ó Deus, se não fora Santa Maria, vossa mãe, eu vos faria arrepender, por causa da senhora que me tirastes! Só vos suporto isto por amor de Santa Maria. «Se eu voss' era, por que me perdestes?». Nunca mais servirei para coisa nenhuma. Que bem me fizestes, para eu crer em vós e vos servir? Grande foi a vossa injustiça, «ca mi teedes mia senhora forçada». Ora, eu nunca tirei nada ao vosso Filho! É mau deixar as «velhas feas, e as fremosas / e mancebas filhá-las por esposas. / Quantas queredes vós, tantas filhades» e não me dais nenhuma.

Numa palavra: a mulher amada entrara para um convento e fizera-se religiosa. Ela e outras moças bonitas. Vão para lá as velhas! E que acontece às moças bonitas que Deus escolhe para si? Que lhes faz ele de bom? Não as serve nem as louva, como os trovadores. Andam mal vestidas, por trás daqueles muros!

Dor? Talvez. Riso? Não. Antes um sorriso a envolver esta zanga quase infantil, pela perda (verdadeira ou fingida) duma boa rapariga que preferiu entrar no convento. Diz o poeta que Deus a tem lá «forçada». Os

homens, talvez. Deus, não. Em suma, um belo desvario de amor «cativo», como então se dizia.

Para acabar o tema satírico da hierarquia e da religião, temos um serventês moral do clérigo Airas Nunes: Abalei um dia em busca da Verdade e diziam-me todos: Procurai noutro lugar, que dela não temos notícias nem anda por aqui. Fui por ela aos «moesteiros dos frades regrados» e disseram-me: Não busqueis a Verdade aqui. Há muitos anos que ela deixou de morar connosco. Não sabemos onde ela pára.

Em Cister, responderam-me que não estava lá e que nenhum frade a conhecia. O abade não queria dar-lhe pousada e ela andava «fora da abadia». E em Compostela? Chegavam romeiros ao albergue. Ao perguntar-lhes pela Verdade, responderam: Por Deus, andais errado no caminho! Buscai-a noutro lugar, «ca non sabem aqui dela mandado».

10. *MÉDICOS, JUÍZES E ADVOGADOS*

Ao longo da história, os médicos meteram-se (ou antes, fizeram-nos entrar) na barca louca da sátira. Todos sabemos estes versos de cor:

Aqui jaz um pobre rico,
Nesta rica sepultura.
Escapava da doença,
Se não morresse da cura.

Ora, Mestre Nicolau, da Universidade de Mompilher, voltara de lá com os livros e os seus diplomas. Afonso Eanes do Coton satiriza-o, dizendo que ele sabia muita coisa, mas...: «trage livros ben de Mompisler; / e latin

come qual clérigo quer / entende». Porém, não o sabe «tornar». À maneira dos mestres, sabe trazer livros consigo, finge que procura neles, mas não os entende. Dir-vos-á, até, o preço deles e quando os comprou. Que grande sabedoria! Leu-os tanto que até reis e condes o respeitam. Também aprendeu astronomia e consultam-no mais do que a Mestre Andreu, desde que «o outro morreu». Das aves, diz ele que as criou Nosso Senhor. E dos instrumentos de música, afirma que pode tocar por eles quem souber.

Não passa duma troça benigna, este serventês, e não prejudicaria Mestre Nicolau, no apogeu da sua carreira. Era médico dos reis de Leão e Castela.

Ainda hoje, a categoria do médico mede-se, frequentemente, pelo dinheiro que leva. E o dinheiro depende da fama. Quem estiver doente, declara Gonçalo Eanes do Vinhal, pague bem a este médico e Deus poderá curá-lo! Por mal e sem remédio que esteja uma pessoa, lá vai ele e pergunta-lhe pela doença. E se paga bem, as perguntas não impedem a cura. Quanto a livrar da doença, isso pertence a Deus. Claro que receita e é capaz de se curar o doente, se o mal não lhe vier outra vez. E depois de longo tratamento, poderá levantar-se. Em suma, muito dinheiro, pouco saber e talvez a cura. O médico, porém, nada tem a ver com o caso. A natureza agiu por si.

Gonçalo Eanes do Vinhal embirrava com ele, também por motivos de ordem poética, no caso de se tratar da mesma pessoa. Mestre, nos vossos cantares, seguís apenas «aquestes de Cornoalha». Estes, sim, que sois bem capaz de os imitar. Nas cantigas de amor e de escárnio, também seguís as nossas e «mui bem»! Até já fizestes tenções. Contudo, tendes pouca arte para

disfarçar o furto dos versos. E assim, um vosso cantar de escárnio é de Pedro Agudo. Dele e doutros.

Por maestria soubestes saber
de razon alhêa vossa fazer
e seguir sões, a que vos deitastes;

E gran sajeza fezeistes de pran;
mais los trobadores travar-vos-an
já quê nos tempos, que ben non guardastes ⁷⁵.

Grande era a sua habilidade ao tomar dos outros a letra e a música. Não, porém, com suficiente segurança nas boas regras poéticas.

Mestre Acenço tinha tanto de médico como de clérigo, caso frequente na Idade Média. Basta lembrar Pedro Hispano. E não só ele. Foi a Ronda, tratou lá certo cavaleiro e o pobre abalou desta para melhor. Tudo isto sem o rei lhe pagar. Pois bem, continua Martin Moxa, o dinheiro que el-rei gasta nos cavaleiros devia reparti-lo com Mestre Acenço, para ele matar outros. Mestre Acenço, não vos enfadeis. Quando vier a jeito, matai outro. Se o rei «sabe vossa demanda / e ouver paz» (os ricos-homens de Leão e Castela andavam então a fazer distúrbios) logo fará de vós um arcediago! Diz-se até ser intenção dele entregar-vos Ardon em comenda. Nesse caso, levai um saco dos vossos pós medicinais, para livrar o castelo, matando ora um ora outro.

Eis, porém, que Pero de Ambroa nos obriga a tornar a Mestre Nicolau, o tal de Mompilher e da corte de Afonso X, o Sábio. Os trovadores e segréis divertiam-se com ele e com todo o mundo, aliás. Será prudente não avaliar o médico pela troça deles. Uma graça é uma

graça. Um bobo pode troçar à vontade, que ninguém o tomará sempre à letra. E às cantigas de escárnio e maldizer, também não.

Sabeis uma coisa?, pergunta Pero de Ambroa. Mestre Nicolau, que não me curou e a quem vós chamais «meestre mao», arranjou umas ervas medicinais: Faz do vivo, morto; de quem tinha juízo, doido; e a um cego deu-lhe um pau, para se guiar com ele. Outra ciência de Mompilher: tirar ao doente quanto dinheiro puder. Tem de ser, amigo! Traze-me dinheiro, de hoje a três dias. Vi na tua cara que estás enfermo e queres curar-te. Ora, é isso mesmo o que eu quero. Dá-me quanto tens e quanto puderes arranjar! Até agora, insiste o poeta, não conhecemos outro médico tão bom. Apenas chegou, tratou de levar o seu preço avante, pelas grandes curas: «faz que non fal' o que nunca falou / e faz do manco que se non levante».

Uma cantiga de amigo, chula, traz à baila os atrevimentos dum sangrador de Leiria — e limitamo-nos a transcrever a primeira trova, onde a mulher começa a desabafar:

Un sangrador de Leirea
me sangrou estoutro dia,
e vedes que me fazia:
andand' a buscar a vea,
foi-me no cuu apalpar:
al fodido irá sangrar
sangrador en tal logar!

Perdura ainda este género de graças a respeito de certos médicos. E ainda ouvimos, neste século XX, expressões equivalentes aos dois versos finais: «Quen tal jogo quer jogar, / con sa mai vaa joguetar» ⁷⁶. Desculpe

o leitor, mas tem os seus riscos ouvir falar das cantigas de escárnio e maldizer.

Depois dos médicos (o sangrador tinha o seu quê de médico), vêm os juízes e a fauna adjacente. Estêvan da Guarda queixava-se dum advogado, manco duma perna. Tão manco que perdia as demandas. E um juiz surdo?

Outros aceitavam peitas, entre eles um, de nome Alho, que se metia em maranhas e negócios duvidosos, deixando-se levar pelo dinheiro. Esperto que nem um alho, dizemos nós. Talvez o nome já encerrasse uma sátira. E bem esperto devia ser também o rábula João Nicolau. Conta-nos Airas Pérez Vuitoron uma das suas façanhas jurídicas: livrou da morte certo homem, segundo o foro de Leão, alegando a lei de ninguém poder fazer justiça em homem que não tiver presente. Ora, o réu andava homiziado e, assim, nada podia fazer a justiça real. Para acabar, ria-se o rei D. Dinis de certo cortesão que mandara sangrar três bestas suas — e elas morreram. Nunca o rei vira perder tão estupidamente três bestas assim!

11. *JUDEUS*

Havia judeus trovadores e havia judeus trovados, nas cantigas de escárnio e maldizer. Estes, porém, são poucos. Ao contrário do *Cancioneiro Geral*, os cancioneiros antigos, em Portugal, mantiveram-se alheios ao anti-semitismo sistemático. Em geral, pois há exceções.

Dos judeus trovadores, conhecemos alguns nomes: Samuel, de Leiria, aparece num documento do século XIII, com o distintivo de trovador. Veremos em breve

uma tenção onde entra «Don Josep». E temos Vidal, o *Judeu d'Elvas*, cuja posição social ignoramos, mas que nos deixou dois cantares de amor, no *Canc. da Vaticana*, profundamente marcados por reminiscências bíblicas ⁷⁷. Mais tarde, nos tempos de D. João I, recordamos o «judeu servidor da Rainha Dona Fillipa, que chamavam Yuda Negro, que era gramde trobador segumdo as trobas daquelle tempo», como nota Eanes de Zurara ⁷⁸.

Ora bem, os judeus, nas cantigas de escárnio e maldizer, não ficam muito mal parados — num reino literário em que todo o mundo recebe a sua conta. Disse-me um judeu que este furto fizera certo romeiro... Nada, porém, contra o judeu! Um rapaz ou um judeu não têm «voz», declara Afonso X, noutra cantiga. Refere-se, como demonstrou Pellegrini, à incapacidade jurídica dos menores de 17 anos e dos judeus. Ou troçará o rei da voz estrídula dos rapazes e dos judeus, ao falar da «maa voz», na cantiga contra Mestre João? Mesmo, porém, que ele fosse judeu, pouca importância teria para o caso. O rei pede-lhe unicamente para não cantar nas festas da Ascensão, do Natal, ou noutras «festas de Nosso Senhor». Que deixe de cantar na igreja, a fim de não zangar o «arcebispo, voss' amigu' e meu». Simples graça, mesmo que fosse um judeu e cantasse mal.

Contudo, quando certo cavaleiro ameaçava levar Estêvan da Guarda ao tribunal, o trovador chamou-lhe, «Coraçon de judeu», isto é, coração duro. Por causa da Paixão de Cristo ou por eles não perdoarem um ceitil, no pagamento das dívidas? Não sabemos. Mas que é isto em comparação das sátiras e acusações a ricos-homens, devoradores da terra e dos pobres?

Certo é que, no regime das contribuições ou *talhas*, os judeus encarregavam-se de as cobrar. Tal contribuição era proporcional aos cabedais e haveres de cada um, repartindo-se equitativamente determinada soma por um povoado, concelho, cidade, etc. A dificuldade estava na distribuição proporcional. Com efeito, Estêvan da Guarda, na tenção, acusa *Don Josep* de ter empregados parciais: os «vossos judeus talhadores», a grandes e a pequenos ordenam «quanto cada un judeu á-de dar». Mas por que razão agem de maneira diferente com «Don Foão judeu»?

O judeu, porém, responde que, «na talha, graças nem amores» servem a ninguém. Os talhadores são implacáveis. O tal «Don Foão judeu» já pagou várias vezes o que lhe marcaram. E eu também pago, acrescenta ele: «eu dou do meu!» O outro insiste na sua e o judeu lembra-lhe que nada «foi de mia talha negado»: tudo foi sabido, certo e apregoado, quanto a bens móveis e de raiz.

Então, o poeta considera-se vencido: do vosso não negastes coisa nenhuma, está tudo bem «apreçado» como «o vinho forte en Alhariz». E Estêvan da Guarda põe-se ao lado do cobrador de impostos, contra o seu detractor.

As *talhas* podiam talvez ser grandes. Contudo, a culpa não era dos cobradores. *Dura lex sed lex*. A lei era dura, mas era a lei e não tinham sido eles a fazê-la. Esta relativa ausência de anti-semitismo, no meio de centenas de cantigas de escárnio e maldizer, dá-nos que pensar. Esperávamos bastante pior.

12. *ARRIVISTAS*

Em todos os tempos, há pequenos e grandes ambiciosos. Emergem do nada e sobem na escala social, sem mérito seu e, às vezes, por malas-artes e conivência alheia. Têm uma psicologia comum, estes arrivistas ou adventícios: certa filáucia ridícula, o desejo de exhibir a sua grandeza e certo complexo de inferioridade mal disfarçada.

Gonçalo Eanes do Vinhal, maior português ao serviço de Afonso X, troça de Pero Fernández, homem zangadiço e com fumaças de fidalgo, o qual recusava pagar o imposto de portagem dos domínios do conde Gastão de Bearn. Um cavaleiro, filho de clérigo, vaidoso e pobre, renega um sobrinho e apresenta-se «por mais fidalgo» do que todos os daquele lugar. Outro gaba-se de família nobre, apesar de quase ter estado a ser enforcado. Pior é um porteiro do rei, que manda mais do que ele ou pretende mandar. Impedia a Gil Pérez Conde a entrada no Paço. É um homem de todos os tempos, à porta dos palácios e ministérios, como se tudo aquilo fosse dele. Chegou de baixo e agora domina de alto, com ares mais importantes que os do rei.

Martin Soárez e Pai Soárez hesitam em dar a um vilão a categoria de jogral. É que ele não sabia cantar. Seria ridículo! Por fim, Martin Soárez propõe que lhe chamem «jograr Sison», para se ver livre do homem. O certo é que, graças a Martin Soárez e à sua cunha, o ambicioso vilão «trist' e nojoso e torp' e sen mester» subiu a jogral. Jogral Sisão? Era nome duma ave que expelia gases à valentona. Contudo, o arrivista e parte do público talvez não dessem por isso. Riam-se os outros, mas o jogral Sisão continuava impertérito, a

cantar mal e sem dar por isso. Furara na vida, embora dissessem: «Confunda Deus quen te deu esse don / nen a quen te fez o jogar nen segrer».

Outros não estavam com meias medidas e promoviam-se a si mesmos. Assim fizera o jogral Lourenço, dizia alegremente Joan Garcia de Guilhade. Podia agora dormir, por já não escutar Lourenço a arranhar no citolão. O melhor, porém, seria pôr de lado as trovas e o citolão!

Também naquele tempo, a demagogia e o gosto de agradar ao povo levavam certos poetas a baratear o trovadorismo. Pelo menos, disso se queixava Martin Soárez, de Riba-Lima, e um dos melhores poetas de então:

Cavaleiro, con vossos cantares
mal avilastes os trobadores;
[.....]
Os aldeiaños e os concelhos
tôdolos avedes pagados;
tamben se chaman por vossos quites,
como se fossen vossos comprados,
por estes cantares que fazedes d'amor,
en que lhis achan os filhos sabor
e os mancebos, que teen soldados.

Ben quisto sodes dos alfaiates,
dos peliteiros e dos reedores;
do vosso bando son os trompeiros
e os jograres dos atambores,
por que lhis cabe nas trombas vosso son;
pera atambores ar dizen que non
achan no mund' outros soôs melhores ⁷⁹.

No entanto, gostaríamos de saber que música era essa e que versos. Com efeito, bem podia o tal «cavaleiro» inspirar-se em letras e músicas de estilo popular, explicando isto a fama de que ele gozava entre a arraia-miúda dos mesterais e gente do povo: aldeões, provincianos, rapazes sem cultura, alfaiates, peliteiros, cortadores de cabelo, jograis de tambor, etc. Nessa hipótese, não se trataria dum arrivista, antes dum poeta enraizado no folclore.

Passemos, agora à escala da nobreza. Ela subia em longas gerações, ou dum pulo audaz e nem sempre limpo. Certo escudeiro «que non era ben fidalgo» queria trepar a cavaleiro, sem direitos para isso. A um vilão alfaiate, fê-lo el-rei D. Dinis cavaleiro, depois de ele ter servido o bispo D. Domingos Jardo, de Lisboa, como talhante à sua mesa. Devagarinho e protegido pelos grandes, lá chegara. Oiçamos Pero Méndez da Fonseca: veio «Paio de maas artes» e, passado um mês, comendador! Entrara na corte, «descalço», de madrugada, «cobrou manto con espada» e pronto, comendador da Ordem Militar de Uclés!

Finalmente, temos um vilão rico, a quem D. Afonso IV fez cavaleiro, a rogo do bispo eleito de Viseu, D. Miguel Vivas. Casara com a sobrinha do bispo. E era vê-lo, vestido à grande e a disfarçar a careca. *Grande Cavalleiro é Dom Dinheiro*, costuma dizer-se. Ou então, este nome duma comédia de Lope de Vega: *Dineros son calidad*. Dinheiro, fazer a corte a quem está por cima e, sobretudo, bastante descaramento, eis os três caminhos do arrivismo.

13. *CONTRA LADRÕES,
LINGUAREIROS E SOVINAS*

Airas Nunes, francamente, andava com pouca sorte, pelo menos em Redondela e perto de Valhadolide:

O meu senhor, o bispo, na Redondela, un dia,
de noite, con gran medo de desonra, fogia;
eu, indo-mi aguisando por ir con ele mia via,
achei ùa companha assaz brava e crua,
que me deceron logo de cima da mia mua:
azêmela e cama levavan-na por sua.

De modo que os ladrões roubaram-lhe a mula e a cama, enquanto o bispo conseguia escapar. Perto de Valhadolide, Estêvão Nunes Churruchão, meirinho da Galiza entre 1285 e 1288, mandou-o prender. Despiram-no e deixaram-no assim na rua, tal como nascera: «Ali me desbulharon do tabardo e dos panos / e nom ouveron vergonha dos meus cabelos canos.»⁸⁰ Capote, vestes interiores, tudo foi pela água abaixo! Também aqueles eram ladrões. E ainda por cima, um rapaz tihoso chamou-lhe nomes feios.

Por seu lado, Fernan Soárez de Quinhones escreveu um serventês gracioso e de tipo tradicional contra D. Guilherme, D. Adão e D. Miguel Carriço, que roubaram uma igreja, levaram os carneiros dum homem de Astorga e tiraram as bestas dum frade. Mas castigou-os el-rei!, repete o refrém.

Havia também os cobardes, de quem já falámos noutro lugar. D. Fuão, por exemplo, que ao ver os ginetes muçulmanos, sacudiu-se, voltou-se, *alçou rabo* e foi para Portugal, escreve Afonso Méndez de Besteiros. Que sátira pitoresca! Alguns recebiam soldada e não iam

à guerra, nem tinham boas armas. Outros eram faustosos só para se divertir, mas não para combater. E havia infanções pelintras que prometiam cavalos aos seus homens e... nada de nada:

Disse un infante ante sa companha
que me daria besta na fronteira,
e non será já murzela nen veira,
nen branca, nen vermelha, nen castanha;
pois amarela nen parda non for,
a pran será a Besta Ladrador,
que lh' adurán do reino da Bretanha.

Claro, se o cavalo não for assim nem assado, nem branco nem vermelho nem castanho, será com certeza a Besta Ladradora que virá da Bretanha (e dela se contam feitos maravilhosos na *Demanda do Santo Graal*, em português). Ninguém a viu, não tem olhos nem rosto nem orelhas, não é gorda nem magra, não está ferrada nem por ferrar, não come erva nem palha nem cevada — tal qual a besta que me deu o infanção ⁸¹. Sátira do infanção e também sátira dos romances arturianos.

El-rei D. Dinis arrenegava dos maldizeres e dos maçadores, cuja conversa entrava pela noite fora e não acabavam de se ir embora. Pero da Ponte só desejava que os tolos se calassem, e assim passariam por ajuizados, Roí Queimado, num serventês, satiriza certo compadre seu, ou coisa parecida, por dizer mal de amigos e inimigos: «nunca vi pior»!

Contudo, o vício mais detestado, nestas cantigas, talvez seja a sovinice, algumas vezes filha da pobreza, noutros casos enraizada no feitio tacanho ou na ambição: não dar nada, não pagar bem, para ajuntar mais.

El-rei D. Dinis detesta Melion Garcia por trazer mal vestidas duas meninas ao seu cuidado. É ruim e não verá a face de Deus: «que já mais nunca verá / en nẽ un temp' a face de Deus». Se tomássemos tudo à letra e não víssemos a outra encosta do Monte da Verdade, julgaríamos que o mundo andava pela rua da amargura. Os homens enganavam-se com presentes do fim do ano e davam filhas em casamento por dinheiro. Os infanções, mesmo ricos, eram avarentos. Certo rico-homem afligia-se por gastar demais na luz. Outro só dava pano gasto pelo uso. Outro era tão agarrado que, na verdade, tornava-se tão pobre como qualquer modesto segrel. Que tem ele mais do que eu, se não lhe aproveita o que tem? O meu amigo, insiste Pero da Ponte, não me serve para nada. A sua amizade não passa de conversa fiada. Quem viu terra tão mal empregada como a sua? Nada espero dele «e dá-lhe o Demo terra e poder». Tudo inútil. E que dizer de certo fidalgo que, para juntar dinheiro, é capaz de vender os seus?:

Quen seu parente vendia, todo por fazer tesouro,
se xe foss' en corredura e podesse prender mouro,
tenbo que x' o venderia
quen seu parente vendia.

Sim, vender seu parente, bem afidalgado e sobrinho seu, com boa adega de vinho em Compostela! Quem faz isto é também capaz de vender cavalo coxo por bom ⁸². E o refrém vai e volta, no final de cada estrofe, como uma condenação irremediável.

E as misérias das mesas sovinas? Vai um rico-homem comprar trutas, vivas, ainda a mexer, cerca de cem estão

para vender. Vai ele, compra só duas pobrezinhas, das mais pequenas, e coze uma:

E, u as venden bolindo,
vái-s' en con duas riindo...
e coz' ende a ùa.

São versos de Roí Páez de Ribela e o trovador não larga o rico-homem: Perguntai-lhe porque mal come, porque mata gente à fome e à sede? Sim, perguntai-lhe «por que o faz», insiste o refrém. Que maus os seus jantares! Coze-se a carne, vai a gente por ela e desapareceu! E o refrém repete: «Um ricomaz, um ricomaz, / que de maos jantares faz!» Ricomaz, isto é, um bruto rico-homem. Mesmo na cozinha, custa a saber se é carne ou peixe! ⁸³

Nem sempre era avareza. Pelintrice ou, quando muito, a mediania austera de D. Quixote de la Mancha. Infâncias e ricos-homens riam-se, por vezes, da miséria «de quen mal come». Eles, porém, faziam o mesmo. Mas em certas ocasiões, sugere Pero da Ponte, os convidados não merecem melhor. Por exemplo, o trovador Soeiro Eanes foi jantar a casa dum infância «e jantou mal». Porém, as trovas que depois fez eram ainda piores.

Para acabar este assunto da boa e da má cozinha (antes má do que boa) citamos um serventês de Pero Viviaez a D. Fuão, rico-homem em cuja casa ninguém come bem nem mal. Por conseguinte, nada há a dizer da sua cozinha. Ao menos isso!:

Quen en sa casa comer non usou,
quer ben quer mal, assi como a el praz,
quen mal nen ben d' el diz, sandece faz ⁸⁴.

14. SÁTIRAS CONTRA AS MULHERES

O mundo não mudou por aí além. Maria Domingas ensina a filha a agradar e a dar às ancas, em vez de coser, fiar e tecer, protesta Pero da Ponte. Certas donas entregavam-se mesmo a um plebeu e isto irritava Fernan Rodríguez de Calheiros. Este zelo enraizava, por vezes, no ciúme. Mais claro, Joan Garcia de Guilhade celebra as qualidades superiores da mulher de *Don Foan*. Não admira, «ca ela fez Nostro Senhor, / e el fez o Demo maior». No fundo, teria gosto em suprimir o tal Dom Fulano, que era o marido.

Os trovadores davam-se a jogos verbais obscenos, ao falar de senhoras, como por exemplo Joan Velho de Pedroguez. Dissera-lhe certa dona para não se preocupar, pois já «sobre min» tomei o capelão. Isto é, tomara o encargo de lhe pagar. O poeta ligou à expressão um sentido sexual — e os homens daquele tempo, como os de hoje em dia, achavam graça a tais jogos de palavras. Os trovadores andavam longe de ser cortesões sem falha. Com efeito, Martín Soárez narra-nos, em termos chulos, a história de certa «dona», mais pudibunda em palavras do que na vida. Ela metera Dom Caralhote em cárcere donde não sairia mais. E não nos atrevemos a explicar.

Se fôssemos a avaliar a Idade Média só por isto, fariamos dessa época um monturo. Pero da Ponte fala-nos dos habitantes de Burgos, furiosos contra Pedro Bodinho, tão submisso à mulher que o engana como arrogante no seu cargo. Noutra cantiga, finge interceder, velhacamente, pela mulher de Martín de Cornes. Ela faz

como o «taful» que acha uns dados e joga com eles. Quer dizer, estava-lhe no sangue ser assim.

As mulheres andavam longe de viver em regime prisional. Por isso as famílias procuravam defender-se e Afonso Eanes do Coton insulta as cuvilheiras (ou criadas de dentro) e chama-lhes nomes feios, tão feios que lá ficam na cantiga. É uma fúria cósmica contra as cuvilheiras idosas! Apesar disso, havia desgraças nos lares, fugas e raptos.

Alguns maridos sustentavam filhos, nem eles sabiam de quem, e Martin Soárez ga-bava-se a Pero Rodríguez, talvez por graça, de o enganar com a mulher. Mas que estivesse descansado: ela jurava-lhe que amava o marido acima de tudo! Deus *vos deu bõa molher leal*.

Um dos escândalos do século XIII foi o rapto de D. Maria Rodrigues Codorniz por João Bezerra, pouco antes de 1245. D. Gonçalo Garcia põe a aventura em verso, rindo-se do porteiro que assim deixou levar a Codorniz. Ah!, porque a não guardou melhor?: «Levarõ-na Codorniz / de casa de Don Rodrigo»... Só estranhámos não dizer o poeta que a codorniz batera asas e que o porteiro nada podia fazer.

E agora, temos a história da *mal maridada*. Com efeito, nota a rubrica que D. Lopo Lias fizera a cantiga a uma «dona que era mui menina e mui fermosa e foguei ao marido»:

Muito mi praz d'ũa ren
que fez Dona Marinha:
non quer seu marido ben,
e soub' a pastorinha
foger.

*Mal haja quen non servir
dona fremosa que fogir!*

Ela fez end' o melhor,
a Deus seja gracido:
molhercinha tan pastor
saber a seu marido
fogir.
*Mal aja quen non servir
dona fremeosa que fogir!*

O refrém dá-nos a saber que o trovador de tão linda cantiga punha, nesta fuga, a sua esperança de ganhar para si mulher tão *pastorinha* (nova) e criança ⁸⁵.

Em cantar paralelístico, atrevido e gracioso, Roí Páez de Ribela desdenha de quatro mulheres: Mal me venha se eu, por fulana, cicrana ou beltrana *d'amores ei mall*! Noutra cantiga, queixa-se da «donzela de Biscaia». Ah!, se a apanhar a jeito, de noite ou ao luar! Mas sátira maravilhosa de lirismo é a que o mesmo trovador fez a «Maria Genta, Maria Genta da saia cintada». Pecava à luz das estrelas e os rapazes roubavam-lhe a aveia e a cevada, ainda por cima. E a exclamação dolorosa, no final de cada estrofe: *Alva, abríades-m'alá!* Como quem diz: Madrugada, rompias então e presenciaste a desgraça toda.

Afonso X diz que não a qualquer «donzela fea», preta como o carvão, peluda ou de cabelos brancos. Noutro lugar, pinta certa mulherona, montada numa mula, nas ruas estreitas duma aldeia. Que grande palheiro! Nunca vi «dona pior talhada», embora bem vestida. E sempre o refrém, neste sentido: Vi-a cavalgar por uma aldeia e quis jurar que era uma carrada de palha. D. Afonso Sanches, filho de D. Dinis, vai trovando a uma donzela e dá-lhe vários nomes: Conhecestes D. Beringela? Casou e chamam-lhe D. Maria. Depois, D. Ousenda — e assim

por diante. Eram poetas subtis, ora grosseiros ora refinados, sempre de grande agilidade mental. E tinham veneno, quando queriam.

Para exemplo, nas leis antigas de Leão, o assassino era posto debaixo da vítima. E Joan Airas de Santiago, em nome do «Livro de Leon», exige que lhe metam debaixo de si Dona Mor da Cana, pois esta o matara de amores. Isto, sim, que será justiça! Era uma obscenidade para rir.

Diz o povo (embora mal) que a um homem tudo fica bem, nisto de saias. Joan Baveca e Pedro Amigo de Sevilha, numa tenção, perguntam o que será pior: um nobre amar plebeia ou um plebeu amar uma mulher de estirpe? João Baveca julga razoável que um homem sem nobreza, mas de bom entendimento, queira «ben a mui bõa senhor». A esta, porém, fica mal amar um vilão. Pedro Amigo opta pela infalibilidade machista: «ca mui bon ome nunca pod' errar / de fazer ben, assi Deus me perdon»! Seria, porém, sandeu amar a quem o não merece.

Nos poetas, os defeitos de todas as mulheres dependem, às vezes, da boa ou má sorte com uma delas. A mais-que-tudo, a quem Joan Airas tanto amava, casou-se. Pôs-se logo a dizer mal «de quantas molheres no mund' á». Joan Vásquez vai-as defendendo, mas o outro responde: Todos se queixam delas. Vós, não, pois vos pagaram para isso. E cá temos Dom Dinheiro, a mandar na poesia. Nela e nas mulheres.

Verdade seja que Teresa López recusa a mão a Pero Marinho, apesar dos «seus dinheiros velhos». Mas fá-lo por ser ele fraco e «mais menino». Em geral, dinheiro e presentes tinham grande influência no coração delas. Fernan Páez de Talamancos lamenta-se duma senhora que aceitara os presentes e o coração dum plebeu,

decerto bastante rico. A «dona fremosa do Soveral» limitara-se a receber dinheiro e a não cumprir a promessa, o que enfureceu D. Lopo Lias. Por seu lado, Pedro Amigo de Sevilha mete a ridículo quem gastava dinheiro a rodos, por amor duma mulher «que nunca vistes riir nen falar». Que homem sandeu e mesquinho! O trovador ao menos via a sua amada — quando tinha dinheiro, claro. Então, sim, o que é dele pertence a ambos, diz ela.

Ontem, hoje e amanhã, o dinheiro conta para muito, no amor e na poesia. E o dizer mal também conta bastante. Mal das mulheres, neste caso. Marinha Foça, que escura sois! Mal haja quem te viu e desejou. Isto diz Pero da Ponte. Por sua vez, João Garcia de Guilhade faz uma paródia engraçada que já transcrevemos, em torno duma «dona fea, velha e sandia», como diz o refrém ⁸⁶.

Um trovador tão feia põe a sua amada que temos a impressão de estarmos a ouvir a descrição que Sancho Pança faz de Dulcineia del Toboso:

Sobrancelhas mesturadas,
grandes e mui cabeludas,
sobre-los olhos merjudas;
e as tetas pendoradas
e mui grandes, per boa fé;
á un palm' e meio no pé
e no cóis três polegadas ⁸⁷.

Isto de imaginar o amor cortês a invadir toda a Idade Média é, pois, um mito. Já naqueles tempos recuados, o poeta era um *fingidor*. Conforme lhe parecia (sem excluir o temperamento, claro) ia do realismo mais baixo até às regiões etéreas onde as mulheres quase se tornam anjos impalpáveis. Senhora, escreve Pero Larouco, bem maior

é a vossa «torpidade» do que a de todas as mulheres do mundo. Só a filha de certo rei está acima de vós, por feia e maldosa. Não me deixais saudades. Não sois boa nem bonita.

Pero Garcia Burgalês era mais prático e ensinava a sua dona a vestir-se melhor e a tocar-se bem. E que aprenda a falar, ou então a estar calada. Aqui está um bom conselho...

15. *SOLDADEIRAS E MULHERES DA VIDA*

Também elas são mulheres, mas duma casta especial. Mulheres algo errantes, ora em castelos, ora nas pousadas, ora nas festas dos grandes, inclusive nos paços dos bispos, viviam da paga do público e às vezes dum ordenado fixo, quando contratadas para a corte, por exemplo. Cantavam, bailavam, exerciam mesmo actividades histriónicas, segundo as ordenanças do século XIII. Mas ficavam, nos cancioneiros, sobretudo como mulheres de vida leviana. D. João Manuel trazia soldadeiras no seu séquito, muitas delas viviam com uma criada e foi preciso que o concílio provincial de Toledo, em 1324, proibisse a sua entrada nos paços episcopais, publicamente convidadas para festins. Eram desonestas e recitavam colóquios depravados. Da famosa Maria Pérez Balteira, sabemos os amores, além de mil episódios mais ou menos bordelescos. Dos seus bailados, das suas habilidades artísticas, das suas qualidades histriónicas, ninguém nos fala, apesar de estas lhe terem aberto todas as portas. Como nota Menéndez y Pidal, a jogralia de Maria Pérez Balteira

parecia insignificante aos homens, em comparação da sua vida alegre e licenciosa.

Vamos passar depressa, ao pé desta Barca dos Loucos, e entraremos um pouco nela. Não, porém, demasiado tempo, porque nada há tão monótono como o vício. Meia dúzia de truques sexuais, uma dúzia de variações, outra dúzia de palavrões procazes e é tudo. Afonso Eanes do Coton escarnece de soldadeiras velhas e pede a Maria Garcia que lhe pague, pois nenhum amor lhe tinha e ela recebia prazer. Salva-se, nesta cantiga, um provérbio ainda corrente: «quen pergunta non erra». Pedro Amigo de Sevilha queixava-se de a sua dona exigir dele um maravedi. Pero da Ponte ri-se de certa meretriz toledana, por alcunha a Peixota. Talvez pertença também a Afonso Eanes do Coton a cantiga *Marinha, en tanto folegares*, obscena até à medula e com uma terminologia sexual digna dum prostíbulo. João Baveca lembra-nos que a soldadeira Maior Garcia pagava a três clérigos, para não morrer sem confissão, e escreve a discussão doutras duas a tomar banho, nuas, cada qual na sua «masseira». A soldadeira Ouroana e o cavalo que lhe dá categoria, a sede sexual da soldadeira Marinha, o jogo ambíguo sobre o nome de Maria Grave, a miséria de Maria Leve, incapaz de viver sem a manceba e que vai morar com ela na Moeda Velha, tudo isto é uma gota de água, nas cantigas de escárnio e de maldizer, em torno das soldadeiras.

Certo homem do povo vive à custa de Elvira López e rouba-a em Santarém. Em compensação, Maria Pérez nada faz sem dinheiro. Mulher realista e prática, dizia ao confessor que lhe doía muito estar já velha. Do mais, nada lhe pesava e amou sempre o dinheiro: «O que veer quiser, aí, cavaleiro, / Maria Pérez, leve algun dinheiro»!

Eis a essência da prostituição. Pero de Ambroa, cheio de malícia, propunha a certa mulher que se vendesse a retalho, como o pão, a carne ou o sal. Cem soldos por junto pareciam-lhe de mais. Homem deslinguado, escarnecia cruelmente duma soldadeira a quem tecera louvores poéticos mas que agora, velha e «sabedora», morria de amores por um escolar:

Se eu no mundo fiz algun cantar,
como faz ome con coita d'amor,
e por estar melhor con sa senhor,
acho-me mal e quero-m' en quitar:
ca ùa dona, que sempre loei
en meus cantares, e por que trobei,
anda morrendo por un escolar.

Neste caso, é o escolar a explorar a soldadeira, enriquecida à custa da corte e de Pero de Ambroa. O ciúme parece-nos a musa inspiradora desta cantiga e talvez a «velha puta» não seja tão velha como isso ⁸⁸.

Tinha crueldade, este Pero de Ambroa. Crueldade ao menos verbal. Embirrava com a soldadeira Marinha Crespa, entrada em anos, mas que foi anichar-se no paço, para estar à fogueira e comer na corte. Ora, isso era para gente mais nova: *a boi velho non lhi busques abrigo!* Ela, porém, buscava-o para si, contestamos nós, e roa os ossos quem comeu a carne.

Pero da Ponte ouvira dizer que a soldadeira Marinha López ia para a corte da Biscaia, onde havia mil cavaleiros. E o poeta comenta, em paródia: Sim, bom lugar é esse e apartado, para «ela, que folia non quer». Vê-se mesmo que está arrependida. De Maria Negra, diz Pero Garcia Buralês coisas atrevidas: que assim lhe chamavam, não por ser trigueira mas, sim, por ser

peluda (e mudemos de assunto). Gosta ela de Pero Garcia Buralês? Grande honra para ela! Entrou na grande velhice e «per pissas berra, en terra deitada». E omitimos uma ladainha de indecências prostibulares. A sátira medieval tem disto, a rodos. O amor alambicado também floria, no seu artificialismo de corte bizantina. Contudo, a grande realidade, nua e crua, era esta.

Afonso X, o Sábio, não se envergonhava de poetar neste sentido. Descreve, por exemplo, a «baralha» de Domingas Eanes com um cavaleiro mouro (baralha sexual, entenda-se) em que a soldadeira venceu e, por outro lado, ficou vencida. Com efeito, apanhou uma doença venérea. Riam-se disto, então e agora. É a sátira, por vezes, uma planta de raízes maldosas. Para acabar, voltemos a Maria Pérez Balteira. A ela se refere D. Afonso X, a respeito do seu tamanho e do corpanzil de João Rodríguez, tudo com detalhes de arrieiro. Teve fama de mulher bonita, pelos meados do século XIII, e acabou por se refugiar, diz C. M. de Vasconcelos, «sob o amparo do convento de Sobrado, como *familiar e amiga*»⁸⁹. Atiram-lhe gracejos poetas sem conta: João Baveca, Pedro Amigo de Sevilha, Pero da Ponte, Pero Garcia Buralês, Pero Mafaldo e Vasco Pérez Pardal. Estais velha!, diz um. E ela zanga-se. Um pobre homem da fronteira anda à busca da Balteira e é isto uma vergonha! Ela tem a categoria do homem que a procura. Explorava os besteiros do rei. Que se há-de fazer desta cortesã? As suas desvergonhas estendem-se por Leão, Castela e Aragão. Chegam até à Mourama. Que o seu defensor vá matar mouros, para a vingar dos que a desonraram no corpo. Abalou na cruzada e voltou da Terra Santa cheia de perdões. O navio quase se afundava! Poucas indulgências lhe restam. Aliás, está bem que se perca tal

«perdon», porque foi mal ganhado. Quem escreve isto é
Pero da Ponte:

Maria Pérez, a nossa cruzada,
quando veo da terra d'Ultramar,
assi veo de pardon carregada
que se non podia con el en erger;
mais furtan-lho, cada u vai maer,
e do perdon já non lhi ficou nada.

O que os trovadores dizem e não dizem de Maria Balteira! Tem boas maneiras, mas gosta de jogar aos dados e praguejar. Tudo o que ela tem de bom me faz mal. Tive-a uma noite. Melhor seria para mim «jazer morto ou seer enforcado». Andou metida com um dos Escalholas muçulmanos da Andaluzia. Talvez deles recebesse poder para excomungar e absolver, pois vejo-a «muitos escomungar» ⁹⁰.

Será paródia esta cantiga de Afonso X? Supõe, na gente depravada, restos de consciência, pois evitam certos crimes e pecados, ao menos em sexta-feira santa. Quando o homem lhe metia atrevidamente a mão onde não devera, a soldadeira gritou que não, por ser naquele dia que Nosso Senhor morreu. O homem, por seu lado, reage em tom ambíguo de ironia e religião. E exclama: «Senhor, / beeito sejas tu, que sofredor / me fazes deste marteiro por ti.» Teve medo de morrer, quis fugir e não pôde, tão grande era o sofrimento. Mas aceitou-o pela paixão de Cristo: «Deus, meu Senhor, / esta paixon sofro por teu amor, / pola tua, que sofresti por min.» E continua ⁹¹:

Nunca, dê-lo dia en que eu naci,
fui tan coitado, se Deus me perdon;

e con pavor, aquesta oraçon
comecei logo e dixe a Deus assi:
— Fel e azedo bevisti, Senhor,
por min, mais muit' est' aquesto peor
que por ti bevo nen que recebi.

E poren, ai Jesu Cristo, Senhor,
en juízo, quando ante ti for,
nembre-ch' esto que por ti padeci!

Na Idade Média, muitas prostitutas recusavam pecar na sexta-feira santa e não há motivo para duvidar da sinceridade religiosa da soldadeira. Em terras do Minho, não há muito, uma parteira horrorizada recusou provocar um aborto nesse dia. Do poeta também não duvidamos, talvez influenciado pela soldadeira. Do oferecimento *explícito* daquela tortura sexual, em louvor da paixão do Senhor, é que duvidamos bastante. Estamos já no campo da ironia trovadoresca de Afonso X, sobretudo quando afirma que a sua dor-de-amor-de-mulher era pior e mais custosa do que o fel que Jesus bebeu na cruz. Aqui, sim, estamos no campo da paródia religiosa.

16. SÁTIRAS COPRÓNIMAS

Este capítulo não é para senhoras nem para gente de gosto afinado. Se os insectos soubessem ler, diríamos que se destina aos escaravelhos. Mas não destinemos ao index inquisitorial cantares deste género, tanto mais que podemos estudá-los como os médicos examinam as fezes. Aliás, o riso opera sempre uma espécie de catarse.

Eram poesias para rir (não para sorrir) e há gente capaz de achar graça.

Algumas cantigas pornográficas, evidentemente, têm aspectos fisicamente repugnantes, como salta à vista na obsceníssima (e tal classificação não vem de nós) cantiga de João Soárez Coelho a Luzia Sánchez: «Deu-mi o Demo esta pissuca cativa, / que já non pode sol cospir a saíva.» E deixemos o resto envolto na sua quase obscuridade arcaica.

Coprófila, no sentido rigoroso do termo, é a cantiga de Fernan Garcia Esgaravunha, em que o trovador faz de médico e aplica o saber num tal Ninguém-mim, prestes a morrer de febre. Meteu-o em cama quente, o doente dormiu e, ao despertar, «cobriu-s' e peeu». Sentiu-se logo melhor, depois de expelir os gases intestinais, e a cura foi indo: «mandei-o ben caentar e cobrir; / e, des que s' el ben coberto sentiu, / estornudou tres peidos» e arribou! Quanto a beber, deixei-o beber à vontade!

No mesmo sentido, ficou-nos uma paródia de Pedro Amigo de Sevilha aos presentes que os noivos trocavam entre si. Que me deu Sancha Díaz, a quem sempre amei? Primeiro um p... contra a sua vontade. Mais tarde, outro, mas grande e «en tal son», etc. Arrependeu-se, porém, de tal presente. E resignei-me a não receber outro melhor. Pero de Ambroa faz a Pero Bom uma caricatura de pranto, onde emprega o malcheiroso *peer*, em vez de expirar. Morreu ao cantar do galo e ninguém dele se aproximava, por cheirar tão mal.

Entretanto, Pero Armea, em cantiga suja a uma donzela feia e mal pintada, compara o rosto dela ao traseiro dele, trovador, com a condição de lhe porem

umas orelhas, alvaiade e sobrançelas. Felizmente, Pero de Ambroa tomou a pena vingadora:

Pero d'Armea, quando composestes
o vosso cuu, que tan ben parescesse,
e lhi revol e concela posestes,
que donzela de parescer vencesse,
e sobrançelas lhi fostes pôer, —
tod' est', amigo, soubestes perder
polos narizes, que lhi non posestes ⁹².

Muito bem enfeitastes o vosso traseiro e muito fizestes para imitar o rosto duma donzela. Tudo, porém, deitastes a perder, ao esquecer-vos de lhe pôr nariz! E Pero de Ambroa acrescenta, mais abaixo: Andai, pois, arranjai-lhe um nariz e nada haverá tão bonito «en toda a terra», nestes arredores. E ponde-lhe também uns beiços. Já tem barba, acrescentai-lhe uns bigodes!

Claro está que evitamos a brutalidade chula de certas palavras, limitando-nos a sugerir e não a expor a realidade nua e crua. O leitor curioso, como se dizia antigamente, pode ler pessoalmente as cantigas coprófilas — e tapar o nariz.

Lembram-se de Pero Bom ter morrido, ao cantar do galo, e de que maneira? Pero Garcia Burgalês também tomou o tema para si: Pero Bom adoeceu, «deu-lh' o peer, e pee, e ficou / seu aver todo mal desemparedado». Em suma, deu-lhe a tal doença malcheirosa e morreu. Ficaram os seus bens sem destino, pois só tinha um filho bastardo e, quando ele chegou, já o pai tinha morrido.

Estamos desertos por deixar este assunto. Porém, temos forçosamente de citar uma cantiga de Dom Arnaldo, um dos muitos poetas provençais da corte de

Afonso X, o Sábio. Pede ele ao rei o lugar de almirante dos mares de África. «Tinha um segredo, explica Rodrigues Lapa, para afugentar a armada sarracena: trazia dentro dele uma bolsa de ventos, com que afundaria os navios infiéis. O rei outorga-lhe a mercê e passa a chamar-lhe *Almirante Sisão*! Mas vai-lhe dizendo que lhe parecia menos cortês ele accionar dessa maneira o navio em que transportasse sua senhora, como era seu propósito.»

A todas as naus inimigas, ele armaria tal ventaneira que as dispersaria. O ventanal partia dele: «farai tal vent de me». Sugere e basta. Que grande força a do vento!, comenta Afonso X. Mas levar a sua «dona» ao Ultramar? Não está certo. Julgo não haver no mundo três mulheres tão corajosas. Porém, seria pouco elegante levá-las assim, juro-o por S. Vicente! ⁹³ Era um *gentleman*, este Afonso X, o Sábio.

17. SODOMA E GOMORRA

Não se trata unicamente de pornografia ou de graças sexuais, no género do conde D. Pedro de Portugal a rir-se dos amores de Mor Martins, a Camela, com João Mariz, o Bodalho (porco). Como pode uma camela emparceirar com um porco? Temos em vista os vícios contra a natureza. Mas passaremos ao de leve sobre tudo isto, pela sua geral falta de graça e, acima de tudo, por causa da sua monotonia.

Afonso Eanes do Coton implica ironicamente com Maria Mateus, mulher lésbia e toda inclinada a dominar sexualmente outras mulheres. Daqui nasce o refrém brutal — e que o leitor nos desculpe a sua transcrição:

«Mari' Mateu, Mari' Mateu, / tan desejosa ch' es de cono com' eu!» Não vale a pena traduzir em português de hoje — e seria feio.

Lembrando-nos que foi uma senhora de alta moral (C. M. de Vasconcelos) quem primeiro se avantajou, em Portugal, no estudo minucioso desta quase subliteratura, citamos outra vez Estêvan da Guarda, a quem se deve, no dizer de Rodrigues Lapa, talvez o maior atrevimento «de todo o *escarnho* galego-português». Durante o dia, Dom Fuão e a mãe discutiam a valer. Ela gostava disso. Palavras não lhe faltavam. Mas passavam juntos metade da noite, ou quase. Em suma, trata-se dum complexo de Édipo, mas realizado sem nenhum mistério. Que longe estamos da lenda grega e do fatalismo que a envolve, sem ninguém saber o que fazia! Tudo o mais, são cantigas de escárnio e maldizer contra pederastas, venham elas ou não de verdade sabida ou, ao contrário, de qualquer desejo de insultar brancamente. Homossexualismo activo ou passivo, pouco nos importa agora. Assim, Estêvan da Guarda chama «Coração de judeu» a certo cavaleiro de quem diziam «que era puto». Omitimos outras poesias do mesmo trovador. Homossexualidade com doenças venéreas, homossexualismo do segrel Bernaldo de Bonaval, com a roupa molhada colada ao corpo, homossexualismo com mouros, versos brutais de Pero da Ponte (faço trovas «a eles e a seus maridos»), tudo isto pouco vale. Há coisas para saber e passar e coisas para nos demorarmos nelas. Aqui, é só para ver e passar. Tais sátiras nem sequer dão vontade de rir — o que as desqualifica literariamente.

18. *CASOS E ACASOS DA VIDA CORRENTE*

São pequenas sátiras de circunstância, situações cómicas deste ou daquele, pequenas desordens ou historietas que os trovadores iam comentando.

El-rei D. Dinis faz troça duma pileca de João Bolo e do medo que ele teve do meirinho, por dizerem que a mula era roubada. Trocou bom cavalo por mula má! Noutra ocasião, roubaram-lhe o rocim. Ri-se D. Dinis e escreve, a respeito da mula deste «ligeiro cavalgador»: «Mui mais queria, besta non avendo, / ant' ir de pé ca del' encavalgado.»

Açoutaram Martim Gil. Feio era e mais feio se arrisca a ficar, exclama Estêvan da Guarda. Para graça, parece-nos cruel. E ainda mais a que segue, escrita por Fernández Barreto, contra o cavaleiro Roí Páez porque, apesar de gafo, ia em romaria a certa igreja de Nossa Senhora, em Santarém. Que não passasse pela Trindade, pois ali perto estava a gafaria e eram capazes de o meterem lá, porque andavam já com o olho nele. Têm fel, estes versos, embora sob forma de conselho.

Cavaleiros havia que mudavam de senhor, quando lhes convinha, afirma Joan de Gaia. Certo homem é o contrário de toda a cavalaria: Não tem cabeça, responde a despropósito, mente, fala quando lhe conviria estar calado, não tem sal na conversa e nada vale. Deus, que o fez tão ao contrário, «lhe queira dar, por saúde, doença», graceja Joan Lobeira.

Joan Servando faz trovas contra cavaleiro novo em sela velha. D. Lopo Lias celebra quatro cavaleiros, todos irmãos e mal amanhados. Montadas e arreios, dá tudo vontade de rir.

Um escudeiro não acertou nos socos que dava a um vilão. Joan Fernández andava sem manto e de saio curto. Isto faz rir Martín Soárez. Ao conde D. Pedro de Portugal, certo cavaleiro prometeu-lhe um alão. E outro, dois sabujos. Mas não cumpriram a promessa, apesar de lhes mandar pedir o alão e os sabujos. Enfim, questões de caçadores, com o ofendido a varrer a sua testada, em cantares satíricos.

Vasco Gil, na caça, emprestara o manto a D. Afonso X, talvez pelo mau tempo, e o rei deu-lhe, depois, um manto novo. Vasco Gil faz de conta que protesta (no fim de contas, o manto não era aquele!) e pergunta quais as determinações, sobre o caso, do Livro de León. E o rei afirma que já fora «clarizon» e estudara Decretais: Se o manto valia mais, o rei não roubou: «e non sōo, por aquesto, ladron».

Finalmente, eis-nos perante D. Ansur e a sua queixa: querelava-se ele «por couces muitos que lhi foron dar». Tinha razão para se queixar ao rei e ao mundo inteiro, daquele vilão, pensamos nós. Vasco Pardal, na sua cantiga, afirma o contrário. D. Ansur levou um pontapé? Pois dêem-lhe mil pontapés por cada um! Ele outros tantos aos outros deu, sem castigo nenhum. Mil pontapés, senhor, e que ele diga: «Con meu dereito vou.» Levo o que merecia!

IV / LIVROS DE LINHAGENS

Diz-nos C. M. de Vasconcelos «que em nenhum país se generalizou tanto o uso de apelidos motejadores como em Portugal» ⁹⁴. Será difícil provar uma afirmação tão absoluta. Contudo, é certa a frequência de tais apelidos em Portugal, antigamente e agora.

Muitos deles entraram no *Onomástico Medieval Português*, de A. Cortesão. Registamos, por exemplo, os apelidos pouco simpatizantes de Alcouce, Bácoro, Bacorino, etc. Tais nomes vinham dalgum defeito, de qualquer profissão ou lugar de nascimento e também de acontecimentos desairosos, passando a irrisão de a filhos. Em certos casos, porém, eram assumidos com orgulho e os outros perdiam o gosto de se alegrarem com a vergonha alheia. Além dos apelidos já apontados, vêm-nos ao encontro Barbudo, Barregã, Boca d'Égua, Bufo, Cabeça Brava, Cabeça de Vaca, Cabrão, Caga-Lobos, Caga-na-Rua, Carálio, Carraça, Chamorro, Corvo, Cousa-Má, Escalavrado, Escaldado, Farroupim, Farrapo, Farripas-de-Burel, Fura-Covas, Ladrão, Mal-Dorme, Marrano, Merda-Assada, Peido (apelido coprónimo até à medula), etc. Porém, a História vingasse de vez em quando e Cabeça de Vaca foi uma família notável da nobreza espanhola, com ramos em Portugal.

No escudo, de orla azul, seis cabeças de vaca, de prata. Por outro lado, notam-se apelidos elogiosos ou bonitos, como Barba Leda, Cabelos d'Oiro, Mãos de Águia, etc.

Poderíamos falar do riso das genealogias, por elas registarem as alcunhas e porem em realce as ovelhas gafadas desta ou daquela família, explicando, em certos casos, a origem vergonhosa do apelido. Assim nasceram os registos de certas misérias que passaram à história. Mesmo na verdade histórica (ou tida como tal) desabrocha, por vezes, a troça e o remoque irónico, à base do que foge a norma comum.

Os Livros de Linhagens citam, pois, certa irmã de D. Pedro Fernandes Cabeça de Vaca. E pouco adiante, este nome estranho: Pero Nunes Pestanas de Cão. Não recuamos perante certa nobre viúva, barregã de D. Rodrigo Sanches, nem duma tal Maria Viegas do Reguengo que, após aventuras pouco canónicas, se amancebou com o bispo D. Egas Fafes, de Coimbra ⁹⁵.

Mulheres forçadas, raptos, filhos de *ganbadia*, filhos adulterinos e até sacrílegos, isso pouco nos interessa agora, nem impressiona muito os genealogistas. Mas sorriam, com admiração, ao descreverem a vingança quase cósmica de D. Rodrigo Gonçalves, cuja mulher o enganava: Fechou as portas do castelo de Lanhoso e ardeu tudo, desde o monge do Bouro e a mulher de D. Rodrigo até aos homens, mulheres, bestas, cães, gatos e galinhas (tudo!), sem escapar vestido nenhum, nem cama ou qualquer móvel ⁹⁶. Rimos, a distância, deste drama digno do palco grego. Mesmo assim, nem todas as mulheres de então recuaram horrorizadas, pois o fidalgo achou ainda uma senhora para casar com ele — e não sabemos quem mostrou maior coragem, se ele ou ela.

Quando se explicam certas alcunhas, nota-se, às vezes, intenção de também satirizar, por exemplo, o famoso D. Simão Caga-na-Rua. O apelido era outro. Porém, num duelo judiciário, por uma questão de saias, borrou a sela toda. Por isso lhe chamaram Caga-na-Rua ⁹⁷. Nada mais claro e lembra-nos a frase de D. Quixote a Sancho Pança, em circunstâncias adversas: Cheiras, Sancho, mas não a âmbar!

A D. Airas Peres chamavam Farripas de Burel, não sabemos porquê. Quanto a Pero Soares, puseram-lhe a alcunha de o Escaldado, por ter poucas barbas ⁹⁸. Fulano foi sandeu. A certa abadessa, matou-a o badalo do sino ⁹⁹. De Pero Manda, contam que andava metido com o Demo. Beltrano gerou muitos e maus filhos, em certa barregã, «e nom valleo nem huum delles rem». Isto é, nenhum deles prestou para nada. D. Maria Rodrigues pôs «as cornas aos maridos ambos e foy muy maa molher» ¹⁰⁰. Ao menos, valha-nos a pureza misericordiosa de D. Beatriz de Novais, que tomou «pannos de seguramça e morreo nas Olgas de Burgos, virgem e sem semel» ¹⁰¹.

Implacavelmente, apontavam-se distâncias sociais — e não era por amor das vítimas. Beatriz Martins casou com Gomes Lourenço de Beja, «vogado e vilaão». Maria Manrique foi má mulher e fugiu ao marido para viver, em Burgos, com um ferreiro. Gonçalo Gomes casou com a filha dum carvoeiro de Évora. E tal facto é relatado mais duas vezes ¹⁰².

Havia, também, não a burla do genealogista mas, sim, a troça justiceira contra pobres mulheres apanhadas em adultério. Mesmo lenda ou, pelo menos, deformação de qualquer facto, o que se conta de D. Sancha Afonso das Astúrias era costume com força de lei. Eis o caso:

Andava D. Afonso Henriques «doneando» D. Sancha em casa do marido (Gonçalo de Sousa), até que aconteceu o irremediável. O marido cortou os cabelos à mulher, montou-a em cima duma azémola e mandou-a para a terra, com um escudeiro a tanger o animal. O pior foi que, antes da pobrezinha partir, «fege com ella meter búrrela a todos os rapazes que em sa casa erão»¹⁰³. E aqui está uma sátira que não passa de crueldade estúpida.

Finalmente, ainda nos *Livros de Linhagens*, ouvimos as invectivas da tropa, na batalha do Salado, num desafio à misericórdia de Deus: Senhor, porque entrastes vós no seio da Virgem Maria, porque morrestes na cruz e ressuscitastes ao terceiro dia, porque nos mostrastes o caminho da salvação, porque nos ensinastes a construir igrejas para, depois de tudo, nos abandonardes a nós e a toda a Cristandade?¹⁰⁴

Nestas imprecações, que resumimos, o tom quase atinge o sarcasmo. Não há, porém, desrespeito nem blasfémia. Somente angústia.

Já agora, citemos a graça parodiante do arcebispo de Compostela, antes da batalha com o conde D. Pedro. De manhãzinha, perguntaram-lhe os portugueses se queria combater. E ele gracejou à maneira eclesiástica e respondeu que não vinha rezar «outras matinhas»¹⁰⁵. Àquela hora, de facto, monges e clérigos rezavam matinhas. Mas as dele, arcebispo, ia-as ele rezar com as armas.

V / «CORTE IMPERIAL»

A *Corte Imperial*, em português do século XIV, é um livro de efabulação agradável e compilado em várias fontes, sobretudo em Raimundo Lulo. Dela muito escreveram Abílio Martins e J. M. da Cruz Pontes e com razão ocupa algumas páginas de *As Grandes Polémicas Portuguesas*¹⁰⁶. Raramente uma polémica é tão cortês que não entre um pouco pelos caminhos do escárnio e maldizer. Apesar disso, a *Corte Imperial* parece-nos, no conjunto, um livro delicado. Não graceja soezmente, nem insulta. Quando muito, sorri: Vós, Dom Rabi, sabeis... E para o alfaqui muçulmano: Bem sabeis, alfaqui amigo...

Mas, se a Igreja Militante, a dirigir o diálogo, era geralmente amável, o autor da ficção descrevia, por vezes, as personagens e os factos de modo menos amável e até com algumas tinturas de sátira, embora quase sem pisar o risco. Logo no começo da disputa, surge um filósofo ateu, homem bastante feio e de má catadura, a declarar que Deus não existia¹⁰⁷. Aqui, até a nobre rainha parece dura, pois chama-lhe pessoa sem siso nem saber. Coisa passageira! O homem converte-se e cobra juízo, como acentua a bela Igreja Militante,

maternal e firme. A invectiva contra o homem de má catadura tinha o seu quê do ralho das mães aos filhos.

É o aspecto físico dos judeus que mais gostamos de ver descritos em traços cómicos. Um deles, vestido de negro, tinha grandes barbas e nariz comprido. O rosto de certo rabi parecia velho e amarelo. Usava um tabardo ou capote negro. Outro era muito magro. Um deles, apesar de novo, tinha a cabeça calva, o nariz longo sem mesura e barba espessa. Outro era muito magro e feio. Outro, de semblante presunçoso. Ainda assim, mostram-se correctos e um deles chega a pedir desculpa de insistir nas suas razões ¹⁰⁸. Aliás, a nobre rainha pagalhe em moeda igual: Dom Rabi, não hajades por descortesia...

O rabi Papias vai escutando os argumentos da nobre rainha e, a dada altura, fica pasmado «e pose seos dedos da mão sobre sua boca» ¹⁰⁹. Não aparecem judeus gorduchos, desta gordura que inspira confiança e revela bondade.

Poucos se convertem dos judeus e dos mouros ainda menos. Mas os pagãos convertem-se quase em massa e os anjos cantam a glória do Celestial Imperador, tocando em desvairados instrumentos.

Na sátira benigna da *Corte Imperial* também entram os muçulmanos. Eles e os seus costumes religiosos e sociais. Os que, neles, fazem de sacerdotes são pobres mesteirais, na maior parte. Mafoma teve noventa mulheres e deu ordem ao povo para cada um ter só quatro (estamos a ver o sorriso malicioso da nobre rainha...).

Todos eles crêem que, no Paraíso, terão mulheres com fartura e rios de vinho, leite e mel, para beberem à vontade. Não saem destes delírios sensuais e do comer e

beber à sombra das árvores de fruta. A doutrina deles tem coisas porcas e para rir, pois ordenou Mafoma «que lanbesem os dedos depois que comesem». Há neles grandes comilões, lambem as mãos quando comem e com elas tiram a gordura dos tachos e das escudelas. Pensam que, no Céu, cada homem pode comer e beber tanto como quarenta homens neste mundo! ¹¹⁰

É uma refutação a sério, mas põe os hábitos dos muçulmanos a ridículo. Queiramos ou não, temos de sorrir daquele paraíso com homens a comer por quarenta. O anónimo autor faz sátira, talvez sem recorrer conscientemente ao sentido do ridículo e sem intenções satíricas. Trata-se, quase dum humor que não dá por si mesmo, enlevado na ideia de mostrar a superioridade cristã sobre o mundo muçulmano. Tanto melhor.

VI / O «PRANTO DA IGREJA»,
DE FREI ÁLVARO PAIS,
BISPO DE SILVES

Muito se escreveu sobre este galego do tempo del-rei D. Afonso IV ¹¹¹. As suas obras andam publicadas, na sua quase totalidade, e o seu *Pranto da Igreja*, em latim vivo e polemista, tornou-se muito conhecido, sobretudo no final da Idade Média, pois foi impresso em Ulm no ano de 1474. Os protestantes serviram-se desta obra para os seus fins. No entanto, Frei Álvaro Pais era ortodoxo até à medula e, ao mostrar as chagas da Igreja, pretendia curá-las e não desacreditar o catolicismo.

O *Pranto da Igreja* é o livro mais representativo de Álvaro Pais. Além disso, foi revisto em Portugal e refere-se várias vezes ao nosso povo. Por isso, tem ele um justo lugar neste livrinho, tanto mais que o seu autor foi bispo de Silves.

A obra enorme do *Pranto da Igreja* desenrola-se, em grande parte, à base duma alegoria, inspirada numa laude de Frei Jacopone de Todi ¹¹², mais tarde vertida em português por Mestre André Dias ¹¹³. Pranto da Igreja ou pranto sobre a Igreja, pois ambas as coisas exprime Álvaro Pais. E a Igreja é uma pessoa viva que chora as suas desgraças e pela qual nós também choramos e gritamos.

Com que força este fundibulário do século XIV invectiva a Igreja, desde os leigos até à Cúria Romana, onde os bispos, na ânsia de honras e dinheiro, *trotam* atrás dos cardeais! ¹¹⁴

Objectivamente, a obra *De Planctu Ecclesiae* encerra uma sátira por vezes cruel e injusta, embora Frei Álvaro Pais não pretendesse ir tão longe. Sátira na segunda parte, acima de tudo. Todavia e ao contrário de Lutero, o franciscano Álvaro Pais protesta contra os que chamam meretriz e marafona à Igreja e nela espera a salvação, tudo em prosa de sabor profético (quando não jornalístico, aqui e além) e até joaquimita, embora dentro da ortodoxia. Apesar de milhentas citações, encontram-se ali páginas de enorme beleza, no seu estilo breve e fremente.

Tem muito de autobiografia, esta grande obra. Uma autobiografia amarga e contra alguém. Muitos religiosos deram-me que sofrer, diz ele, vi-me enganado por uma beata falsa, falei com os hereges begardos e conheço-lhes os maus costumes. E queixa-se dos reis das Espanhas, inclusive do rei de Portugal: Eu, bispo de Silves, sou obrigado a beijar a mão ao rei de Portugal! ¹¹⁵

Duma ponta a outra, carrega a fundo na decadência da Igreja, parece-lhe tudo negro e grita, como um profeta, a pôr o dedo condenatório nas chagas do povo de Deus. Não é nenhuma meretriz, a Igreja. No entanto, os seus lamentos dirigem-se em todas as direcções da Cristandade. Ó Igreja violada, Igreja conspurcada, Igreja viúva e sozinha! Onde estão os bons eremitas?, pergunta ele, à maneira de Frei Jacopone de Todi. Onde param os religiosos observantes, sobretudo os da Ordem de S. Francisco? Os monges e frades a estudar, deles poucos estudam a valer. Além disso, não andam pelo caminho

da virtude. Gastam dinheiro ao jogo e nas tabernas, e fazem vida de goliardos. Até os escolares franciscanos os imitam, a comer e a beber com os outros universitários. Há monges vagabundos e também bastantes padres peregrinam e vagueiam de mais ¹¹⁶.

Do clero, que posso dizer? Os padres espanhóis e portugueses vivem mal e têm amantes. Aos da Apúlia, acontece o mesmo. Abundam clérigos tabernários, de vestes ricas e cabelos bem penteados. E gastam dinheiro com histriões, jograis e comediantes, quando não jogam aos dados. Nas missas solenes, canta-se à maneira do teatro, os padres lêem comédias e versos amatórios, passam duma igreja para outra e alguns deles antes querem ajudar as meretrizes e os jograis do que os pobres! Bispos e cónegos têm histriões e andam, em Roma, atrás de boas rendas ¹¹⁷.

Como na Dança Macabra, passam, neste Juízo Final, todas as classes e actividades sociais: Imperadores, reis, governantes, príncipes, nobres, magistrados, procuradores, testemunhas, cambistas, negociantes, mercadores, adolescentes, mulheres (que longa fieira de pecados elas têm aqui!), jogadores, soldados, usurários, etc. Só lendo.

Fala com desprezo dos nobres, cobre-os de sarcasmos e apresenta-os como dengosos e ridículos, apesar da vitória do Salado e da linha dura de D. Afonso IV. Apesar de tais injustiças, rimo-nos com a sua ironia e admiramos a sua força verbal. É ver como ele fala do dinheiro, *a quem tudo obedece* ¹¹⁸, diz ele, citando o Eclesiastes. E recordamo-nos, mais uma vez, do fragmento goliardo, do cód. alcobacense 34: «In terra summus rex est hoc tempore Nummus. / Nummum mirantur reges et ei famulantur. / Nummo venalis favet

et ordo clericalis»... No nosso tempo, o dinheiro é o maior rei da Terra! A ele servem e admiram os soberanos. O clero venal inclina-se para o dinheiro...

Deixamos o resto à curiosidade do leitor ¹¹⁹ e transcrevemos umas duas ou três estrofes da laude jacopónica que tanto influenciou Álvaro Pais. Mestre André Dias ¹²⁰ pôs em português e parafraseou essa *laude* ou loa italiana, na primeira metade de quatrocentos, e o leitor pode saborear essa versão arcaica:

E eu mým, e honde som os prophetas plenos de sabedoria?
Todo o mundo ora he cheo de mentira e de folia,
e nenguem nom quer ouvyr a verdade,
mays de boamente acha toda falsydade,
e engana a seu amygo com plazentearia,
por que seja atribulado.

E hu som os patriarchas, plenos de fe e de creença,
porque ja em todo o mundo, grandes e pequenos,
poserom e pooem toda sua vyda e fêmença,
de guaañar senhorios e riqueza,
e de cobiça e maleza
todo o mundo he muyto fortemente mazelado.

[.....]

E hu som os relegiosos e hyrmitaães,
que vyvam em grande tenperamento?
Ja todos som lançados
em muy grande perdimento,
priors e abades e monges
com todo seu convento,
todos de ssy dam maa exemplo,
e fazem a todos grande escandalo,
a todos muyto publicado ¹²¹.

O título italiano deste «cantar», em português, é precisamente *Del Pianto de la Chiesa*. Em latim, *De Planctu Ecclesiae*, quer dizer, um título igual ao da obra posterior de Frei Álvaro Pais. Sátira amorosa (pois o autor ama a Igreja) torna-se, por vezes, quase um planfleto, bastante erudito mas demasiado temperamental para ser um documento histórico seguro.

VII / A SÁTIRA NO «HORTO DO ESPOSO»

Obra dum frade anónimo do final do século XIV, o *Horto do Esposo* pertence ao grande ramo literário em que o *exemplum*, sob forma de parábola, lenda, história, fábula, etc., domina o estilo e está no centro do desenvolvimento doutrinal. De tal ramo fazem parte os *Gesta Romanorum*, o *Speculum Laicorum* e, acima de tudo, a *Nova Floresta*, do P.^e Manuel Bernardes.

Uma das sátiras mais graciosas e actuais do *Horto do Esposo* é o conto do aldeão que ia vender um carneiro morto. Pelo caminho, quatro *ribaldos* (um aqui, outro além, outro mais longe...) foram-lhe dizendo que deitasse fora aquele cão esfolado. Ora bem, o homem acabou por se deixar convencer, largou o carneiro e os quatro marotos fizeram um grande banquete ¹²². É a sátira alegre da propaganda e da lavagem do cérebro ou, se quiserem, a sátira da manipulação mental.

O frade podia ter lido essa história num sermão ou em qualquer derivado de Odo de Ceritona, empregando também este a palavra *ribaldi*. No entanto, o conto veio do Oriente e está na versão castelhana de *Calila y Dimna*. Só que tem um religioso no lugar do camponês e um veado no lugar do carneiro.

Ouvimos depois o conto do zanolho que escapou de acompanhar o rei na sepultura, alegando parecer mal ter um servo, no Paraíso, sem um olho ¹²³. *À quelque chose malheur est bon!*

Ainda hoje floresce, na pregação, a parábola dos dois caminhos. O *Horto do Esposo* também a traz, mas tranformando-a em sátira da estupidez humana: Dos dois irmãos, foi o *sandeu* que guiou o ajuizado e caíram ambos nas mãos dos ladrões ¹²⁴. Quantos idiotas a guiar pessoas inteligentes!

1. SÁTIRA DAS MULHERES

Quem pode conhecer as mulheres e as suas manhas infinitas? Que os homens tapem os ouvidos aos seus cantares e conversas, porque a mulher cantadeira é capelã do diabo e toca o sino dele. E aqui está uma coisa de fazer sorrir: a mulher a rezar as horas canônicas do diabo e a rezar a sua missa. Os defeitos das mulheres enchem meia dúzia de páginas do *Horto do Esposo* ¹²⁵. Elas são capazes de tudo. E se o homem não aceita as suas razões, começam a afagá-lo e a chorar — e não há quem resista. Ninguém as segura, nem que o homem feche bem a porta e esconda a chave debaixo do travesseiro. Outra história desavergonhada, e passemos adiante. Bonitas ou feias, têm artes para tudo e andam sempre com perguntas maçadoras: — Que estavas tu a dizer à criada? Quando chegaste do mercado? Porque estavas a olhar para Fulana?

Esta caricatura tem o seu fundo de verdade. Mas que é melhor abrigar um dragão, em casa, do que certas mulheres, parece-nos um pouco forte. Contudo, a sátira

mais sabida é a velha história da partida pregada a Aristóteles (o grave Aristóteles...), fazendo-o andar de gatinhas, com a mulher sedutora escarranchada em cima dele e Alexandre Magno a espreitar e a rir-se ¹²⁶.

Este caso percorreu a Idade Média europeia, sobretudo em francês, no *Lai d'Aristote*. O velho Aristóteles, está claro, escapou-se mediante uma sentença moral: Se a mim, velho e sábio, me enganou a mulher, o que sucederá a ti, Alexandre, que ainda és novo!

2. SÁTIRA DA FALSA SABEDORIA

O *Horto do Esposo* troça da ciência vã e do verbalismo. Bem fez certo professor da Universidade de Paris que abandonou o mundo: Deixo o coaxar às rãs e o crocitar aos corvos e as vaidades aos vãos. Vou estudar aquela ciência da lógica que não receia a conclusão da morte ¹²⁷. Isto foi dito em latim rimado, na *Legenda Aurea*.

Um bispo letrado não conseguiu converter os ingleses, com arrazoados escolares. Mas converteu-os outro bispo, com exemplos e parábolas. Cristo e os apóstolos não vieram ensinar-nos a arte da lógica. Ensinaram-nos, sim, a viver. É esta a arte das artes. E para acabar, esta graça inteligente de S. Luís, rei de França, sobre os livros demasiado bem conservados: Boa coisa seria estarem os livros mais envelhecidos e mais feios ¹²⁸.

3. *SÁTIRA DA CAVALARIA E DA NOBREZA*

A honra da cavalaria pouco vale. Aliás, os combates são muitas vezes injustos: A terra fica destruída, ardem os bens, rouba-se e há grandes queixumes. Os ricos ficam na miséria, eles, as mulheres e os filhos. Roubam-se os mosteiros e violam-se as virgens e as mulheres casadas. Glória de quê?

À cavalaria pertence boa parte da nobreza de linhagem. Esta, porém, pouco vale, só por si: A tua nobreza está repartida por todos os da tua ascendência. Porém, os que não vêm de fidalgos são nobres por si mesmos e esses valem mais. Com efeito, «toda a glória da nobreza he delle soa»¹²⁹.

Como depois diria D. Quixote, cada qual é filho das suas obras. Segue-se a caricatura do fidalgo pobre, tão frequente nas cantigas de escárnio e de maldizer e nalguns autos de Gil Vicente, até chegar à perfeição do amo de Lazarilho de Tormes, em Toledo. Quanto mais alta é a nossa linhagem tanto pior, se não somos ricos, insiste o *Horto do Esposo*. Todos se envergonham de nós. É humilhação demasiada aprender um ofício e mendigar é impossível. Como não ousamos confessar a ninguém que passamos necessidades, somos mais pobres do que os mendigos. Daqui nascem os pecados da nobreza arruinada¹³⁰.

4. *SÁTIRA DA GLÓRIA MUNDANAL E DAS RIQUEZAS*

Que vale a glória mundanal? Onde tem ela as raízes? Nos louvores do povo que se engana e deixa enganar!

Incha-se um homem de soberba, só por lhe incharem as orelhas com louvores. Aliás, a simpatia popular não dura sempre. Ora vai, ora vem. Arde e some-se, como um pouco de estopa. Vaidade das vaidades e tudo é vaidade, dizia Salomão. Os homens correm e discorrem pelos caminhos, sobem os montes, passam além dos outeiros e das altas serras, entram nas cavernas, esquadrinham as funduras da terra e do mar, passam rios, bosques e desertos, sofrem as tempestades e ondas do mar, arrancam os metais à terra, lavram as pedras, talham as madeiras, tecem os vestidos, cultivam os campos, plantam vinhas, acendem fornos, constroem moinhos, pescam, caçam, pensam, ordenam, têm querelas, pelejam, roubam, furtam, mercam, vendem, mentem, enganam, tentam juntar riquezas, acrescentar ganhos e honras, dignidades e poderio — e tudo isto é vaidade e aflição de espírito ¹³¹.

Claro que mendigar ainda é pior do que ser rico, porque do pobre todos os dias são maus. Mas os ricos aproximam-se da sua desgraça. E quando morrerem, cá ficarão as suas riquezas. Uns ganham para outros gozarem. E é este outro mal que viu Salomão, debaixo de rosa do Sol. Morrem e que lhes aproveita o gabo das riquezas, a alegria breve, o poderio mundanal, o vão deleite e a má cobiça? Onde está o siso deles e a sua graça? Para onde foram os que mandavam e onde param os grandes letrados e os que davam festas? Que é feito dos cavaleiros e dos seus cavalos formosos? Para onde foram os chefes militares e os sábios? ¹³²

Lembra-nos isto o humor negro e sarcástico de Hamlet, no monólogo com a caveira. Dignidades e prelações, pergunta o *Horto do Esposo*, que vale desejá-las? Fizeram-te «duque e mayoral»? Tanto pior para ti,

comenta S. Bemardo. Já dizia Bento XII: Julgam os homens que ser Papa é grande coisa, mas enganam-se. Desde que estou no papado, nenhuma hora foi boa para mim.

Tinha razão. Como podia ele descansar, ao leme da «nave de sam Pedro», que anda no mar do mundo? Antes ser clérigo pobre ou simples mesteiral. Ao Papa, nem lhe sobra vagar para «divros e outras obras graciosas»¹³³.

5. SÁTIRA DA IGREJA

Parece bela, a Santa Igreja. Até lembra a Virgem Maria! Certo monge, porém, viu uma senhora de maravilhosa formosura, mas reparou-lhe, depois, nas costas: estavam cheias de vermes. Era a Igreja, mas não a dos tempos dos apóstolos. Por causa dos maus prelados, murchou a formosura da Filha de Sião¹³⁴.

Mais adiante, temos a resposta de Allain de Lille, a quem perguntavam porque não queria ser bispo. É que um bispo ou arcebispo, respondeu ele, pode agora ser nomeado por três cónegos «ribaldos».¹³⁵

Como se vê, a Idade Média tinha a língua destravada e o *Horto do Esposo*, se viesse à luz no tempo da Inquisição, sofreria vários golpes de tesoura, antes de o deixarem imprimir. Felizmente, andava em manuscrito e os inquisidores nunca leram esta obra escrita para instruir e desenfadar uma freira devota.

Acabou este voluminho no limiar do século XV e gostaríamos de pôr aqui o fecho dum apógrafo de Raimundo Lulo, no cód. alc. 203: *Stilus scriptoris requiescat fessus laboris*. «A pena de quem isto escreveu descanse

fatigada do trabalho.» Mas espera-nos ainda o século XV, com a sátira dos soldados e caçadores, del-rei D. Duarte e da *Virtuosa Benfeitoria*, do *Boosco Deleitoso* e do *Cancioneiro Geral*. Daqui até lá, uma pausa misericordiosa.

NOTAS

¹ KENNETH R. SCHOLBERG, *Sátira y Invectiva en la España Medieval* (Madrid, 1971), p. 12.

² L. DE KERVAIL, *L'Évolution et le Développement du Merveilleux dans les Légendes de S. Antoine de Padoue* (Paris, 1906), pp. 224-229.

³ *Sancti Antonii Patavini Sermones*, ed. Locatelli, pp. 532-534.

⁴ *Ib.*, p. 714.

⁵ *Ib.*, pp. 47, 53, 189, 298, 330, 754.

⁶ *Ib.*, pp. 52-53.

⁷ *Ib.*, pp. 25, 26, 152, 153.

⁸ *Ib.*, pp. 26-28.

⁹ *Ib.*, pp. 253, 449, 563, 789, 866.

¹⁰ *Ib.*, pp. 64-65.

¹¹ MÁRIO MARTINS, *Estudos de Cultura Medieval* (Braga, 1972), pp. 95-103.

¹² *Sancti Antonii Patavini Sermones*, ed. Locatelli, p. 365.

¹³ *Ib.*, pp. 328-329.

¹⁴ *Ib.*, p. 279.

¹⁵ *Ib.*, p. 241.

¹⁶ *Ib.*, p. 419.

¹⁷ Cf. *Didaskalia*, t. 3 (Lisboa, 1973), pp. 337-361.

¹⁸ MÁRIO MARTINS, *Alegorias, Símbolos e Exemplos Morais da Literatura Medieval Portuguesa* (Lisboa, 1975), pp. 67-99.

¹⁹ Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. 5, fl. 161-161 v.

²⁰ *Ib.*, fl. 158.

²¹ *Ib.*, fl. 11.

- ²² *Ib.*, fl. 20.
- ²³ *Ib.*, fl. 153 v.
- ²⁴ *Ib.*, fl. 80.
- ²⁵ *Ib.*, fl. 132.
- ²⁶ *Ib.*, fl. 46 v.
- ²⁷ *Ib.*, fl. 35 v. Cf. também fl. 2-2 v.
- ²⁸ JOSÉ GUERREIRO LOVILLO, *Las Cantigas* (Madrid, 1949), p. 30.
- ²⁹ *Ib.*, n.º 153.
- ³⁰ AFONSO X, O SÁBIO, *Cantigas de Santa Maria* (Coimbra, 1959-1964), n.º 15.
- ³¹ *Ib.*, n.º 72, 154.
- ³² *Ib.*, n.º 61.
- ³³ *Ib.*, n.º 293, 316.
- ³⁴ *Ib.*, n.º 12, 89, 286.
- ³⁵ *Ib.*, n.º 290.
- ³⁶ *L'Art de Trouver du Chansonnier Colocci-Brancuti*, em «Arquivo do Centro Cultural Português», t. 10 (Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1975), p. 398.
- ³⁷ CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS, *Cancioneiro da Ajuda*, t. 2 (Halle, 1904), p. 220.
- ³⁸ *Ib.*, p. 223.
- ³⁹ MANUEL DE AGUIAR, *Cantigas de Escárnio e Maldizer: Uma Galeria de Caricaturas*, em «Portugaliae Historica», t. 2 (Lisboa, 1974), pp. 65-89.
- ⁴⁰ KENNETH R. SCHOLBERG, *Sátira y Inectiva en la España Medieval* (Madrid, 1971), pp. 56-134.
- ⁴¹ *Cantigas d'Escarnho e Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses* (Lisboa, 1970), n.º 230, ed. pelo Prof. M. Rodrigues Lapa. Nomearemos esta colectânea pela sigla RL e citaremos o número das cantigas desta edição. Os nomes dos autores irão como vêm no final de cada uma. Em geral, pelo menos.
- ⁴² RL, n.º 277.
- ⁴³ *Ib.*, n.º 279.
- ⁴⁴ *Ib.*, n.º 280.
- ⁴⁵ *Ib.*, n.º 281.

⁴⁶ C. M. DE VASCONCELOS, *Cancioneiro da Ajuda*, t. 2 (Halle, 1904), pp. 394-398.

⁴⁷ RL, n.º 388.

⁴⁸ C. M. DE VASCONCELOS, *op. cit.*, t. 2, pp. 559-560.

⁴⁹ RL, n.º 399. Para não ultrapassarmos os limites que nos foram sugeridos para esta obra, omitimos as citações, em nota, do número das cantigas, a não ser que façamos qualquer transcrição mais extensa. Sabendo o nome do trovador e os das pessoas de quem ou a quem fala, é fácil procurá-la, consultando os índices finais de RL.

⁵⁰ *Ib.*, n.º 21.

⁵¹ *Ib.*, n.º 199.

⁵² *Ib.*, n.º 401.

⁵³ C. M. DE VASCONCELOS, *Cancioneiro da Ajuda*, t. 2 (Halle, 1904), pp. 624, 625.

⁵⁴ RL, n.º 239.

⁵⁵ *Ib.*, n.º 141.

⁵⁶ *Ib.*, n.º 181.

⁵⁷ *Ib.*, n.º 203.

⁵⁸ *Ib.*, n.º 370.

⁵⁹ R. MENÉNDEZ PIDAL, *El AOI del ms. rolandiano de Oxford*, em «Revista de Filología Española», t. 46 (Madrid, 1963), pp. 173-177.

⁶⁰ DANIEL DEVOTO, *L'«AOI» dans la «Chanson de Roland»*, em «Anuario de Estudios Medievales», t. 5 (Barcelona, 1968), pp. 433-436.

⁶¹ *Ib.*, p. 433.

⁶² *La Chanson de Roland* (Paris, 1850), texto crítico, introdução e notas de F. Génin, nota da p. 340.

⁶³ RL, n.º 57.

⁶⁴ C. M. DE VASCONCELOS, *Cancioneiro da Ajuda*, t. 2 (Halle, 1904), p. 403.

⁶⁵ *Ib.*, n.º 130.

⁶⁶ *Ib.*, n.º 284.

⁶⁷ *Ib.*, n.º 407.

⁶⁸ *Ib.*, n.º 204.

⁶⁹ *Ib.*, n.º 33.

- ⁷⁰ *Ib.*, n.º 98.
- ⁷¹ *Ib.*, n.º 78.
- ⁷² *Ib.*, n.º 329.
- ⁷³ *Ib.*, n.º 148.
- ⁷⁴ *Ib.*, n.º 396.
- ⁷⁵ *Ib.*, n.º 175.
- ⁷⁶ *Ib.*, n.º 202.
- ⁷⁷ C. M. DE VASCONCELOS, *Cancioneiro da Ajuda*, t. 2 (Halle, 1904), p. 181, nota 2 da página antecedente e p. 624. Os dois cantares são os n.ºs 1138, 1139.
- ⁷⁸ GOMES EANES DE ZURARA, *Crónica da Tomada de Ceuta* (Lisboa, 1915), p. 93 (cap. 30).
- ⁷⁹ RL, n.º 287.
- ⁸⁰ *Ib.*, n.º 71.
- ⁸¹ *Ib.*, n.º 149.
- ⁸² *Ib.*, n.º 114, 269, 270, 322, 351, 356, 360, 364.
- ⁸³ *Ib.*, n.º 411, 413, 414.
- ⁸⁴ *Ib.*, n.º 406.
- ⁸⁵ *Ib.*, n.º 264.
- ⁸⁶ *Ib.*, n.º 203.
- ⁸⁷ *Ib.*, n.º 405.
- ⁸⁸ *Ib.*, n.º 205, 206, 245-247, 333, 339.
- ⁸⁹ C. M. DE VASCONCELOS, *Cancioneiro da Ajuda*, t. 2 (Halle, 1904), pp. 345-346. Sobre familiar, cf. VITERBO, *Elucidário*, t. 2, em *Famíliares*, e JOSÉ MATTOSO, *L'Abbaye de Pendorada des Origines à 1160* (Coimbra, 1962), pp. 65 e ss.
- ⁹⁰ RL, n.º 195, 321, 331, 337, 358, 376, 400, 425, 428.
- ⁹¹ *Ib.*, n.º 14.
- ⁹² *Ib.*, n.º 340.
- ⁹³ *Ib.*, n.º 430.
- ⁹⁴ Cf. *Poesias de Francisco de Sá de Miranda* (Halle, 1885), p. 799. Ed. de C. M. de Vasconcelos.
- ⁹⁵ *Livros de Linbagens*, em «Portugaliae Monumenta Historica. Scriptores», p. 155.
- ⁹⁶ *Ib.*, p. 284.
- ⁹⁷ *Ib.*, p. 168.
- ⁹⁸ *Ib.*, p. 333.

- ⁹⁹ *Ib.*, p. 153.
- ¹⁰⁰ *Ib.*, pp. 160, 304, 308.
- ¹⁰¹ *Ib.*, p. 309.
- ¹⁰² *Ib.*, pp. 147, 204, 208, 262, 302.
- ¹⁰³ *Ib.*, p. 176.
- ¹⁰⁴ *Ib.*, p. 187.
- ¹⁰⁵ *Ib.*, pp. 193, 290.
- ¹⁰⁶ MÁRIO MARTINS, *O Livro da Corte Imperial*, em «As Grandes Polémicas Portuguesas», t. 1 (Lisboa, 1964), pp. 29-35.
- ¹⁰⁷ *Corte Imperial* (Porto, 1910), p. 11.
- ¹⁰⁸ *Ib.*, pp. 38, 45, 46, 48, 52, 63, 186, 205.
- ¹⁰⁹ *Ib.*, p. 61.
- ¹¹⁰ *Ib.*, pp. 254-271.
- ¹¹¹ Cf. sobretudo NICOLAS IUNG, *Un Franciscain, Théologien du Pouvoir Pontifical au XIV^e Siècle, Álvaro Pelayo, Évêque et Pénitencier de Jean XXII* (Paris, 1931); ANTÓNIO DOMINGUES DE SOUSA COSTA, *Estudos sobre Álvaro Pais* (Lisboa, 1966); *Scritti Inediti di Fra Álvaro Pais* (Lisboa, 1969), ed. por Vittorino Menenghin. Nestas obras, pode o leitor achar uma enorme bibliografia.
- ¹¹² JACOPONE DA TODI, *Le Laude* (Bari, 1930), pp. 119-120.
- ¹¹³ MÁRIO MARTINS, *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias* (Mosteiro de Singeverga, 1951), pp. 22-24.
- ¹¹⁴ FREI ÁLVARO PAIS, *De Planctu Ecclesiae* (Liaõ, 1517), fl. 106.
- ¹¹⁵ *Ib.*, fl. 121.
- ¹¹⁶ *Ib.*, fls. 129, 133, 140-141, 163v-169, 176-262.
- ¹¹⁷ *Ib.*, fls. 90, 92, 102-103, 131-131v, 133.
- ¹¹⁸ *Ib.*, fl. 232.
- ¹¹⁹ MÁRIO MARTINS, *Estudos de Cultura Medieval* (Braga, 1972), pp. 98-101.
- ¹²⁰ Para bibliografia e conhecimento biográfico deste escritor, cf. A. D. DE SOUSA COSTA, O.F.M., *Mestre André Dias de Escobar, Figura Ecuménica do Século XV* (Roma-Porto, 1967).

¹²¹ MÁRIO MARTINS, *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias* (Mosteiro de Singeverga, 1951), pp. 22 e ss.

¹²² *Orto do Esposo* (Rio de Janeiro, 1956), p. 138. Ed. por Bertil Maler.

¹²³ *Ib.*, pp. 142-143.

¹²⁴ *Ib.*, pp. 205-206.

¹²⁵ *Ib.*, pp. 161, 312-318.

¹²⁶ *Ib.*, pp. 153-154.

¹²⁷ *Ib.*, p. 58.

¹²⁸ *Ib.*, pp. 7, 73, 77, 228-229.

¹²⁹ *Ib.*, pp. 232-233, 283-284.

¹³⁰ *Ib.*, pp. 275-276.

¹³¹ *Ib.*, pp. 102, 221.

¹³² *Ib.*, pp. 103-105, 127.

¹³³ *Ib.*, pp. 263-264, 268-273.

¹³⁴ *Ib.*, p. 18.

¹³⁵ *Ib.*, p. 55.

BIBLIOGRAFIA *

- AGUIAR, Manuel de, *Cantigas de Escárnio e Maldizer. Uma Galeria de Caricaturas*, em «Portugaliae Historica», t. 2 (Lisboa, 1974), pp. 65-89.
- ALVAR, Manuel, *Poemas Hagiográficos de Carácter Juglaresco* (Madrid, 1967).
- ASENSIO, Eugénio, *Poética y Realidad en el Cancionero Peninsular de la Edad Media* (Madrid, 1957).
- Estudios Portugueses* (Paris, 1974).
- BARBOSA, João Morais, *A Teoria Política de Álvaro Pais no «Speculum Regum»* (Lisboa, 1972).
- BELL, Aubrey F. G., *Portuguese Literature* (Oxford, 1922).
- Da Poesia Medieval Portuguesa* (Coimbra, 1933).
- BENNETT, M. A., *The Early Dominicans* (Cambridge, 1937).
- CAEIRO, F. da Gama, *Santo António de Lisboa* (Lisboa, 1967, 1969). Dois volumes.
- CAMPOS, Augusto, *Os Poetas Malditos do Mal Dizer*, em «Grial», n.º 13 (Vigo, 1966), pp. 357-362.
- CANTINI, Gustavo, *Vita Apostolica ed Azione Sociale di S. Antonio*, em «S. Antonio Dottore della Chiesa» (Città del Vaticano, 1947), pp. 223-248.
- Carmina Medii Aevi* (Turim, 1961).

- CHAMBERS, E. K., *The Mediaeval Stage* (Oxford, 1903).
Dois volumes.
- CIAN, Vittorio, *La Satira* (Milão, 1945).
- DEYERMOND, A. D., *A Literary History of Spain. The Middle Ages* (Nova Iorque, 1971).
- FONTES, Juan Torres, *Un Médico Alfonsí: Maestre Nicolás* (Múrcia, 1954).
- GARCÍA-VILLOSLADA, Ricardo, *La Poesía Rítmica de los Goliardos Medievales* (Madrid, 1975).
- GASSNER, Armin, *Zwanzig Lieder des Joan Ayres de Santiago*, em «Miscelânea de Estudos em Honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos» (Coimbra, 1933), pp. 385-386.
- Grandes Polémicas Portuguesas*, t. 1 (Lisboa, 1964).
- IUNG, Nicolas, *Un Franciscain, Théologien du Pouvoir Pontifical au XIV^e Siècle, Álvaro Pelayo, Évêque et Pénitencier de Jean XXII* (Paris, 1931).
- JEAN-MARIE d'HEUR, *Des Descorts Occitans et des Descordos Galiciens-Portugais*, em «Zeitschrift für romanische Philologie», t. 84 (1968), pp. 335-336.
- L'Art de Trouver du Chansonnier Colocci-Brancuti*, em «Arquivos do Centro Cultural Português» (Paris, 1975), pp. 321-398.
- JEANROY, A., e LANGFORS, A., *Chansons Satiriques et Bachiques du XIII^e Siècle* (Paris, 1965).
- LAPA, M. Rodrigues, *Das Origens da Lírica Portuguesa na Idade Média* (Lisboa, 1930).
- Lições de Literatura Portuguesa. Época Medieval* (Coimbra, 1973).
- O Trovador D. Lopo Lias. Introdução ao Estudo do seu Cancioneiro*, em «Grial», n.º 12 (Vigo, 1966), pp. 129-148.

- Vocabulário Galego-Português. Tirado da Edição Crítica das «Cantigas d'Escarnho e de Mal Dizer»* (Coimbra, 1965).
- LECOY, Felix, *Recherches sur le «Libre de Buen Amor» de Juan Ruiz, Archiprêtre de Hita* (Paris, 1939).
- LEHMANN, Paul, *Die Parodie im Mittelalter* (Stuttgart, 1963).
- LOPEZ-AYDILLO, *Los Cancioneros Gallego-Portugueses como Fuentes Históricas* (Nova Iorque/Paris, 1923).
- LOVILLO, José Guerrero, *Las Cántigas. Estudio Arqueológico de sus Miniaturas* (Madrid, 1949).
- MALER, Bertil, nos prefácios, notas, estudo das fontes e glossário da sua edição do *Orto do Esposo* (Rio de Janeiro, 1956; Upsália, 1964). Três volumes: o primeiro traz o texto; o segundo, as fontes da obra; e o terceiro, o glossário, com estudos introdutórios.
- MARRONI, Giovanna, *Le Poesie di Pedr' Amigo de Sevilha* (Nápoles, 1968).
- MARTINS, Abílio, *A Literatura Árabe e a «Corte Imperial»*, em «Brotéria», t. 26 (Lisboa, 1938), pp. 61-68.
Originalidade e Ritmo na «Corte Imperial», em «Brotéria», t. 26 (Lisboa, 1938), pp. 368-376.
Literatura judaica e a «Corte Imperial», em «Brotéria», t. 31 (Lisboa, 1940), pp. 15-24.
- MARTINS, Mário, *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias* (Mosteiro de Singeverga, 1951).
Estudos de Literatura Medieval (Braga, 1956).
Estudos de Cultura Medieval, t. 2 (Braga, 1972).
Alegorias, Símbolos e Exemplos Morais da Literatura Medieval Portuguesa (Lisboa, 1975).
À Volta do «Orto do Esposo», em «Brotéria», t. 46 (Lisboa, 1948), pp. 164-176.
Frei Álvaro Pais e o Poeta Afonso Geraldês, em «Brotéria», t. 65 (Lisboa, 1957), pp. 322-327.

- Das Doze Abusões deste Mundo*, em «Brotéria», t. 78 (Lisboa, 1964), pp. 42-45.
- O Sermonário de Frei Paio de Coimbra do Cód. Alc. 5/CXXX*, em «Didaskalia», t. 3 (Lisboa, 1973), pp. 337-362.
- MENARD, Ph., *Le Rire et le Sourire dans le Roman Courtois en France au Moyen Âge* (Paris, 1969).
- MENÉNDEZ PELAYO, *Antología de Poetas Líricos Castellanos*, t. 1 (Santander, 1944).
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón, *Poesía Juglaresca y Juglares* (Madrid, 1942).
- Poesía Juglaresca y Orígenes de las Literaturas Románicas* (Madrid, 1957).
- MOURIÑO, P. José, *La Literatura Medioeval en Galicia* (Madrid, 1929).
- NETO, Serafim da Silva, *Textos Medievais Portugueses e seus Problemas* (Rio de Janeiro, 1965).
- NUNES, J. Joaquim, *Trovadores e Jograis Galego-Portugueses*, em «Biblos», t. 1 (Coimbra, 1925), pp. 601-630. Etc.
- PANUNZIO, Saverio, *Pero da Ponte. Poesie* (Bari, 1967).
- PELLEGRINI, Silvio, *Studi su Trove e Trovatori della Prima Lirica Ispano-Portoghese* (Bari, 1959).
- PICCHIO, Luciana Stegagno, *Martin Moya. Poesie* (Roma, 1968).
- PIMPÃO, A. J. da Costa, *História da Literatura Portuguesa*, t. 1 (Coimbra, 1947).
- PONTES, J. M. da Cruz, *Estudo para uma Edição do «Livro da Corte Imperial»* (Coimbra, 1957).
- SCHOLBERG, Kenneth R., *Sátira e Inectiva en la España Medieval* (Madrid, 1971).
- SIMÕES, João Gaspar, *História da Poesia Portuguesa*, t. 1 (Lisboa, 1955).

- SOUSA COSTA, A. Domingues de, *Estudos sobre Álvaro Pais* (Lisboa, 1966).
- SPINA, Segismundo, *Apresentação da Lírica Trovadoresca* (Rio de Janeiro, 1956).
- SPÍNOLA, F. E. de Tejada, *A Sátira Política em Portugal durante o Século XV* (Lisboa, 1945).
- TAVANI, Giuseppe, *Lourenço. Poesie e Tenzoni* (Módena, 1964).
- TAYLOR, H. O., *The Mediaeval Mind* (Harvard, 1959).
Dois volumes.
- VALLEDOR, A. Cotarelo, *Los Hermanos Eans Mariño* (Madrid, 1933).
- VASCONCELOS, Carolina M. de, *Cancioneiro da Ajuda*, t. 2 (Halle, 1904).
Randglossen zum altportugiesischen Liederbuch, em «Zeitschrift für romanische Philologie», de 1896 a 1905.
- WADDELL, Helen, *The Wandering Scholars* (Nova Iorque, 1955).

* Em várias das obras e autores apontados, poderá o leitor procurar mais vasta bibliografia.